

ANAIS

SEMINÁRIO

CORPAS, SABERES

E TERRITÓRIOS

NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO

A  
MEMÓRIA  
DA  
PRESENÇA

**Organização**

AUANA DINIZ

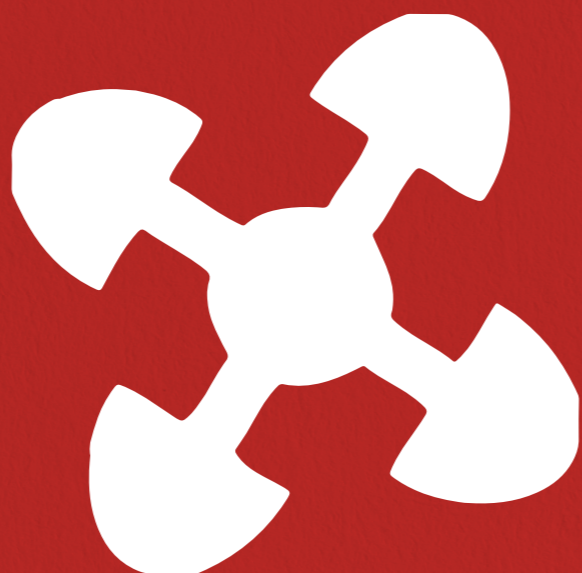
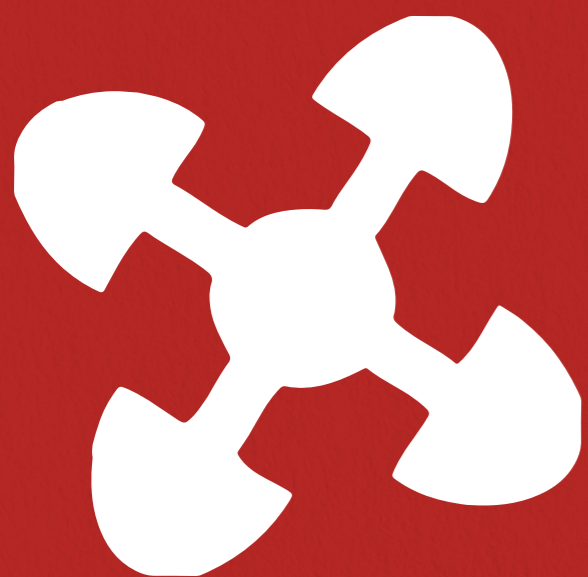
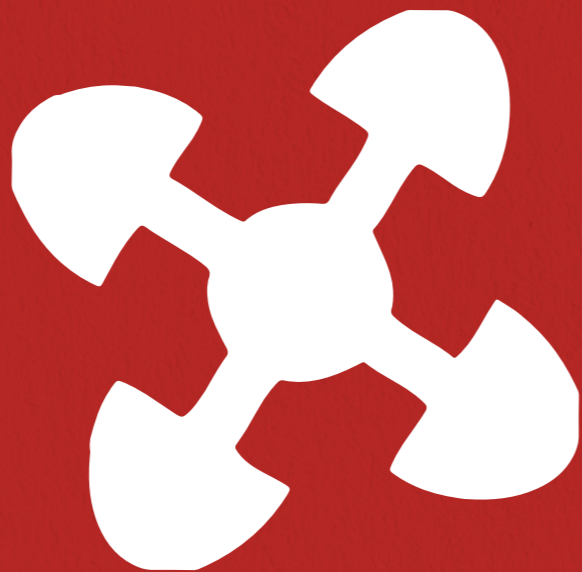
FELÍNIO FREITAS

JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA

LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO

RAQUEL SANTOS





**ANAIS**

**SEMINÁRIO**

CORPAS, SABERES  
E TERRITÓRIOS  
NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO

# A MEMÓRIA DA PRESENÇA

**Organização**

AUANA DINIZ  
FELÍNIO FREITAS  
JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA  
LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO  
RAQUEL SANTOS

unesp

instituto  
de  
artes

GPIHMAE  
GPIHMAE

Anais do Seminário Corpas Saberes e Territórios nas Artes e na Educação realizado de forma remota entre os dias 04 e 07 de maio de 2022

**Organização**

AUANA DINIZ  
FELÍNIO FREITAS  
JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA  
LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO  
RAQUEL SANTOS

**Projeto gráfico e diagramação**

DARWIN MARINHO  
RODRIGO LOPES

**Capa**

RODRIGO LOPES

**Revisão textual**

JENIFER SASKA

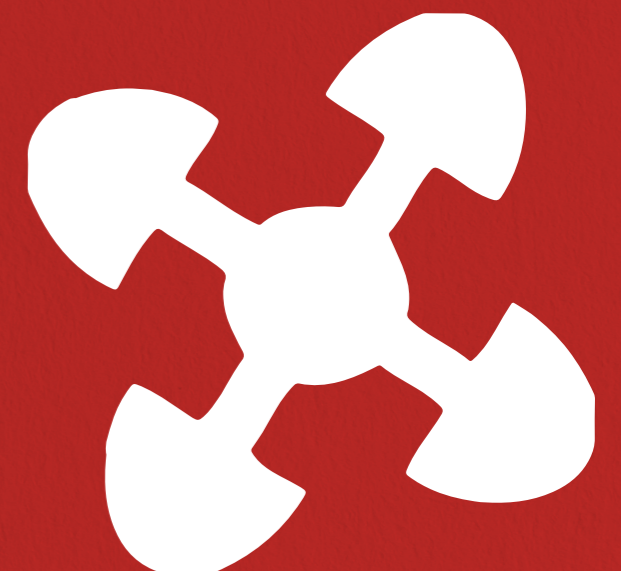
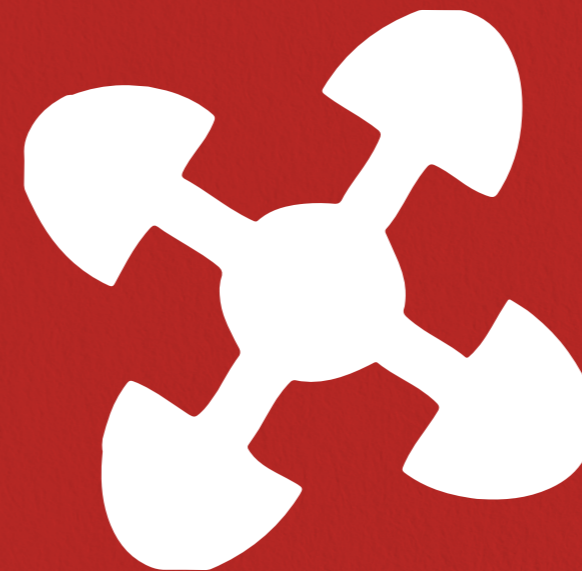
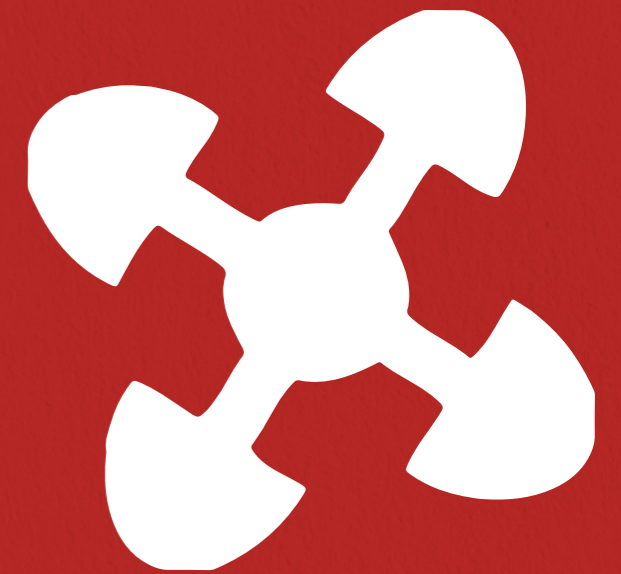
**Concepção**

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM IMAGEM, HISTÓRIA E MEMÓRIA, MEDIAÇÃO, ARTE E EDUCAÇÃO (GPIHMAE) E GRUPO DE ESTUDOS EGUNGUN / LÍDERES: RITA LUCIANA BERTI BREDARIOLLI E REJANE GALVÃO COUTINHO

Esta publicação foi produzida com verba da CAPES

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S471m	Seminário Corpas Saberes e Territórios nas Artes e na Educação (1. : 2022 : São Paulo) A memória da presença / Organização Auana Diniz et. al. - São Paulo: SESC/UNESP, 2022. 230 p. : il. color.  Evento realizado de 4 a 7 de maio de 2022 de forma remota ISBN: 978-65-88778-10-4 Programa de Pós Graduação em Artes. Trabalho do GPIHMAE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação e Grupo de Estudos Egungun  1. Arte - Estudo e ensino. 2. Educação. 3. Feminismo e arte. 4. Memória na arte. I. Título. II. Diniz, Auana. III. Freitas, Felínio. IV. Ferreira, Janaína Farias de Souza. V. Lopes, Levi Fernando (Levi Fernando Lopes Vieira Pinto). VI. Santos, Raquel.
-------	---



**SEMINÁRIO**  
CORPAS, SABERES  
E TERRITÓRIOS  
NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO

**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
**Administração Regional no Estado de São Paulo**

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
ABRAM SZAJMAN

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
DANILO SANTOS DE MIRANDA

**Superintendentes**

**TÉCNICO SOCIAL**  
JOEL NAIMAYER PADULA

**COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
IVAN GIANNINI

**ADMINISTRAÇÃO**  
LUIZ DEOCLÉCIO MASSARO GALINA

**ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO**  
SÉRGIO JOSÉ BATTISTELLI

**Gerentes**

**ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA**  
JULIANA BRAGA DE MATTOS

**ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO**  
MARTA RAQUEL COLABONE

**ARTES GRÁFICAS**  
ROGERIO IANELLI

**SESC AVENIDA PAULISTA**  
DANIEL HANAI

**UNESP - Universidade Estadual Paulista**  
**“Júlio de Mesquita Filho”**

**REITOR**  
PASQUAL BARRETTI

**VICE-REITOR**  
MAYSA FURLAN

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRAADUAÇÃO**  
MARIA VALNICE BOLDRIN

**IA-UNESP (Instituto de Artes)**

**DIRETOR**  
WAGNER FRANCISCO ARAÚJO CINTRA

**VICE-DIRETOR**  
MAURÍCIO FUNCIA DE BONIS

**COORDENADORA PPGA-IA**  
ROSANGELLA LEOTE

**COORDENADORA DO PROF-ARTES IA**  
REJANE GALVÃO COUTINHO

**Equipe Técnica**

**IDEALIZAÇÃO**  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM IMAGEM,  
HISTÓRIA E MEMÓRIA, MEDIAÇÃO, ARTE E  
EDUCAÇÃO (GPIHMAE)  
E GRUPO DE ESTUDOS EGUNGUN

**LÍDERES DO GRUPO DE PESQUISA**  
RITA LUCIANA BERTI BREDARIOLLI  
REJANE GALVÃO COUTINHO

**EQUIPE SESC**  
ANGÉLICA DE PAULA  
GRAZIELA NUNES  
JOÃO EVANDRO BIAZOTTO  
KARINA MUSUMECI  
LAÍS JESUS  
LILIAN SALES  
NILVA LUZ  
ROBERTA DELLA NOCE  
SUELLEN BARBOSA  
TINA CASSIE

**COMISSÃO ORGANIZADORA  
(GPIHMAE/EGUNGUN)**

AUANA DINIZ  
BUDGA DEROPY NHAMBIQUARA  
FELÍNIO FREITAS  
GILVANIA SANTOS SILVA  
JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA  
LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO  
LUCAS OLIVEIRA  
MOACIR SIMPLÍCIO  
MIRIANE BORGES  
PRISCILA LEONEL  
RAQUEL SANTOS  
RENATA MARIA  
RODRIGO LOPES  
SARAH DE CASTRO

**COMISSÃO CIENTÍFICA  
(PPGArtes-IA e PROF-ARTES-IA)**

ANDRÉA LUÍSA FRASÃO SILVA  
ERICK HENRIQUE SANTOS SOUZA  
FELÍNIO FREITAS, GABRIELA LUZ  
JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA  
JULIANA BALDUÍNO  
LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO  
LUCAS OLIVEIRA  
MIRIANE BORGES VALLE  
PRISCILA LEONEL  
RAINY CAMPOS  
RAQUEL SANTOS  
RAUL FELIPE SILVA RODRIGUES  
RENATA MARIA COSTA  
SUZIMARA BATISTA  
THABATA VECCHIO  
THIAGO NASCIMENTO

**IDENTIDADE VISUAL**

DARWIN MARINHO  
RODRIGO LOPES

# SUMÁRIO

## PARTE UM: A MEMÓRIA

escritas e vivências sobre o seminário

26

### **Festa de Saberes: Um Itãn sobre o Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação**

LEVI FERNANDO LOPES VIEIRA PINTO  
MOA SIMPLÍCIO

42

### **Palavras que Mediam Tempos e Ancestralidade: O Encontro entre Vovó Cici e Leda Maria Martins**

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

58

### **Encontro das Águas e Suas Correntezas**

GILVÂNIA SANTOS SILVA

70

### **Dos Afluentes que se Encontram Nesse Mar de Ritos e Corpas: Intimidades e Tensões**

JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA

82

### **Desorientações de uma Embarcada: Recalculando a Rota Durante a Travessia**

RAQUEL SANTOS

92

### **Recomeçando Sempre!**

REJANE G. COUTINHO

100

### **Do Amor e Outras Flores: Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação**

RITA LUCIANA BERTI BREDARIOLLI

## PARTE DOIS: A PRESENÇA

resumos apresentados nas Rodas de Conversa

### EIXO 01

Processos artísticos e saberes do corpo  
(dança, teatro e medicina ancestral)

126

### **Danças de Conexão com a Terra e os Quatro Elementos da Natureza**

TAMARA GRIGOROWITSCHS

127

### **O Chamado da Floresta**

BÁRBARA JACQUELINE SOARES MILANO

128

### **Corpas Travestis na Arte: Mapas de uma Cartografia de Saberes, Poeticidades e Transgressões**

LUÍS MASSILON DA SILVA FILHO  
MÁRIO DE FARIA CARVALHO

129

### **O Corpo na Escrita Anticolonial - Reflexões Sobre o Papel do Corpo na Oficina “Escrita Criativa Anticolonial”**

CAELÍ DA SILVA GOBBATO

130

### **Educação pelo Corpo que [VIDEO]DANÇA: Uma Exploração Metodológica de Perto e de Dentro das Mídias Digitais**

ERIKA KRAYCHETE ALVES

131

### **Unindo Jogos Teatrais e Simulação de Consultas Médicas**

LETÍCIA RODRIGUES FRUTUOSO  
NÁDIA MORAL  
ADILSON DONISET LEDUBINO

132

### **CORPO-SANTO: O Sagrado no Processo Artístico**

EMMANUEL FELIPE DE ARAÚJO AMARAL

133

### **Um Corpo que se Olha Através da Cerâmica - Discutindo Estruturas Sociais de Racismo**

PRISCILA LEONEL

134  
**Performances Circenses Femininas em uma Perspectiva Histórica**  
BEL MUCCI

135  
**Enegrecendo/Empretecendo os Clássicos: Cor/Raça/Etnia na Cena Teatral Brasileira Contemporânea**  
MIRIAN ALMEIDA DOS SANTOS

136-137  
**Onde os Mares se Encontram: ReORientando Nossa Música**  
COLETIVO CARTAS DE BEM VIVER

## **EIXO 02**

Espacialidades e saberes em territórios diversos: teorias, sujeitos e epistemes

140  
**A Experiência (e a falta dela) no Espaço Escolar**  
ANGEL KAY HOMEM DE MELLO ROBINSON

141  
**Movimento das Themônia: Singularidades Múltiplas em Produção e Fomento Artístico e Cultural na Cidade de Belém do Pará**  
GABRIELA LUZ DA CUNHA

142  
**Desvendando Dramaturgias para um Corpo Afrodiaspórico**  
EDICLÉIA PLÁCIDO SOARES

143  
**“Bora formar, Preta?”: Mentoria Científica Feminina e Afrocentrada**  
JULIANA SANTOS DE SANTANA  
LANNA KATHERINE LEITÃO CONCEIÇÃO

144  
**Enquanto Dorme a Pátria Mãe tão Distraída: “Medida provisória” Mostra Racismo Como Cupim Entranhado no Caráter Nacional**  
AURORA ALMEIDA DE MIRANDA LEÃO

145  
**“Corpoético: Corpo, Poesia, Ética e Estética na Elaboração do Território escolar”**  
GIULIANA TRAZZI  
MAZZU GONÇALVES

146  
**Ìyá Àgbá Gèlèdè - O Traje Yorùbá e os Saberes Ancestrais na Cidade da Garoa**  
JOSÉ ROBERTO LIMA SANTOS

147  
**Robótica Educacional na Educação Básica: Uma Proposta para o Ensino Fundamental I**  
RONALDO ARAÚJO DE SOUZA  
ERIC RIBEIRO ALVES  
FABIANE MONDINI

148  
**O Lado B dessas Histórias Featuring – Mulheres, Videoarte e a Artebiografia de Grouze e Priscila Leonel**  
IRIANE DU AGUIAR LEME  
REGILENE APARECIDA SARZI RIBEIRO

149  
**“Cuidado com a Visão de Rapina das Gazela” – Caminhos Para um Inventário da Produção Artística de Pessoas Pretas Dissidentes de Gênero na Arte Contemporânea Brasileira**  
LAU GRAEF  
IGOR SIMOES

150  
**O Ensino de Literatura na Rua: O Mapa Poético como Instrumento Educativo**  
DANIEL RODRIGO VIANA

151  
**Nossa Senhora do Barro da Caximba**  
VANDERLEI FRAGA SILVEIRA

152  
**Quilombo da Parada - Arte, Cultura, Educação e Resistência Negra**  
JULIANA BALDUÍNO

153

**Cinema no Brejo: A Filmação como Brincadeira e Aventura com os Espaços**

LEONARDO MONT'ALVERNE CÂMARA

154

**A Árvore da Vida - Uma Contextualização de Identidade e Memória!**

LINDINALVA BARBOZA DE SOUZA

155

**Na Roda dos Direitos: Corpos Femininos entre a Ginga pelo Direito de Existir e a Cultura Machista**

AMANDA SILVA DE PAULA

**EIXO 03**

Feminismos, teorias e práticas

158

**Kukuli Velarde entre o Feminino e Feminismo das suas (RE)construções Narrativas Contemporâneas da Ancestralidade Andina**

SIMONE CRISTINA GARCIA

159

**As Artes Literárias de Mulheres Negras Construindo Afromemórias**

LUZIA GOMES FERREIRA  
JOMARA FERREIRA CHAVES SANTOS

160

**Uma Revolucionária Amorosa: A Contribuição Intelectual de bell hooks à Teoria Feminista**

MARJORIE NOGUEIRA CHAVES

161

**Mulheres Transgressoras: Abordagem Teórico- Metodológica no Ensino-Aprendizagem das Artes Visuais a Partir de uma Perspectiva Intercultural e Feminista**

LICIANE KETTY DA SILVA BRAZ

162

**Na Rua Nossas Lutas se Encontram: Feminismos nos Lambes Produzidos por Mulheres**

ROSSANA PIRES  
SANDRO OURIQUES CARDOSO

163

**Participação Feminina no Choro Paulistano**

MIRIANE BORGES VALLE

164

**Bordados da Resistência: Paráfrases de Malhas e Nós**

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS  
VANESSA PORFIRIO

**EIXO 04**

Corpas, gêneros e sexualidades

168

**Riscos, Rabiscos, Voltas e Revoltas: Pequeno Diário de uma Professora Monstra**

T. ANGEL

169

**Esse Quilombo é Nosso: A Memória Ancestral no Corpo de Mulheres Negras na Capoeira Angola**

LETÍCIA MENEZES (FLOR DE LIZ)  
PEDRO ABIB

170

**O Teatro do Oprimido e a Performance como Bases para Discussão Sobre Violência de Gênero em Sala de Aula: Processos Criativos com Estudantes do Ensino Fundamental II de uma Escola Militar em Manaus/AM**

ALINE VASCONCELOS BARRETO

171

**Orixás do Orum ao Ayê: Representações Interseccionais no Quadrinho Escolar**

RAUL FELIPE SILVA RODRIGUES  
VALÉRIA APARECIDA BARI

172

**(V)ENTRE: Produção Artística e Educacional Sobre Corpos com Vulvas**

GLÁUCIA GUSMÃO LUZ

173

**“(IN)defina-se!”: Uma Corpa em Fuga no Campo da Educação**

CLÁUDIA MADRUGA CUNHA  
WILLIAM ROSLINDO PARANHOS

174

**Teatre: Espaço de Criação, (RE)existência e Afeto**

DOLLY TRINDADE DE ARAÚJO

MADU MACHADO

RICARDO CARVALHO DE FIGUEIREDO

175

**Revelar é um Mergulho Rumo à Escuridão de Perfume  
Avermelhado**

RODRIGO LOPES

**EIXO 05**

O “chão de escola” - pedagogias não lineares  
e grafias antirracistas

178

**Arte e Educação nas Necrópoles Paulistanas: Hoje a Aula é  
no Cemitério**

MARCOS ROBERTO DA SILVA DO CARMO

179

**Texto, Jogo e Cena: Os Desafios e Encruzilhadas do Ensino  
de Teatro na Formação Étnico-racial do Educando e da  
Educanda**

RUBENS DOS SANTOS CELESTINO

180

**Olhares Negros: Referências Periféricas na Escola Pública**

JANAÍNA FARIAS DE SOUZA FERREIRA

181

**Corpas - Coletivo de Rupturas, Potencialidades e  
Acolhimento das Subjetividades**

THIAGO NASCIMENTO

182

**Educação das Relações Étnico-raciais na Educação  
Infantil: Projeto Qual a Minha História?**

ANDRESA DE SOUZA UGAYA

183

**O Pão que a Gente Compartilha: Experiências  
Significativas e Encantadas no Território Escolar**

ANA PAULA DA SILVA PENA

JOSÉ ALFREDO OLIVEIRA DEBORTOLI

184

**Revista Digital: Raízes Linguísticas e Herança Cultural**

SUZIMARA REGINA BATISTA RIZZO

MARÍLIA GABRIELA RUBIO

ELAINE CRISTINA SIQUEIRA

185

**Quem Nomeia “Artes Brasileiras”? Relatos de Experiências  
de Estágio em uma Sala de Aula de Artes**

MARCUS TURÍBIO

186

**De África pra cá: Arte e Memória como (Re)Existência**

AMANDA HARUMI FALCÃO

MANUELA MACHADO RIBEIRO VENANCIO

SILVANA COTRIM MOREIRA DA SILVA

187

**O Rap Encena na Escola: Diálogos e Perspectivas**

LORENA OLIVEIRA DE SOUZA

188

**A Potência em Ser Vista/o: Ensaio Fotográficos da  
Revista Empoderar**

GILVÂNIA SANTOS SILVA

189

**Jongo na Educação Infantil: Ancestralidade e Cultura  
Negra**

MARIA LUIZA MIRANDA PAULINO DA SILVA

ANDRESA SOUZA UGAYA

190

**Educação Antirracista, Branquitude e Educação Infantil**

MATHEUS HENRIQUE DE FREITAS

ANDRESA SOUZA UGAYA

191

**Formação Docente e Relações Raciais: Escrevivências de  
Professoras Negras do Ensino Médio da Rede de Ensino do  
município de São Paulo**

DÉBORA MEDEIROS DE ANDRADE

- 192  
**O Jardim das Lagartas: Espaços de Vida e Conexão na Prática Docente**  
FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA
- 193  
**Tecendo Experiências Artísticas e Culturais com Estudantes de Hidrolândia-GO**  
MIRIANY MARIA DA SILVA
- 194  
**Outras Introduções ao Ensino de Arte: A Cultura Popular do Educando como Abordagem Decolonial em Sala de Aula**  
ERICK HENRIQUE SANTOS SOUZA
- 195  
**Compartilhando Narrativas: A Contação de Histórias Negras como Percurso Formativo Docente**  
MARIANE DEL CARMEN DA COSTA DIAZ
- 196  
**Pedagogias Afrodiaspóricas: Caminhos Para a Construção de Uma Arte/Educação Antirracista**  
MONIQUE PRISCILA DE ABREU REIS
- 197  
**Na Gira dos Orixás com Crianças: Metodologia Afro-brincante, Epistemologias Lúdicas e Negras**  
LIA FRANCO BRAGA
- EIXO 06**  
Oralidade: vozes de encantamento
- 200  
**Raízes Quilombolas do Sapê do Norte: Assentando a Identidade Ancestral no Quilombo São Cristóvão e Serraria (São Mateus – ES)**  
JOSILÉIA DOS SANTOS DO NASCIMENTO  
GILDA DOS SANTOS DO NASCIMENTO
- 201  
**Tiririca: O Que é O Que é?**  
MARCOS ALBERTO SIMPLICIO

- 202  
**Gritos Poéticos: Corpos Pretas na Encruzilhada entre Poesia e Resistência**  
CAJOTA
- 203  
**Denúncia e Crítica Social Através da Música de Capoeira**  
KENNEDY M. DA SILVA
- EIXO 07**  
Os saberes de terreiros de candomblé presente nas escolas e nos processos artísticos
- 206  
**Ojiji, Memória e Árvore Ancestral: Curadoria Fotográfica dos Arquivos da Família de Asè**  
MEL TAYNNÁ BRITO ARAÚJO ANDRADE
- 207  
**Potencialidade das Narrativas Orais Presentes no Terreiro: Pensar o Corpo-Território Docente com a Cultura Africana**  
EDUARDO OLIVEIRA MIRANDA  
PÂMELA DOS SANTOS PORTO
- 208  
**Memórias Sagradas: a Invisibilização da Umbanda nos Espaços Oficializados pela Perspectiva Museológica e Patrimonial**  
INIA BERNADETE PANTOJA COSTA
- 209  
**Dizer a Palavra na Mediação de Leitura a Partir dos Saberes de Terreiros de Candomblés**  
FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

**PARTE TRÊS: A GIRA**  
o arranjo do seminário

**MESAS**

214

**Mesa 01 - Conversas Sobre o Tempo**

COM EBOMI CICI E LEDA MARIA MARTINS

215

**Mesa 02 - Poéticas, Saberes e Memórias**

COM GENI NÚÑEZ E JULIANA DOS SANTOS

216

**Mesa 03 - Rito, Performance e Corporeidade**

COM CASTIEL VITORINO BRASILEIRO  
E EDUARDO MIRANDA

217-218

**Mesa 04 - Criando Territórios para outros Saberes**

COM GISELDA PERÊ, MIRELLA MARIA,  
REJANE COUTINHO E RITA BREDARIOLLI

**MINICURSOS**

219

**Na encruzilhada das línguas**

COM MOISÉS PATRÍCIO

220

**Devolve o meu quadril**

COM DEISE DE BRITO

220-221

**O lugar do Saber Ancestral**

COM MÁRCIA KAMBEBA

**RODAS DE CONVERSA**

222-223

**Eixo 01 - Processos Artísticos e Saberes do Corpo (Dança, teatro e medicina ancestral)**

223

**Eixo 02 - Espacialidades e Saberes em Territórios Diversos: teorias, sujeitos e epistemes**

224

**Eixo 03 - Feminismos, Teorias e Práticas**

224

**Eixo 04 - Corpas, Gêneros e Sexualidades**

225

**Eixo 05 - O “Chão de Escola” - Pedagogias Não Lineares e Grafias Antirracistas**

225

**Eixo 06 - Oralidade: Vozes de Encantamento**

226

**Eixo 07 - Os saberes de Terreiros de Candomblé Presente nas Escolas e nos Processos Artísticos**





LEVI  
FERNANDO  
LOPES VIEIRA  
PINTO<sup>1</sup>

MOA  
SIMPLÍCIO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em arte e educação do Instituto de Artes da UNESP.

<sup>2</sup> Moa Simplicio é Consultor em assuntos educativos. Analista de Projetos. Pesquisador. Atua desde 2001 com Produção, consultoria, palestras e atendimento para PCDs e formação de professores na AEP Produções em projetos culturais educativos e exposições. É professor, pesquisador, palestrante,

ilustrador e artista. Foi Assistente de professores na USP - Universidade de São Paulo. Professor Universitário no curso de Artes Visuais na FMU/SP; UNIBAN e PUC/MG. Coordenador pedagógico no Instituto Dottori de ensino. Docente de artes na ETEC Carlos de Campos. Atuou como Analista de projetos, Palestrante e facilitador para a Conferência nacional de Cultura e Mais Cultura nas Escolas no MINC - Ministério da

Cultura. Ilustrou os livros Espumas flutuantes de Castro Alves; Lembranças de esquecer de Camilo Guimarães e Cidadela Ardente de Thelma Guedes, publicados pela Ateliê Editorial. Possui pesquisa pessoal em artes e práticas artísticas decolonial (está na base de dados da enciclopédia Itaú Cultural). Entre outras exposições, participou da Mostra Internacional de Mini Gravats, em Barcelona e do Projeto Novas Imagens

(Meridiano-Meridian), em Milão. Expôs gravuras no Café do MAC-USP; no Projeto Gravura Paulista - Primeira Revisão da Gravura, na Universidade de Brasília; e no Museu da Gravura da cidade de Curitiba. É doutorando em Artes pela Unesp, SP, integra o grupo de estudos Egungun. É professor no Instituto de Artes da Unesp - SP e professor de artes na ETEC Carapicuíba



# NA TRAVESSIA DA GRANDE CALUNGA: UM ÌTÀN SOBRE O SEMINÁRIO CORPAS, SABERES E TERRITÓRIOS NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO



LEVI FERNANDO  
LOPES VIEIRA PINTO

MOA SIMPLÍCIO

# NA TRAVESSIA DA GRANDE CALUNGA: UM ÌTÀN SOBRE O SEMINÁRIO CORPAS, SABERES E TERRITÓRIOS

Uma floresta de um único tipo de árvore  
não é uma floresta, é um n'dima (pomar),  
não importa quão extensa seja,  
porque uma floresta é sempre um conjunto na  
diversidade.  
(MARTINS, 2021, p. 57).

Foi numa tarde de sábado, ensolarada, bonita, na qual o mundo parecia reluzir a ouro quando cinco mulheres se encontraram, formaram uma roda de *iyábas* e, pelo encantamento da palavra, fizeram o círculo girar, desfiar o tempo em pequenos fios que lembram o movimento das águas que fluem calmas.

Assim foi o ~~último~~ encontro do *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*, evento organizado pelo Egungun.

Estas mulheres – Rejane, Rita, Giselda, Mirela, Raquel – já fiavam tantas histórias, memórias, *àdúràs*, *oríkis*, saberes e territórios com as espumas dos fios das águas que formavam o rio de palavras brotadas lá em tempos outros, antes mesmo do Seminário acontecer.

<sup>3</sup> Nos terreiros de candomblé existe um ritual chamado *Sasáyín* que “[...] consiste em despertar o poder mágico das ervas, isto é, a força dos elementos da natureza, contida nas plantas, e para isso as ewé serão reverenciadas através de cânticos e fórmulas sagradas com a função de trazer à tona esses poderes latentes nos vegetais de Ossaim, sendo sempre precedidas de uma saudação – Ewé ó – e de um oriki (louvação), que costuma sofrer modificações de ordem dialetal de uma casa para outra” (BARROS; NAPOLEÃO, 2022, p. 33).

Um rio de palavras: imagem muito sensível compartilhada por Felínio na mesa/gira de abertura do evento. Um rio de palavras: esse mesmo rio que pode carregar consigo as folhas (ewé) de Ossaim. Folhas que podem curar e matar, como nos lembrou também Felínio. Folhas que, por sua vez, podem ser remédio ou veneno, tudo depende de como as despertamos e encantamos. Basta que se use a palavra certa.

Um rio de palavras onde em suas águas podemos macerar as folhas e, ao mesmo tempo, despertar seu axé. É dessa água corrente que nos banhamos e nos curamos<sup>3</sup>. Um rio de palavras, enfim! Capaz de reflorestar terras antes descampadas pela violência colonial. Florestas esquecidas e reduzidas a monoculturas inférteis. Da mesma forma, é necessário que reflorestemos nossos afetos na pluralidade, segundo convite de Geni Nuñez em sua participação na segunda gira. Reflorestar uma vasta terra com um rio de palavras capaz de lavar as feridas de um Brasil esquizofrênico, como Castiel pontuou em nossa terceira gira.

Foi nessa tarde dourada que as águas das *iyábas* permitiram, mais uma vez, que a barqueira pudesse conduzir corpas e saberes, juntando outros tantos territórios que outrora pareciam cindidos pela grande calunga.

Foi nesse rio de palavras que o nosso barquinho pode buscar outros territórios.

E embora todas as giras que antecederam esse *shirê* das *iyábas* envolvessem o refluir da mesma água curativa, escrevinharemos estas linhas iniciais a partir de uma fala de nossa mais velha do GPIHMAE. Com sua voz embargada e os olhos marejados – os cílios borbotando as lágrimas do grande rio que nos conduzia –, Rejane Coutinho nos compartilhou os esboços de seus começos, falas rascunhadas e que não encontraram um fim, pois “os começos se enroscam”. Talvez isso seja um pouco do tempo espiralar, pensou.

Sim, é o tempo espiralar.

Mas é também *Èsù* e suas traquinagens.

É também *Èsù* e seu jeito de transformar a certeza em dúvida.

É *Èsù* e seu jeitinho de pegar a linha reta e transformá-la numa encruzilhada.

É *Èsù* também nos ensinando que somos **começos**: somos a palavra encantada no plural. Começos que não necessariamente exigem um fim.

Assim como o rio ou como o mar, para aquelas/es que ficam e olham o barquinho desaparecer no horizonte, a travessia jamais terá um fim.

Macumbaria.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo *kumba*: feiticeiro (o prefixo “ma”, no quicongo, forma o plural). *Kumba* também designa os encantadores das palavras, os poetas. Macumba seria, então, a terra dos poetas dos feitiços, os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular da morte. (RUFINO; SIMAS, 2018, nota introdutória).

Feitiços e macumba: as giras/mesas que reencantam a academia, a busca por outras travessias, novas encruzilhadas; inundar em profusão de outros saberes a universidade, poetizar em gestos o movimento de resistência.

Macumbaria.

Como começar, afinal? Há tantos timbres em nossas vozes – corpas ancestrais ainda resistentes parecem buscar espaço em nossas palavras. Questionamos: como não deixarmos nos inquietar pela insistência do silenciamento que a universidade promove em relação a outros saberes? Como não nos incomodarmos com a violenta perpetração desse dispositivo colonial nos territórios de nossos antepassados, concretando nossas memórias?

Cheguei à teoria porque estava machucada  
- a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo.  
Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender  
- apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim.  
Mais importante, queria fazer a dor ir embora.  
Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2017, p. 83).

Encontrar na teoria um local de cura sempre pareceu muito desafiador. A própria bell hooks, neste mesmo texto que abre nossa voz, chama a atenção para a falsa dicotomia forjada entre teoria e prática. Herança de uma tradição filosófica e epistêmica eurocêntrica que, por séculos, procurou estabelecer limites entre os saberes.

Todavia, há ainda um outro ponto de muita boniteza nisso tudo: bell hooks, neste e em outros trabalhos autorais, afirma sempre que seu encontro com a teoria ocorre num momento de profunda sede. No seu ensaio intitulado *Paulo Freire*, escreve:

Encontrei Freire quando estava sedenta, morrendo de sede (com aquela sede, aquela carência do sujeito colonizado, marginalizado, que ainda não tem certeza de como se libertar da prisão do *status quo*), e encontrei na obra dele (e na Malcom X, de Fanon etc.) um jeito de matar essa sede (hooks, 2017, p. 71).

hooks ainda nos convida a imaginar uma obra como “água que contém um pouco de terra” (hooks, 2017, p. 71). Nesse mesmo sentimento de desamparo, nos reconhecendo como corpas alijadas do sistema colonial pelo qual vivemos morrendo de sede, a obra de bell hooks foi justamente essa água potente que nos permitiu encontrar na teoria um local de cura.

Dessa nossa voz, pretendemos verter palavras que fluem como águas. Águas que possam aplacar a nossa e a sua sede ou, ainda, de lavar nossas feridas coloniais, sempre inflamadas, mas em constante cicatrização.

Difícil desenhar as bonitezas dessas giras. Como narrar o que aparentemente é inenarrável? Talvez, de fato, estejamos nos privando de uma habilidade que Benjamin levantara há muito tempo: “[...] a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Mas escrever sobre este seminário é um compromisso e uma responsabilidade que assumimos, pois “[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/or ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019, p. 28). Assim, transformamos estas palavras escritas como folhas/*ewé* de Ossaim que deixam se levar pelas águas, encantam-se e se espalham pelo mundo.

Apresentaremos, portanto, alguns relatos e trabalhos desenvolvidos durante o *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*, idealizado pelo Grupo de Estudos Egungun. Trata-se de um Seminário que nasceu nesse esforço de buscar a cura e de encontrar locais onde houvesse água para que pudéssemos saciar nossa sede.

Mas antes gostaríamos de começar abrindo esta gira contando a vocês um *itàn*, ou seja, uma história de *Osùn* e do nosso *bàbá Òsálá*.

*itàn* é uma palavra iorubá que pode ser traduzida aproximadamente como “relato”. Todavia, o que se relata? As histórias, as memórias, enfim... os feitos dos *òrisàs*. Os *itàns* nos ajudam a lembrar. São as pegadas de nossos ancestrais, histórias que fazem parte de nossa vida. Os *itàns* permitem que nossos antepassados possam viver entre nós. O tempo espirala no bailar das *corpas* em transe no chão do terreiro, ao som dos atabaques – mas é também na palavra que o tempo se desvia da cronologia. *Òrò* – palavra – pode se tornar *Ofò* – versos recitados que, nos *itàns*, encantam nossas *corpas* no tempo ancestral. Os *itàns*, as palavras, os versos, fluem entre nós como as águas de *Osùn*.

E é por essas águas que gostaríamos de começar e convida-les a se banhar!

*Ora yèyè o iyá mi Osùn!*

<sup>4</sup> *Obàtálá* é o mesmo que *Òsálá*. Na diáspora africana, *Obàtálá* que, segundo vovó Cici, é composta por uma família de 451 *òrisàs*, divide-se basicamente em dois títulos, a saber: Oxaguiã, ou seja, o *Òsálá* mais novo, guerreiro, pai do pilão; e temos o Oxalufã, o mais velho de todos os *òrisàs*, aquele que nos *shirê* aparece por último carregando seu opaxorô para conseguir caminhar entre todos. *Obàtálá* aqui é usado como sinônimo do Oxalufã, o *òrisà* mais velho.

<sup>5</sup> Nosso corpo nossa água / Nosso corpo nossa água / Mãe Oxum a venerável senhora das águas / Nosso corpo nossas águas.

<sup>6</sup> *Funfun* significa “branco”. Os *Obàtálá* são conhecidos como orixás *funfun* por usarem apenas branco. Para o povo iorubá, o branco é a síntese de todas as cores. Representa a vida e a morte.

Há muito tempo, ao pé de um rio, o velho *Obàtálá*<sup>4</sup> chorava e suspirava. Havia uma ferida enorme em sua perna que lhe doía e o impedia de seguir seu caminho. Ao ouvir os lamentos, *Oya* – a mãe dos ventos – apareceu e perguntou ao pai do pano branco a razão de seu pranto. *Obàtálá* então mostrou-lhe a ferida, inconsolável. Contou-lhe que seu doloroso machucado o impedia de caminhar. Assim, *Oya* preparou um emplastro de pimenta, sal e cinza – os tabus de *Obàtálá*, ou seja, tudo aquilo que lhe faz mal – e colocou essa mistura em sua ferida, causando ainda mais dor no pobre *Obàtálá*.

*Oya*, a senhora das tempestades, foi-se embora. *Oya*, contam-nos, era má com o velho *Òsálá*.

Ao pé de um rio, o velho *Obàtálá* chorava e suspirava. As águas do rio seguiam seu curso, murmurando docemente a sua tristeza e dor. E chorou como se dos seus olhos brotasse uma cachoeira. Pôs-se então a cantar uma cantiga. Era uma canção que ninava as águas e consolava as mágoas.

Ará wa omi wa  
Ará wa omi wa  
Ó yèyè Òsùn omi olowo  
Ará wa omi wa<sup>5</sup>

*Osùn*, a senhora das águas doces, surgiu então diante do pai do *àlà*, reluzindo como ouro, segurando sua moringa d’água e lavando pacientemente a ferida de pai *Òsálá* enquanto cantava com ele a mesma cantiga que agora lembravam o embalar das águas no amanhecer.

*Osùn* cantou com *Òsálá*.

*Osùn* lavou-lhe as feridas.

*Osùn* banhou o machucado de *Òsálá* com ervas curativas colhidas no pé do rio.

*Osùn* cobriu o machucado de *Òsálá* com um pano branco em respeito ao *òrisà funfun*<sup>6</sup>.

*Òsálá* logo se curou.

<sup>7</sup> Assim são chamados as devotas e os devotos dos Orixás que nas casas de candomblé entram em transe.

Pelas águas de *Osùn*, a ferida do nosso avô ancestral se cicatrizou.

Assim, com este *ìtàn*, *Osùn* nos mostra que as águas curam. As águas têm sabedoria. As mesmas águas que podem nos afogar podem também lavar uma ferida. As águas do mesmo rio revolto podem apaziguar um corpo que tem sede.

*Obàtálá* é o nosso avô ancestral. Pai do pano branco, *Obàtálá* “dorme no branco do branco. De dentro do branco rebrilha. Ilumina o rumo do rumo” (RISÉRIO, 2012, p. 157). Manifesta-se em seus *éléguns*<sup>7</sup> com o corpo curvado – idoso, carrega o peso da idade, mas também o peso da criação. Não à toa é representado por um *igbín* (caracol): o casco do caramujo é espiralar. Devagar, devagar – como canta um dos vários de seus ensinamentos – carrega consigo a espiral do tempo.

Por isso, *Obàtálá* é associado à sabedoria ancestral. A paz, a harmonia. Mas especialmente a sabedoria e a criação. Convido-os a pensarmos juntas a boniteza de um dos vários saberes que este *ìtàn* nos sugere: as águas de *Osùn* são capazes de curar a sabedoria ferida de *bàbá Òsálá!*

A sabedoria que sangra ferida, magoada. Como não nos lembrarmos das sombras dos nossos dias de hoje? Onde nossas vozes ancestrais cada vez mais são silenciadas, sufocando o pranto de saberes outros que não se cicatrizam, pois mais do que uma recusa a olhar, recusamos ouvir.

O *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação* – gestado pelo Grupo de Estudos Egungun – nasce quase como uma reencenação não ensaiada deste gesto delicado de *Osùn* para *Òsálá*. Ou ainda, como a própria bell hooks, que desamparada na solidão de quem tem sede antiga, busca verter água das palavras. Todavia, não podemos falar do Seminário sem antes contarmos um pouco da história do Grupo de Estudos Egungun.

O Egungun nasce num cenário de terror, quando o ar estava em falta. Quando o Covid-19 nos aterrorizava. Foi neste contexto também que vimos a violência racial se multiplicar, com o assassinato brutal de George Floyd nos Estados

<sup>8</sup> Orí (cabeça) é o nosso orixá mais importante. Todes temos cabeça, logo, todes somos assentamento de orixá Orí. Sem Orí, nossos pés não andam, nossas mãos não trabalham, nossos ouvidos não escutam, nossos olhos não veem. Se Orí não quer, nenhum orixá consegue fazer nada por nós. Um Orí saudável é uma vida próspera. Um Orí saudável se permite mudar quando necessário, pois Orí busca sempre o que é melhor para nós. Um Orí saudável sabe que as re-Orí-entações são necessárias...

<sup>9</sup> Batidas de palmas.

Unidos. Egungun é um grupo que emerge num momento em que os encontros das águas eram urgentes para nos alentar da ferida colonial.

Egungun é um grupo de estudos que surge em agosto de 2020 e é integrante do GPIHMAE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação –, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, sob a coordenação das Profas. Dras. Rejane Galvão Coutinho e Rita Luciana Berti Bredariolli. A necessidade de um “subgrupo”, por assim dizer – como um braço de um longo rio –, surgiu devido às inquietações partilhadas por algumas pesquisadoras e pesquisadores do GPIHMAE que ansiavam por expandir suas metodologias e epistemologias numa perspectiva decolonial e antirracista nas artes, na educação, na pesquisa, na academia etc. Trabalhos como os de Moa – a benção! – convidam a nos re-Orí-entarmos dentro de nossas pesquisas, a buscarmos a encruzilhada como um lugar possível para essas re-Orí-entações<sup>8</sup>. Tantos contextos, feridas, potências, bonitezas e aproximações foram essenciais para fomentar uma discussão que ultrapassa questões que se reduzem apenas ao letramento racial – buscava-se compreender a forma pela qual o pensamento decolonial ocorria de fato em nossos trabalhos – como dito anteriormente, que não se reduzia à academia, mas que abarcava os territórios da arte e da educação, por exemplo.

Nesse sentido, o GPIHMAE tornou-se um espaço poderoso de encantamento, mandinga e magia para que a palavra pudesse desenfeitiçar os carregos que sofríamos. Era o início de uma gira. Uma abertura. Um ensaio. Assim, desta grande gira é que pode nascer outra: o Grupo de Estudos Egungun.

Com longas vestes tecidas em panos coloridos que cobrem todo *Ara* (corpo), do *Orí* aos pés, o corpo bailarina. Não enxergamos o rosto, mas ao olhá-lo, vemos apenas um pequeno orifício que serve de comunicação com o sujeito encoberto. O corpo dança embalado pelo oco e grave *paó*<sup>9</sup> que também serve para marcar o ritmo da cantiga alegre e celebrativa que sai estridente das gargantas entumecidas daquelas e aqueles que assistem ao rodopio dos pés que no

zigue-zague costuram uma história no chão de terra batida. A pele do atabaque vibra.

No culto tradicional africano, nossos ancestrais também encontram sua representação em *bàbá Egungun* – um *òrìsà* que é nosso próprio antepassado. Trata-se de uma filosofia complexa o culto ao Egungun, mas ele é a base para que a cultura afro diaspórica traga consigo a essência da importância de se cultuar nossos ancestrais. *Ikú* – a morte – nos ensina que ela não é o fim em si, mas uma continuidade do que somos no *Aiyé* – terra – numa outra essência. A verdadeira morte, na verdade, é o esquecimento:

Embora ninguém consiga evitar a vinda de *Ikú*, ele não é invencível. Todos sobrevivem à morte e podem tornar-se imortais na memória dos que o amaram, pelos seus feitos positivos em vida e no *ìpòrì* de seus descendentes. E, ainda que *Ikú* ceife a vida, só ele pode abrir caminho para uma nova existência. A reencarnação (*òtúnwá*) só advém após a morte. E, se o fim da vida encerra um ciclo, imediatamente reabre a possibilidade do início de outro, com a vida posterior (JAGUM, 2015, p. 168).

Ninguém vê o rosto dos *Eguns*. Alguns dizem que estes temem sua própria face. Outros dizem que eles sequer têm uma aparência. Por isso mesmo, ao ser cultuado devidamente aqui no *Aiyé*, os corpos dos *éléguns* são inteiramente cobertos. Conta-se que *Obàtálá*, muito desejoso em saber os mistérios dos *Eguns* – estes que sempre permaneceram sob as ordens de Nanã, nossa avó ancestral, senhora da lama e do lodo – um dia adentrou secretamente em seus domínios, burlando assim todas as restrições impostas por Nanã.

Ao atravessar o portal observou, porém, que seria impossível se comunicar com os *Eguns*, uma vez que eles não tinham face. *Obàtálá* então tirou do saco da criação uma bola de carvão e dela fez uma cabeça/*Orí* e soprou-lhe o *Émi*. Assim, os *Eguns* puderam se comunicar com o pai do pano branco e, finalmente, *Obàtálá* passou a dominar os segredos da morte.

Enquanto um coletivo, ao assumirmos discussões que buscam o aprofundamento no debate decolonial, aos poucos

<sup>10</sup> Shirê é o nome dado às giras de candomblé.

entendemos a importância de epistemologias ancestrais silenciadas que começaram a adquirir vozes, timbres – direito a (re)existir em nosso programa. Talvez arriscássemos a reencenar a mesma atitude de pai *Òsálá* ao adentrar os domínios dos *Eguns* e dar-lhes uma voz... mas aqui, ao contrário, as vozes apareciam como uma urgência de escuta necessária e, por isso, nomeamos o grupo como Egungun, em homenagem também à nossa própria ancestralidade.

Ao longo de nossos encontros, começamos a sentir necessidade de convidar educadoras/es e pensadoras/es dispostas/os a dialogar conosco. Referências também para as nossas pesquisas, pois assim seria possível começar a estabelecer cruzos profícuos entre o que pesquisávamos, líamos e debatíamos. Nesse processo, nos deparamos com a importância de mais aprofundamento em nossas pesquisas, tanto pessoais quanto coletivas, e percebíamos a necessidade de algo que fosse além de nossas pequenas giras, a fim de ser suficientemente capaz de mapearmos os entendimentos e desejos de nossos estudos.

Diz-se que um bom *Orí* faz de um homem rei. Entretanto, complementamos: o encontro de bons *Orís* faz um reino, uma *egbé* (comunidade) próspera. O GE Egungun, enquanto uma pequena comunidade reunida – enquanto *Orís* dispostos a abrir novos caminhos – começa a conversar sobre possíveis nomes que poderiam vir a somar em nosso *shirê*<sup>10</sup>. Nomes que viriam a contribuir significativamente para nossos trabalhos, temas e urgências. Foi assim que começou a ser gestado o seminário *Corpas*, no qual outros *Orís*, outros saberes, outras *egbés* vieram somar à nossa gira, transformando-se numa grande festa que, quando acaba, faz desejarmos a próxima.

Cabe destacar que as aproximações com a filosofia religiosa afro diaspórica é essencial para o sentido de nossos encontros. A tradição hegemônica colonial eurocêntrica ampara-se fortemente na perspectiva judaico-cristã – essa mesma que legitimou os processos de violência que transplantaram para cá a cultura africana. Não existem, para nós, limites entre saberes míticos/ancestrais e acadêmicos/epistemológicos – assim como nesses saberes hegemônicos não existe, de fato, uma distinção entre o sacro e o profano,

<sup>11</sup> Gostaríamos de destacar também que não encapsulamos os saberes afrodiáspóricos em uma definição religiosa e esotérica, como insiste a tradição eurocêntrica. Entendemos esses saberes como um corpo filosófico complexo que ultrapassa a noção rasa de religiosidade empregada pelos colonizadores.

embora os discursos forjem incessantemente uma cisão –, uma vez que entendemos o processo decolonial no interior da academia como um movimento sísmico de ruptura que começa pela própria noção de existência de nossas corpas que ocupam instituições legitimadas pela barbárie colonial<sup>11</sup>. Contamos nossas histórias, vemos imagens, compartilhamos nossas vidas em comunidade sob a égide cristã. Nossa existência se assenta na falsa ideia de que somos parte de uma cultura que é fruto de uma docilização oriunda da educação cristã. Todavia, subvertemos essa lógica porque ela é infundada e violenta. Entendemos o encontro do nosso mundo físico com o espiritual como uma articulação de significados e construções de sentidos existenciais que se (re)fazem sempre a cada nova gira/reunião.

Ao entendermos que esses limites, na verdade, não existiam para nós, os nomes que borbotaram de nossos anseios tornaram-se mais possíveis. Dessa forma, tornou-se viável tentarmos uma aproximação com vovó Cici, mas também com nomes que se inscrevem na academia, oferecendo outras possibilidades de saberes, como a professora Leda Martins, Eduardo Miranda, Castiel Vitorino, Geni Nuñez. Sentimos o desejo de criarmos um espaço no qual os saberes não tivessem distinções de lugares considerados legitimados pela academia ou não. Um espaço onde todas as vozes pudessem encontrar seu local, onde pudessem ser escutadas, lidas, entendidas, compreendidas, ressignificadas. Um lugar onde todas as vozes pudessem ser acolhidas e oferecessem a nós, sedentas e sedentos por outras epistemologias, uma possibilidade de nos curarmos das nossas feridas coloniais.

Assim como num terreiro de umbanda e candomblé, cada corpa do GE Egungun exerceu papéis relevantes para que o encantamento dessa grande gira pudesse ocorrer. Desde a produção de artes aos contatos com as nossas mais velhas e mais velhos que participaram do seminário, assumimos lugares de cambones a *ekedis*: buscamos e executamos as tarefas de forma harmônica, numa amálgama de cruzamentos.

O *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação* foi pensado num tripé: mesas, rodas de conversa

e minicursos. Essa tríade só foi possível graças à parceria e ao apoio do PPG Artes do IA UNESP, à CAPES e ao SESC Avenida Paulista – este último sempre aberto aos reencantamentos.

O *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação* foi uma iniciativa do GPIHMAE e do Grupo de Estudos Egungun, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) da Unesp, realizado em conjunto com o Sesc São Paulo, CAPES PROAP/AUXPE, ProfArtes-IA e PPGArtes-IA.

O objetivo do Seminário foi criar espaços de diálogo entre acadêmicos e não acadêmicos que têm em suas práticas pessoais, pedagógicas e de pesquisa, vivências encantadas de estar no mundo que abracem um ou mais de um de nossos pilares de investigação: Corpas, Saberes e Territórios.

Contamos, no total, com quatro mesas, a saber:

Mesa 1: **Conversas sobre o Tempo**, com vovó Cici e profa. Dra. Leda Maria Martins, sob mediação de Moa Simplício.

Mesa 2: **Poéticas, saberes e memórias**, com Juliana Santos e Geni Nuñez, sob mediação de Budga Deroby Nhambiquara.

Mesa 3: **Ritos, performance e corporeidade**, com Eduardo Miranda e Castiel Vitorino, sob mediação de Sarah Castro

Mesa 4: **Criando territórios para outros saberes**, com Rejane Coutinho, Rita Bredariolli, Giselda Perê e Mirella Maria, sob mediação de Raquel Santos.

Em relação aos minicursos, contamos com:

Minicurso 1: **Na encruzilhada das línguas**, com Moisés Patrício.

Minicurso 2: **Devolve o meu quadril?**, com Deise de Brito.

Minicurso 3: **O lugar do saber ancestral**, com Márcia Kambemba.

<sup>12</sup> Presente no encerramento no livro de Grada, citado neste texto.

Por fim, as Rodas de Conversa foram organizadas em sete eixos temáticos que buscavam aproximar trabalhos, pesquisas e timbres acadêmicos (ou não) que dialogassem de alguma forma com os nossos objetivos.

Os eixos temáticos de apresentação são:

- 1) Processos artísticos e saberes do corpo (dança, teatro e medicina ancestral)
- 2) Espacialidades e saberes em territórios diversos: teorias, sujeitos e epistemes
- 3) Feminismos, teorias e práticas
- 4) Corpas, gêneros e sexualidades
- 5) O “chão de escola” – pedagogias não lineares e grafias antirracistas
- 6) Oralidade: vozes de encantamento
- 7) Os saberes de terreiros de candomblé presentes nas escolas e nos processos artísticos

As pesquisas e relatos de experiência foram realizados em locais como escolas, instituições culturais, terreiros de candomblé e outros espaços de religiões de matriz afro-brasileira, aldeias indígenas, comunidades, quilombos, dentre outros territórios de resistência e de produção de saber.

Este trabalho congrega em seu corpo os relatos – *itàns* – de pesquisadoras e pesquisadores do grupo que assistiram às mesas, assim como os resumos das pesquisas e diálogos apresentados nas rodas de conversas. Apresenta-se, também, as narrativas de pessoas encantadas, movidas pela experiência das giras/mesas que compuseram este Seminário.

O que é nosso não será tomado pela chuva  
(Provérbio de São Tomé e Príncipe)<sup>12</sup>.

Que o feitiço da macumbaria presente nestas folhas/ ewé encantadas e embaladas pelo rio de palavras vertidas profusamente de nossos encontros possa nos permitir

<sup>13</sup> Repensando o Apocalipse: um manifesto anti-futurista indígena. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/repensando-o-apocalipse-um-manifesto-anti-futurista-indigena-indigenous-action>. Acesso em: 22 ago. 2022.

atravessar a grande calunga, sempre na luta – de forma que talvez possamos contemplar um horizonte em que o apocalipse não seja o destino derradeiro, mas um lugar onde o fim do colonialismo seja possível (como reivindica o *Manifesto Anti-futurista indígena*<sup>13</sup>).

Assim como *Osùn* curou as feridas de *Òsálá* com suas águas, esperamos que estas palavras sejam, igualmente, um *Omi tutù* (água fresca) para aquelas e aqueles que buscam um frescor e uma cura.

## [BIBLIOGRAFIA]

BARROS, José Flávio Pessoa; NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewé Òrisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JAGUM, Márcio de. **Orí: a cabeça como divindade**. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Companhia das Letras, 2001.

RISÉRIO, Antonio. **Oriki Orixá**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.



FELÍNIO  
DE SOUSA  
FREITAS<sup>14</sup>

<sup>14</sup> É mediador de leitura e mestrando (bolsista CAPES) pelo IA – UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli. Pesquisa as poéticas e as relações entre Exu e mediação/mediador de leitura, além do espaço em que acontece a mediação, interpretado a partir dos saberes de terreiros de candomblés. É *Ndumbi* (o não iniciado) do Nzó Kyloatala, casa de candomblé de nação congo-angola, localizada em Embu-Guaçu (SP).



# PALAVRAS QUE MEDIAM TEMPO E ANCESTRALIDADE - O ENCONTRO ENTRE VOVÓ CICI E LEDA MARIA MARTINS



# PALAVRAS QUE MEDIAM TEMPO E ANCESTRALIDADE - O ENCONTRO ENTRE VOVÓ CICI E LEDA MARIA MARTINS

“Que tempo é esse  
Meu Deus  
Que tempo é esse, senhor  
Que tempo é esse  
Meu Deus  
Que tempo é esse, senhor  
É tempo que engana Zambi  
Oia o tempo, iôô...”

A mesa “Conversas sobre o tempo”, com participação de Vovó Cici e Leda Maria Martins (peço a benção e reverencio as minhas duas mais velhas) e mediação de Moa Simplício (também peço a sua benção!) foi um banho de sabedoria. Em uma das falas durante a Mesa, a professora Leda, ressaltou que a sabedoria é o acúmulo de tempo. Entretanto, cabe pensar que esse tempo não deve ser medido na escala/escola ocidental:

Para os ocidentais, o tempo é uma variável contínua, uma dimensão que tem realidade própria, independente dos fatos, de tal modo que são os fatos que se justapõem à escala do tempo. É o tempo da precisão, que objetiva o cálculo, que viabiliza a projeção e fundamenta a racionalidade – tempo da ciência histórica e da modernidade. Nessa escala ocidental do

tempo, os acontecimentos são enfileirados uns após outros, em sequências que permitem organizá-los como anteriores e posteriores, uns como causa e outros como consequência, construindo-se uma cadeia de correlações e causalidades que conhecemos como história. (PRANDI, 2001, p. 48).

Para algumas pessoas, pensar em tempo é automaticamente lembrar do Nkisi Kitembo, divindade do candomblé angola, relacionada ao tempo. Outras pensam em Irôko, orixá do candomblé da nação Ketu, evocado por Moa no começo do diálogo.

Ambos Kitembo e Irôko estão relacionados à memória dos que já se foram. Diante disso, pode-se pensar em ancestralidade, e que para existir é preciso tempo, mas não como um espaço/local pré-definido, porém, com várias temporalidades dentro de outros tempos, como espirais ou labirintos seguindo em planos diferentes.

Todavia, as junções e alargamentos poéticos das falas de Vovó Cici e Leda Maria Martins, mesmo dentro da existência do relógio/tempo de um evento acadêmico, extrapolaram a noção de linearidade ocidental cartesiana de entendimento. São palavras gestadas por saberes que escapam a qualquer tipo de conceituação efêmera e que para existirem/serem faladas é necessário passar pelos tempos e pelo coração/memória, pensados, aqui, a partir do poeta, educador, músico e filósofo Tiganá Santana (2018, p. 119):

[...] memória, em *kikongo*, é *ntima* – mesma palavra empregada para coração; do mesmo modo como, nos desenhos etimológicos latinos, ‘saber de cor’ é ‘saber de coração’. Deste modo, toda memória pulsa no tempo, sangra, dilata-se, comprime-se e é emblema de afeto e interioridade. As palavras, as frequências, a sonoridade, as quais vibram na nossa escuta, conduzem-nos a um lugar, esteticamente, insondável; tão tangível e imagético, quanto imaterial, longínquo, antepassado [...]

<sup>15</sup> O pensamento de Patrícia Adjokè está presente na tese *Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados*, da pesquisadora Adilbênia Freire Machado.

A proposta da mesa foi trazer duas mestras e sensíveis observadoras de acontecimentos, poesias e saberes afro-brasileiros que constituem as raízes do Brasil. O tempo, elemento fundamental da constituição do ser humano e da criação de suas poéticas, foi o norte para a fala das convidadas.

No entanto, o que caberia dentro desse tempo de fala? O que seria gestado pela palavra oriunda das memórias e experiências dessas duas mestras/rainhas? No rio de palavras gerado por elas, surgiram histórias sobre mitos, provocações, conhecimentos paridos pelo fazer/estar de diversos povos, tanto bantus quanto iorubás. Nasceram apontamentos sobre as argolas, roupas, comidas, poesias, sobre a palavra, sobre Exu, sobre o tempo e a ancestralidade presentes na memória da pele.

Se a memória, como pensa Tiganá, sangra e pulsa no tempo, as afetividades das falas de Vovó Cici e Leda trazem, por meio da oralidade, os gestos e as experiências, ora tecidas individualmente, ora vividas em grupo. Os saberes de ambas estão dentro de uma teia que envolve pertencimento e continuidade, o que pode ser lido como uma Pedagogia da Ancestralidade.

Essa Pedagogia borda as raízes temporais de quem somos (sempre em movimento e transformação), ou seja, a nossa identidade ou identidades. Dentro das páginas e poesias dessa Pedagogia, segundo a reflexão da educadora Patrícia Adjokè<sup>15</sup>:

Lá encontraremos nossa ancestralidade. Quando percebemos quem somos, de onde viemos, passamos a fazer parte do mundo enquanto sujeitos históricos, (re) construindo territórios existenciais. Essas memórias estão escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente.

O que pretendemos com a pedagogia da ancestralidade é perceber, de forma encantadora, identidades reveladas ao abrimos o baú de nossas memórias. A música, a imagem, o cheiro, o gosto, possibilitam re-sentir sem ressentimentos. É no coletivo que nos construímos e fortalecemos a nossa essência vital no mundo, pois somos porque o Outro é e essa

relação de reciprocidade é que nos faz pertencer e aprender o sentido do SER. (ADJOKÈ *apud* MACHADO, 2019, p. 193).

Os saberes enunciados por Vovó Cici e Leda Maria Martins não devem ser pensados por meio do conceito ocidental, ou seja, com começo, meio e fim, mas como começo, meio e começo para recomeços dentro de uma infinidade de tempos que extrapolam uma concepção linear de vida.

As palavras emitidas por elas podem ser pensadas como palavra-Exu ou palavra-Pambu Njila – ambas respectivamente divindades dos candomblés Kêtu-nago e Angola –, pois propiciam movimento e vivem nas encruzilhadas e caminhos.

O meu primeiro contato com Vovó Cici foi em uma sexta-feira de Oxalá, orixá de quem também é filha. Ao ser convidada para o Seminário, Vovó disse: “Eu só sei contar histórias, meu filho [...] se você acreditar que eu tenho algo para contribuir, a gente conversa novamente!”. Apenas escutava as palavras que ela me dizia durante essa ligação e, assim, queria morar dentro da fala/acalanto de “Vó Cici”, por sua ternura e cuidado com o que me contava.

O “só” saber contar histórias de Cici faz um giro ou uma pirueta com o nosso pensamento. São aberturas para outras realidades ou passagens para a reafirmação de saberes nossos. As suas palavras nos levam para outros países e lugares, trazem cheiros e reminiscências de África e de diversas culturas negras oriundas da diáspora que gestaram as raízes do solo brasileiro junto às diversas etnias dos povos originários que eram os cuidadores/moradores da terra, antes da invasão, dos roubos e dos estupros praticados pelos colonizadores portugueses.

O contar histórias de Vovó Cici enche o ouvido de beleza e, com isso, cria paisagens e imagens poéticas. Um exemplo dessa poética oral está presente, por exemplo, em sua fala sobre os orixás e sua relação com a dança:

<sup>16</sup> Os trechos das falas de Vovó Cici e Leda Maria Martins presentes nesse texto fazem parte da Mesa: “Conversas sobre o tempo”, realizada no dia 04 de maio de 2022 como abertura do *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sqEYz1AlRrM>

Xangô é o coreógrafo. É aquele que vai fazer gestos em uma dança que vai contar uma história e que vai lhe encantar pela beleza. Ele vai falar de guerras, de mágicas, de amores dentro do alujá, que é a dança sagrada dele. O seu tambor sagrado é o batá<sup>16</sup>.

Se Cici nos embala pelas palavras e nos transporta para outros lugares e tempos/encruzilhadas imemoriais, a professora Leda Maria Martins, em uma de suas falas no Seminário, nos recorda sobre a encruzilhada como dispositivo conceitual presente na cultura afro-brasileira. A partir da encruzilhada e das palavras ecoadas na mesa, penso na palavra/língua e nas memórias particulares e coletivas como encruzilhadas/caminhos de afetos, saberes, tensões, corpos que inscrevem e escrevem poesias, corpos tensionados, corpos que grafam e contam histórias, ou seja, são afrografias. Para Leda:

[...] na verdade o que nós estamos falando é que os saberes não se escrevem apenas pelas letras alfabéticas, mas se inscrevem por várias outras grafias do conhecimento e por vias das corporeidades. [...] Quer dizer, nas corporeidades têm esse papel, esse lugar que é um dos princípios básicos de formulações dos saberes africanos, que é o princípio do movimento.

As vozes de Cici e Leda cadenciam essas afrografias poéticas e sensíveis. De um lado, Vovó faz referência aos saberes presentes na cultura iorubá e afirma: “[...] eu sou tradicional e não afro-contemporâneo”. Como a raiz de uma gameleira branca, árvore associada a Irôko, o seu pensamento penetra o solo do pertencimento e conhece de onde vem, isto é, a linha da qual faz parte/pertence, ou seja, do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, fundado em 1830, depois do Terreiro do Gantois, fundado em 1835 como fruto da Casa Branca; e do fato de ser bisneta da terceira casa, ou seja, o Ilê Axé Opo Afonjá.

Com isso, a palavra de Vovó Cici grafa no ar a sua certidão ancestral/raiz de conhecimento proveniente desses três espaços sagrados, religiosos, filosóficos, políticos e culturais. Logo, vê-se que estes territórios (e quem veio antes) deixaram uma herança nos seus ditos:

Para o africano em geral e para o Banto em particular, o ancestral é importante porque deixa uma herança espiritual sobre a terra, tendo contribuído para a evolução da comunidade ao longo da sua existência, e por isto é venerado. Ele atesta o poder do indivíduo e é tomado como exemplo não apenas para que suas ações sejam imitadas, mas para que cada um de seus descendentes assuma com igual consciência as suas responsabilidades. (LOPES, 2011, p. 166).

Voltando ao “não afro-contemporâneo” da fala de Vovó Cici, particularmente, leio essa demarcação de tradicionalidade como uma crítica às desvirtuações, deturpações, modismos, apagamentos e apropriações que as religiões e elementos das culturas negras brasileiras sofrem indevidamente, uma vez que não há respeito e, em algumas situações, há apenas uma expoliação capitalista/oportunista, e sempre ou:

[...] De vez em quando  
Um abre a boca  
Sem ser oriundo  
Para tomar pra si  
O estandarte  
Da beleza, a luta e o dom  
Com um papo  
Tão infundo [...] (CIRILLO; FRANÇA, 2017, s/n).

Por outro lado, Leda Maria Martins nos recorda sobre a sabedoria do povo bantu, porém, a professora conclui que embora sejam saberes de matrizes culturais diferentes dos iorubás, alguns elementos que fazem parte dessas duas culturas as aproximam e estão presentes antes da formulação

<sup>17</sup> “La escucha a la que me refiero no tiene que ver ni con la que se establece en una relación terapéutica ni con la que se da en intercambios marcados por la amistad, más allá de que en estos casos también se tenga en cuenta la palabra de los otros. Tampoco tiene que ver con aquellas formas de la escucha que solo constituyen una fachada marcada por una supuesta corrección de las formas o por la relación cordial de quien respeta los turnos de conversación, pero donde se busca ejercer algún tipo de control sobre los otros.”

dessas matrizes. Em outras palavras, o que as une são o tempo curvo; e como pensou a professora Martins, essa ligação também ocorre via : “[...] esses saberes que transitam pelo e no corpo e no corpo, a voz, a dança.”

Ouvir Vovó Cici e Leda Maria Martins é perceber a importância das gestualidades entremeadas de reverências, olhares e risos. Outro aspecto principal do diálogo entre ambas é a escuta, algo tão raro nos tempos atuais, pois o ato de escutar envolve um diálogo entre a espera e silêncio. Não se trata, porém, de uma escuta mecânica, há um respeito, acolhimento e ressonância com a palavra e com os saberes. Na escuta praticada por elas, há interesse e o silêncio permeia o intervalo da palavra. Todavia, o silenciar está relacionado ao nascimento e à valorização da espera do dizer, questões que podem ser lidas a partir do pensamento de Cecilia Bajour (2020, p. 34, tradução nossa).

A escuta a que faço referência não tem a ver nem com a que se estabelece em uma relação terapêutica nem com a que se dá em trocas marcadas pela amizade, mas está além destes casos, já que também se leva em conta a palavra dos outros. Tampouco tem a ver com aquelas formas de escuta que somente se constituem com uma fachada marcada por uma suposta correção das formas ou pela relação cordial de quem respeita os tempos de uma conversa, mas sim onde se busca exercer algum tipo de controle sobre os outros<sup>17</sup>.

No diálogo de Vovó Cici há uma demarcação da importância da raiz, pois árvore sem raiz qualquer vento derruba e é importante saber de onde viemos. Por outro lado, ao falar sobre o Exu e sobre os modos pelos quais as culturas negras foram pensadas, interpretadas e reduzidas simbolicamente e violentamente pela colonização – mostrando como o sincretismo é invocado desse processo para reduzir a complexidade social, cultural, poética, política e filosófica dessas culturas, seja dentro das tradições bantu, seja dos iorubás – Leda Maria Martins traz a importância de:

[...] resgatar de certa maneira esses princípios de cognição porque os modos e aproximação das divindades africanas com as divindades cristãs muitas vezes foi um modo forçado pelo próprio sistema colonizador. O sistema colonizador ele quer catequizar. Ele quer impor os valores filosóficos, linguísticos, sociais, políticos que o formatam. É muito interessante porque quando você pensa que quase todas as divindades, particularmente as iorubás vão ser associadas a uma divindade cristã, apesar de ter, vamos dizer assim uma imagem que está próxima apenas periféricamente. [...] Eu sempre falo que é muito fácil quando as pessoas dizem que: “tudo no Brasil que diz respeito a cultura negra é sincretismo”. Não, o sincretismo é apenas uma das derivações das encruzilhadas. Há outros modos muito mais sofisticados e complexos que derivam dessas encruzilhadas de encontros não amistosos de conhecimentos e de saberes e este princípio ele é tão poderoso, que é este princípio do movimento que é uma das qualidades, das inúmeras de Exu como linguista do sistema.

Assim, voltamos ao começo da mesa. Depois de falar e se enveredar pelos caminhos, correntezas e estradas da palavra, Vovó Cici retoma a pergunta feita por Moa: “A senhora poderia me contar uma história sobre Irôko?”

Após discorrer sobre diversos outros assuntos, a griot retoma o questionamento e diz: “Eu conheço Irôko, mas não conheço o tempo”, e explica que Irôko é Jeje-Nagô e possui alguns nomes como Loko, Irôko e Roko. Do lado iorubá é considerado da família de Xangô, ou seja, da família do Rei, e é “[...] um orixá ligado à espiritualidade, que faz parte das sete árvores que são os pilares da cultura iorubá [...] O Irôko é uma árvore onde os ancestrais ficam...”

No bailar e nas coreografias orais feitas pelas palavras, as falas das convidadas se cruzam e “dançam” por meio de alguns temas como, por exemplo, Exu. Vovó Cici recorda que Èsù Àkesán é o dono da feira, ou seja, das trocas. Pode-se pensar que, dentro de um diálogo, a palavra é uma troca e, nessa transação, a palavra é tempo (FREITAS, 2021) e “traz” o tempo passado para o presente. Logo, os saberes e as memórias são como costuras dialógicas de conhecimento, questões praticadas por Leda Maria Martins e por Vovó Cici

durante todo o encontro.

Diante de duas mestras e rainhas do saber e da poética ancestral, o canto de Leda Maria Martins, rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, reverencia a outra rainha, ou seja, Vovó Cici. Importante destacar que, a partir dessa sutileza de Leda com uma outra mais velha, conclui-se que sem os mais velhos não existiria o mais novo: há um continuum nessa performance do tempo e das vivências/da vida. A voz de Leda agracia, agradece, acolhe e embala a presença e a sabedoria de Cici com um Cântico de Reinado:

Oi, com licença  
 Oi, com licença  
 Entre tambores e gungá  
 láiá  
 Quero pedir sua benção  
 Oi, com licença  
 Oi, com licença  
 Entre tambores e gungá  
 láiá  
 Quero pedir sua benção.

Rainhas!

Enquanto Vovó Cici falava, Leda escutava e concluía: “Ouvir a Vovó Cici é habitar o lugar mais sagrado da ancestralidade que é o tempo como acúmulo de saber. Portanto, eu me sinto muito privilegiada de estar exercitando o que é muito precioso para as culturas negras, que é a escuta.”

O ato de escutar nas culturas africanas é um gesto de entrega para o aprendizado, para o refinamento dos sentidos, das memórias e da ancestralidade. O/a narrador/a se transforma na palavra, ou seja, ele/ela encarna a história. As palavras ditas na Mesa se constituíam como uma encruzilhada e, sendo assim, um lugar de encontros. Cici afirma: “Sempre que eu posso desmistifico essa história de chamar o meu Exu de diabo. Ora, meu velho, o que é isso?”

Que falta de respeito com o que é meu ou nosso... Agora respeite o que é meu!”. Quando dirige estas palavras a Moa, a fala de Cici aproxima quem escuta, cria um ambiente de intimidade, acolhimento e provocação.

Por meio da fala/“recado” de Cici de que Exu não é diabo, pode-se pensar e refletir sobre o racismo religioso sofrido pelas religiões de matriz afro-brasileira. Em recente entrevista, o professor Kabengele Munanga (ALMA PRETA, 2022, s/n) questiona: “Quantos terreiros de candomblé estão sendo incendiados em alguns lugares clandestinamente? Incendiados de colocar fogo e fugir, como a KKK fazia nos EUA. Quantos são caçados no seu território?”

Cici, portanto, enfatiza a importância de Exu, menino andante que brinca com as palavras por estradas diversas. Ainda sobre o orixá, Leda afirma que:

[...] ele é o linguista do sistema, o grande princípio de cognição, do movimento, da diversidade, o grande princípio da transformação [...] e ele manuseia mil e uma possibilidades de existir. [...] Ele exerce esse papel de linguista do sistema. Então, ser o senhor das encruzilhadas, é assim, ser o senhor das metamorfoses, o senhor do movimento, o senhor de uma sabedoria que não se absolutiza.

Dessa forma, a partir do pensamento de Leda Maria Martins e de Vovó Cici, para afirmar e riscar o ponto, vale lembrar que Exu não é diabo e que ele não existe dentro da concepção de mundo das religiões de matriz afro-brasileira.

As encruzilhadas e os saberes afro-brasileiros ganharam visibilidade nas últimas décadas no espaço acadêmico. A arte presente na costura, nos bordados, nas argolas, nos cantos e corpos – aspectos mencionados na fala de Vovó Cici – é tema de teses e dissertações. Há multiplicidade e complexidades nesses saberes, pois como afirmou a professora Leda: “As narrativas sobre o nosso povo são muitas!”.

Logo, reverenciar quem veio antes, quem abriu caminhos ou brechas para a entrada desses saberes na

academia é essencial para a circularidade do conhecimento. Na fala da professora, voltamos ao começo da década de 1980:

[...] No comecinho dos anos 80 pela primeira vez eu estava propondo o conceito de encruzilhada. No conceito de encruzilhada vinha pela sabedoria iorubá, o Exu, mas também a encruzilhada como cosmograma, que é um cosmograma muito significativo das culturas bantu [...] Lá atrás, no começo dos anos 80, o que eu tentava mostrar é que Exu não tem nada a ver com o demoníaco...a associação que o sistema colonizador faz entre Exu e o signo do mal é completamente aleatória.

As palavras de Vovó Cici e de Leda Maria Martins performam histórias e, entre os dizeres das duas há encontros, costuras de afetos de diferentes matrizes culturais, de olhares e vivências múltiplas. Segundo a professora Leda, nas histórias contadas por Cici durante o encontro há uma performance por meio da oralidade, na qual as palavras se movimentam e vão se “[...] encaixando umas nas outras, desencaixando, fazendo-as voar, trançando as palavras no ar, voleando o tempo. O que ela fez conosco foi isso: é uma síntese das espirais do tempo, do tempo que eu tenho chamado de espiralar.”

No “encerramento” da conversa – ou no recomeço de tudo –, o mediador Moa Simplício destaca que:

Eu espero que essa “foto” que eu estou vendo aqui agora permaneça gravada na minha memória por muito tempo para eu poder contar isso também como uma história. Trazer isso como uma experiência. Experiência estética, de afeto, e experiência de saber...

Nas casas de candomblé da nação angola, o mastro com uma bandeira branca simboliza a presença do Nkisi Kitembo. O tremular do tecido também indica a direção do vento, sempre em diferentes posições a cada fração de

segundo. Por meio do movimentar da bandeira, pode-se refletir que o tempo como acontecimento não se repete; e, voltando à Mesa, que o encontro entre Vovó Cici e Leda Maria Martins foi um acontecimento, um “tempo vivo” reverberando saberes em muitas direções. Segundo a reflexão da professora Martins: “[...] de tempos somos, disse também Exu!”

**[BIBLIOGRAFIA]**

ALMA PRETA. **Em entrevista para a Alma Preta, Kabengele Munanga avaliou o Brasil e o movimento negro nacional.** Acessado em julho de 2022: <https://almapreta.com/sessao/politica/os-terreiros-estao-sendo-incendiados-como-a-kkk-fazia-nos-eua-diz-kabengele-munanga>

BAJOUR, Cecilia. **Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura.** Lima (PE): Biblioteca Nacional del Perú, 2020. Disponível em: <https://repositoriodigital.bnp.gob.pe/bnp/recursos/2/html/literatura-imaginacion-y-silencio/4/>. Acesso em: jun. 2022.

BORGES, Pedro. “Os terreiros estão sendo incendiados como a KKK fazia nos EUA”, diz Kabengele Munanga. **Alma Preta.** 08 de junho 2022. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/politica/os-terreiros-estao-sendo-incendiados-como-a-kkk-fazia-nos-eua-diz-kabengele-munanga>

CIRILLO, Lucas; FRANÇA, Xênia. Pra que me chamas?. **Xenia.** Agogô: São Paulo (SP), 2017. 4min.43s.

FREITAS, Felínio de Sousa. Reinventar a fala e a escuta da palavra a partir da poética de Exu. **Partilhas Sensíveis: diálogos sobre imagem, história e memória, mediação, arte e educação. Vol. 2.** Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/82703240/Partilhas\\_Sens%C3%ADveis\\_di%C3%A1logos\\_sobre\\_imagem\\_hist%C3%B3ria\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_media%C3%A7%C3%A3o\\_arte\\_e\\_educac%C3%A7%C3%A3o\\_Vol\\_2](https://www.academia.edu/82703240/Partilhas_Sens%C3%ADveis_di%C3%A1logos_sobre_imagem_hist%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_media%C3%A7%C3%A3o_arte_e_educac%C3%A7%C3%A3o_Vol_2). Acesso em: jul. 2022:

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra.** Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2006.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados.** 2019. 268f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE). Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019\\_tese\\_afmachado.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019_tese_afmachado.pdf). Acesso em: jul. 2022.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de

tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, p. 43-58, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BZgDYKY47Nn3gdPDwRTzCLf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: jul. 2022.

SANTANA, Tiganá. Brevíssimas considerações sobre línguas bantu; em particular, a língua kikongo: memórias afro-brasileiras. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 28, p. 104-120, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/36999>. Acesso em: jul. 2022.



GILVÂNIA  
SANTOS  
SILVA<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Mestranda pelo Instituto de Artes da UNESP sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Luciana Berti Bredariolli. Artista das danças populares e afro-brasileiras, professora na Rede Pública Estadual em Osasco, mãe e pernambucana.



# ENCONTROS DAS ÁGUAS E SUAS CORRENTEZAS



# ENCONTRO DAS ÁGUAS E SUAS CORRENTEZAS

Não é uma tarefa fácil escrever sobre a mesa “Poéticas, Saberes e Memórias” – integrante da programação do *Seminário Corpas, Saberes e Territórios* – composta por Geni Núñez, Juliana dos Santos e mediada por Budga Deroby Nhambiquara. Digo não ser tarefa fácil, pois essa composição potente me atravessou com intensidade e delicadeza. Evidentemente, é preciso nos acostumar a ver e ouvir pessoas indígenas e negras em mesas de seminários acadêmicos, mas não somente. É preciso entender e reconhecer de fato essas populações como parte da nossa sociedade.

Ailton Krenak, uma das mais importantes referências indígenas, escreveu uma obra com o título *Ideias para adiar o fim do mundo*. Diante de tantas barbaridades que ocorrem diariamente com as populações indígenas e negras no Brasil, eu me questiono se é realmente possível adiar o fim do mundo. Esta obra brilhante de Krenak, adaptada de seus discursos e entrevistas ao longo de dois anos em Portugal, me fez pensar sobre essa impossibilidade, mesmo transitando entre a esperança e desesperança ao longo da leitura do livro, que possui trechos sensíveis como “*Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar.*” (AILTON KRENAK, 2019, p. 28)

A fala inicial de Juliana dos Santos nos abre caminho à discussão sobre a importância do acesso à universidade pública para todas as pessoas. Ao longo da história, este lugar se tornou exclusivo de uma parcela da população, mas hoje, após muita resistência, insistência e briga por políticas públicas, tem recebido pessoas com a cara de toda a sociedade, como deve ser: diversa e múltipla.

A pergunta que Juliana nos faz em relação ao ensino da arte é, de fato, provocadora, pois é necessária uma disposição para que consigamos movimentar a estrutura e dinamizá-la. O questionamento faz pensar sobre de que forma queremos e/ou desejamos um ensino de arte no Brasil, em processo de transformação, mas ainda muito distante de atender a real demanda de uma sala de aula de escola pública, por exemplo. Atualmente, a/o artista-docente/docente-artista, vivencia desafios diários dentro desses espaços no que diz respeito à efetivação de um ensino da arte numa perspectiva antirracista e/ou decolonial.

Ao assistir aos debates da mesa, não seria possível não pensar no poder que ela traz, a começar pelo próprio nome: POÉTICAS, SABERES, MEMÓRIAS. E foi pensando nessa força, inscrita desde o título da mesa, que concluo também ser inviável não pensar em todas as atrocidades que a população negra e indígena sofrem. Todas as formas de perseguição e genocídio dessas populações, fazem com que tenhamos mais dificuldade de levar aos espaços educacionais e culturais as experiências/vivências, o ensino e o fazer artístico relacionados a esses povos. Desta forma, é essencial pensar sobre essa grave situação que causa inquietação em todas as pessoas preocupadas com um ensino decolonial e, portanto, é urgente que tenhamos cada vez mais pessoas escrevendo e ensinando sobre todas as formas de manifestações culturais destes povos. É preciso ocuparmos todos os lugares, garantindo a presença efetiva na história e no ensino da arte, garantindo as poéticas, os saberes e as memórias tão importantes para a formação da nossa sociedade. Afinal, não há possibilidade de entender o Brasil sem conhecer as presenças indígenas e negras em todos os seus aspectos. Trata-se do sonho que Juliana dos Santos (2022) menciona, “*aquele que mobiliza a gente, o sonho que faz a gente seguir adiante, acreditar.*”

Quando Juliana compartilha conosco suas experiências na arte, trata-se de um respiro coberto de possibilidades. Mesmo que ela diga, por vezes, que se via como corpo estranho ocupando lugares aos quais não se sentia pertencente

Figura 01 -  
“Entre o azul e  
o que não me deixo/  
deixam esquecer”,  
Juliana dos Santos, 2022



socialmente, suas experiências trazem aberturas para discussões sobre o pensamento e a ocupação desses lugares por/para/pela população negra. Assim, espaços e instituições – tais como o Museu Afro Brasil – tornam-se extremamente necessários. De maneira brilhante, Juliana contextualizou sobre a presença significativa e direta, sobretudo das mulheres negras, no processo de educação e letramento de crianças, visto que essas mulheres eram suas amas de leite e, depois, as babás. Isto nos lembra de Lélia Gonzalez e sua abordagem em relação ao *pretuguês*, e de Maria Firmina, além de outras mulheres importantíssimas para a construção e organização do saber.

As experiências de dor que atravessam a pessoa negra, originam toda uma produção artística e intelectual, talvez até mesmo pelo desejo de justiça e reparação, mas como bem colocou Juliana, também me questiono: Será esse nosso único lugar do fazer artístico? Quais outras possibilidades existem para o fazer da pessoa negra?

Por outro lado, no início de sua fala, Geni Nuñez nos traz uma provocação em relação ao fazer artístico relacionado às culturas indígenas. Desta maneira, também apresento uma reflexão instigante do poeta e líder político Aimé Césaire, e, desta maneira, desejo também provocar.

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização doente. Uma civilização que se esquiva diante de seus princípios é uma civilização moribunda. (AIMÉ CÉSAIRE, 2020, p. 09)

Em um âmbito mais específico, perante a pergunta: Qual a diferença entre arte e artesanato? o que você responderia? Ou ainda: o que é arte e o que é artesanato?

ARte

AR

ARtesa

ARtesanato

ARtesanato

ARte

Nesse sentido, opto por brincar com as palavras ARTE e ARTESANATO, iniciadas com a pequena e poderosa sílaba AR, em referência à uma substância que entra por nossas narinas e que não pode ser tocada, formada por diversos gases, para dizer que existe vida. AR: o que nos move, coloca em trânsito e possibilita experienciar outros lugares e outros saberes.

Na sequência, Geni nos inquieta em relação à lógica colonial que insiste em dividir corpo e mente, criando uma relação binária. De certa forma, há um discurso segundo o qual as artes indígenas não requerem aprofundamento e processo de criação. O chamado *artesanato narrativo* que Geni propõe com seu companheiro de luta e movimento, Natanael, traz uma abertura para repensar o ensino da arte, sobretudo nas escolas públicas. Assim, vale pensar: O que se ensina sobre arte e cultura indígena nos espaços escolares? Quais são e como são as abordagens feitas?

Pensando nas abordagens e no que se apresenta sobre os povos originários, Geni também fala sobre o uso da palavra herança para se referir a algo que nos foi deixado. No entanto, a *herança* normalmente é oriunda da morte de alguém, e a população indígena está viva e presente, logo, não há herança, mas história viva e pertencente. Atravessada por essa provocação, faço um apontamento em relação à palavra resgatar. No dicionário, a palavra *resgatar* está relacionada a *livrar, libertar* e, ainda, à *quitação de dívidas*. Sendo assim, vale questionar: De qual dívida, livramento e/ou liberdade estamos falando, considerando que o fazer dos povos indígenas integra nossa estrutura e organização social?

Geni fala da importância do acesso às universidades pelos povos indígenas, além de enfatizar que não há inserção, tampouco troca de saberes, sobretudo dos hegemônicos. Assim, deve-se disputar e apresentar uma forma de existir nesses territórios. Em sua fala sobre as questões de Arte e Artesanato, Geni nos ensina, portanto, que não há uma separação entre esses dois ARES, que são a apresentação do modo de vida por meio do qual se expressa.

Geni continua sua discussão e diz que é *“por saber de onde a gente veio, que a gente se orienta pra onde a gente vai.”* Com esta citação, logo me lembrei de uma frase em Yorubá que nos diz: *o rio que esquece da fonte, seca*. O mesmo ocorre por meio da música, que são cantos sagrados; da dança, que são rituais; e das vestimentas e várias outras formas de existir dentro da comunidade, que se reafirmam e constituem a memória. Portanto, *“o cocar que o parente está usando agora, o adorno que eu estou usando agora, não é um objeto. É algo que a gente é.”* Nesse sentido é importante pensar no processo de apropriação e objetificação que Geni nos apresenta. Assim, considero urgente, dentro dos espaços educacionais, a disposição para repensar/rever as formas de ensino. O esforço deve ser compromisso diário para que estudantes/crianças/jovens e adolescentes ressignifiquem seus modos de pensar e agir diante dessas discussões.

Ao longo da fala de Geni Nuñez, me chama a atenção a questão do pertencimento e a relação com a Terra, pois estes aspectos se interligam e existem em ambas as populações indígenas e negras. Afinal, tudo é natureza, inclusive nós, em meio ao. AR que respiramos e à TErra que pisamos e nos sustenta. É possível uma não separação entre as coisas, uma vez que tudo está e/ou pode estar no fazer, no que somos.

Por fim, pensando sobre a presença, Juliana traz um breve relato de sua estrutura familiar e sobre como entender a estrutura em que se está inserida/o para se mobilizar e criar/abrir caminhos para outras pessoas: *“Tão necessário quanto o feijão é o sonho pra gente caminhar.”* (GENI NUÑEZ, 2022)

Pode-se dizer, dessa forma, que o senso de coletividade é saber que não se está só. Vale pensar e criar ideias-ações para adiar o fim do mundo entre a desesperança e a esperança. Sendo assim, que nós não nos esqueçamos das nossas fontes, para sempre lembrarmos de onde viemos. Caminhemos!

prólogo no céu:  
vou me mergulhar nas águas turvas da(o) capital  
porque hoje em dia amar é um erro, como se perder  
nu num shopping de acolá.  
e agora rima... reza  
porque se o verso for bom eu posso musicar  
menino, rima... reza  
porque se o gesto agradar  
  
entre o feijão e o sonho:  
o amor mora em mim, mora em ti  
mas nós moramos em algum lugar; que é pago  
e agora? as contas do amor, quem vai pagar com osso e  
valsa?  
as contas do amor, quem vai pagar? é osso e valsa: dança  
perigosa!  
prepara o bolso amor, prepara!  
pois quanto mais for ido, flor; com mais jura ou menos, juro  
que os vasos eu cuido  
esta sacada é divinal  
devagar com o andor, atenção!  
dá preguiça e dá vontade de fazer careta  
e agora a ordem é presidir, conciliar feijão e sonho  
a ordem é dividir, compartilhar feijão e sonho  
mas no fim das contas  
prepara o bolso, amor, prepara!  
pois quanto mais for ido, flor...

(Feijão e Sonho - François Muleka, 2014)

## [BIBLIOGRAFIA]

SILVA, Gilvânia Santos. **Encontro das águas e suas correntezas**. Seminário: Corpas, Saberes e Territórios, 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



JANAÍNA  
FARIAS DE  
SOUZA  
FERREIRA<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Mãe, arte-educadora do município de Osasco e mestranda do Prof-Artes pelo Instituto de Artes da Unesp com pesquisa que aborda questões decoloniais no currículo de Arte.



# DOS AFLUENTES QUE SE ENCONTRAM NESSE MAR DE RITOS E CORPAS: INTIMIDADES E TENSÕES



# DOS AFLUENTES QUE SE ENCONTRAM NESSE MAR DE RITOS E CORPAS: INTIMIDADES E TENSÕES

Castiel Vitorino Brasileiro nasceu no Brasil e pertence à linhagem da família AfroBantu. É artista visual, escritora, psicóloga e mestre em psicologia clínica.

Conhecer. É preciso uma pequena pesquisa sobre quem é Castiel para mergulhar em seu território de experiências e construir um diálogo em torno de “*ritos, performance e corporeidade*” proposto por este seminário. Ao juntá-la nesta mesa de conversa com Eduardo Miranda, sob mediação de Sarah Castro, o terreno foi sacudido por um pequeno terremoto, o que nos trouxe muitas perguntas e poucas respostas. E, nesse caso, as respostas pouco importavam, pois tudo o que foi dito, foi jogado em terreno fértil.

*A civilização brasileira menospreza os nomes dos povos de civilizações africana -aqui enraizados há quase 500 anos- e prefere o sofismo de chamá-los pelo nome da commodity transportada em navios negreiros: os negros. Cria-se assim, em tese, um círculo vicioso de racismo institucional e sistêmico que retroalimenta o racismo estrutural no Brasil. A brasilidade alcança cotidianamente seu objetivo de matar as almas africanas brasileiras, e assim segue especializando a civilização brasileira num africanicídio (Mestre Renato Santos).*

Essa citação de Mestre Renato Santos, da tradição AfroBantu, na qual Castiel foi iniciada desde sua infância, está

<sup>20</sup> *Sankofa* é um provérbio tradicional entre os povos Akan que significa, segundo o dicionário de símbolos, a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Disponível em: [www.dicionariodesimbolos.com.br](http://www.dicionariodesimbolos.com.br). Acesso em: 16 ago. 2022

em seu livro *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. O trecho já nos tira do lugar quando questiona a relação com o nosso território e nós mesmos, enquanto sociedade, e nos lança questões:

*O que é o Brasil?  
Qual é a relação do Brasil com a África?  
Como podemos criar outros territórios?  
A presença de vida em um outro espaço tem o poder de instaurar outro território?  
Como a presença de uma vida (vegetal, mineral, invisível) consegue transfigurar, transmutar, modificar um espaço e instaurar uma outra situação geográfica, um outro espaço?*

Assim, Castiel nos sacudiu e fez refletir, enquanto sociedade brasileira, sobre como nos relacionamos dentro de um sistema que é construído sem memória, sem conhecimento. Ela diz que o Brasil é um grande museu que desconhece sua própria história. Conhecemos aquilo que nos foi contado sob uma perspectiva eurocêntrica, colonial, que enraíza dentro de cada um de nós uma história que, quase sempre, não nos pertence.

Questões como essas trazem a importância de se olhar para trás, assim como no ensinamento do SANKOFA<sup>20</sup>, e aprender com os que vieram antes de nós e trouxeram sua memória para o Brasil, valorizando esse conhecimento.

*“A história do Brasil é esquizofrênica”  
(Beatriz Nascimento)*

Essa frase de Beatriz Nascimento a acompanha em seu trajeto de mestrado e de vida, e responde a muitos de seus questionamentos. A ideia de esquizofrenia que Castiel aborda com Beatriz Nascimento se relaciona à uma visão deturpada da realidade. Em outras palavras, no Brasil, as informações em que acreditamos e as histórias que nos contaram partem, na verdade, de uma visão modificada dos fatos, com eventos manipulados e mentirosos, tornando a branquitude sinônimo de violência. Assim, criou-se um dos

<sup>21</sup> Cf <http://www.institutomariellefranco.org>

grandes desafios da nação brasileira: entender realmente os eventos que nos construíram até aqui.

Para esse entendimento, Castiel nos coloca diante de fatos e estudos que provam o quanto somos violentados pelas nossas diferenças:

*Quem são os que mais são assassinados no Brasil?  
Os que estão encarcerados?  
Os que vivem na pobreza?*

Ela cita o exemplo do trabalho no Instituto Marielle Franco<sup>21</sup> que cataloga os dados da violência no Brasil e, como apontam as pesquisas, menciona que em nosso país:

*Existe racismo, ainda que digam que não,  
Pessoas brancas tornam-se racistas,  
ainda que digam que não.*

Esses fatos apontam um pacto feito pela branquitude que deixa pelas frestas grande parte da nossa população. Um país que foi construído em cima de mortes e violências.

*Defender esse modelo de nação é viável?*

Para Castiel, precisamos destruir o Brasil. Não o território brasileiro, mas essa ideia de Brasil que foi construída. A branquitude é um adoecimento, e traz consigo uma visão deturpada que faz com que os brasileiros ignorem tais questões. Aponta-se, ainda, que desde a infância, quando nos deparamos com violências raciais dentro do ambiente escolar, escolhemos dizer que o racismo não existe, que é bullying, transformando esse tipo de diálogo em fatos invisíveis, não existentes:

*Como lidar com o que não existe?*

Questões como essas nos acompanham desde que nos forçaram a estar aqui neste território, evidenciando que

<sup>22</sup> Cf [www.studiomusa.art/performance](http://www.studiomusa.art/performance). Acesso em 18 ago. 2022. A roupa branca, a máscara, a perfuração e o sangue são elementos de uma caminhada ritual até a estátua do líder resistente à escravidão Zumbi dos Palmares, no centro do Rio de Janeiro. Criação: muSa Michelle Mattiuzzi e Elton Panamby. Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

<sup>23</sup> O princípio da Intimidade, primeiro capítulo do livro de Castiel Vitorino Brasileiro, *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*, 2022.

essa luta pela liberdade é algo que tem sido construído há tempos.

Na continuação das perguntas, Castiel ressalta:

*E como é possível viver as nossas liberdades?  
O que é Liberdade?*

Para responder, ela descreve cenas da performance de muSa Michelle Mattiuzzi: “*experimentando o vermelho em dilúvio*”<sup>22</sup>, de 2016, e nos coloca em uma experiência poética na qual a relação com o sangue não precisa envolver dor, sofrimento e violência, pois é possível ser de prazer, felicidade e liberdade.

Estas são imagens lindas para Castiel, pois trazem a conexão com a liberdade, como um momento precioso, possível através da obra de arte e viabilizador da intimidade com outras histórias que não as da branquitude.

Sobre liberdade e intimidade, Castiel cita o primeiro capítulo de seu livro, que aqui destaco um trecho:

*A liberdade para uma pessoa destinada à certeza de seu pertencimento na negritude é uma questão de intimidade. A liberdade para pessoas retintas, que cotidianamente são traduzidas na mitologia moderna da raça negra, trata-se também das dobras que fazem neste fato violento que nos contam como destino inevitável: tornar-se negra/o. (BRASILEIRO, 2022, p. 13).*

Assim, nos faz refletir sobre o letramento racial, ou seja, sobre o que pessoas brancas contaram e contam sobre nós. Diz, ainda, que as palavras “índio” e “negro” são uma invenção branca. E, quando nos aprofundamos no verdadeiro significado dessas palavras, descobrimos que negro vem de *necro = podre*. Castiel prossegue:

*Quais seriam os nossos outros nomes?  
Qual, de fato, são nossos verdadeiros nomes?*

<sup>24</sup> Tupi-guarani: uma das quatro grandes famílias linguísticas da América do Sul tropical e equatorial; indígenas pertencentes a essa família. Cf <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em 22 ago. 2022.

<sup>25</sup> Segundo o dicionário *Oxford Languages*, quimbundo é a língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos.

<sup>26</sup> Cf <http://www.jaideresbell.com.br/site/sobre-o-artista/>

<sup>27</sup> Cf [https://www.instagram.com/\\_ailtonkrenak/](https://www.instagram.com/_ailtonkrenak/)

<sup>28</sup> Cf <https://www.instagram.com/tiganasantanaoficial/>

<sup>24</sup> Muniz Sodré de Araújo Cabral nasceu na cidade de São Gonçalo dos Campos - BA, em 12 de janeiro de 1942. Passou sua infância em Feira de Santana. Mais tarde, na cidade de Salvador, iniciou sua vida profissional como colaborador do *Jornal da Bahia*, exercendo também a função de tradutor, no Departamento de Turismo da Prefeitura. Transferiu-se anos depois para o Rio de Janeiro, onde ganhou notoriedade como professor e ensaísta. Cursou mestrado em Sociologia da Informação na Universidade de Paris III – Sorbonne, Doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França. É membro, entre outros, da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) e da Associação Brasileira de

E nos instiga com possibilidades:

*Como ensinar nossas crianças a nossa verdadeira história sem se resumir a palavras tão simples como negro ou índio e que pouco dizem o que realmente significamos?*

Por exemplo, Castiel nos inquieta quando diz não existir o significado de negritude em tupi<sup>24</sup> ou em quimbundo<sup>25</sup>. Entretanto, a não existência de um significado não quer dizer que negritude não existe, mas que há uma abertura de possibilidades e outras explicações para nossas vidas que não são orientadas apenas pelos discursos de raça e gênero.

Por meio da reflexão sobre a arte como possibilidade de criar espaços de liberdade, Castiel cita as obras de Jaider Esbell<sup>26</sup>, Ailton Krenak<sup>27</sup> e Tiganá Santana<sup>28</sup>, pois estes deslocam nossos pensamentos para refletir sobre a nossa existência, respeitando o caráter efêmero da vida. Efemeridade que também está presente em sua produção artística, na qual cria espaços precívalis de liberdade. Assim, a vida e a liberdade estão relacionadas à essa transformação/transmutação.

Nessa esteira, pode-se dizer que nossa cultura é algo que se perpetua, é viva, é livre. E sobre essa liberdade, Castiel diz:

*Ir para onde eu quiser, modificar minha presença, fincar minha presença de várias formas e assim construir outras origens. nasci no Brasil, (...) não, nasci no morro da Fonte Grande. a nação brasileira, não me quis e nem eu a quis... pretendo ser livre, (...) vou construir outras origens, isso é liberdade. (BRASILEIRO, 2022)*

Para trazer essas experiências para nossa realidade, Castiel traz referências das nossas verdadeiras histórias que, por sua vez, estão nos terreiros, nos centros de umbanda, no candomblé, em nossos relacionamentos com nossas singularidades, nossa forma de andar, vestir, comer, nossa música, e conclui que tudo isso deve fazer parte do nosso cotidiano para que integre nosso ser/estar neste mundo.

Semiótica. Pesquisador das línguas iorubá (nagô) e do crioulo de Cabo Verde, é também Obá de Xangô do terreiro baiano de Axé Opô Afonjá. Colaborou para o *Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo*, revistas *Visão* e *Traverses*. Intelectual afrodescendente e um dos mais destacados pensadores brasileiros contemporâneos, Sodré é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Pioneiro no campo dos estudos comunicacionais no país e autor de importantes contribuições sobre comunicação e cultura, tem livros publicados no Brasil e no exterior, sendo sua obra importante referencial para os estudos sobre comunicação, cultura brasileira e, em especial, sobre a condição da população afrodescendente e suas formas de resistência cultural. Crítico da mestiçagem enquanto ideologia redutora do negro, Sodré denuncia o projeto de “atenuação biológica” entre peles claras e escuras que busca fazer da miscigenação uma “solução de compromisso” entre o branco e o negro. Denuncia ainda a confusão entre o biológico e o cultural presente nessa ideologia como sendo a mesma que sustenta o pensamento racista. No campo da ficção, é autor de três livros de contos – *Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem* (1988), *Rio, Rio* (1995) e *A lei do santo* (2000) – e de dois romances: *O bicho que chegou à feira* (1991) e *Bola da vez* (1994). Em todos eles, o sujeito negro brasileiro ganha destaque, seja

Nossa memória também deve trazer essas experiências que tornam o conhecimento possível. Dessa forma, cita os terreiros de umbanda e candomblé como locais de memórias importantes, e a obra de Leda Maria Martins, *Afrografias da memória*.

Como memória, Castiel se emociona ao ser questionada sobre sua relação com a água, por ser um elemento muito importante, uma vez que Castiel pertence às divindades e orixás da água. Para ela, água é força vital, transformação, força uterina, gestação. Em seus estudos sobre o universo, acredita que há vida em outros planetas, pois a violência sofrida aqui a faz se sentir extraterrestre dentro do seu próprio país, o que a faz acreditar que nossa vida vai muito além da que vivemos aqui. Logo, a água a ensina sobre mudança e sobre outras formas de vida.

Buscando a mesma liberdade de Castiel, Eduardo Oliveira Miranda se apresenta neste espaço enquanto professor doutor da Universidade Federal de Feira de Santana/BA que traz em seu corpo-território sua vontade de mudanças concretas dentro e fora dos corredores da Universidade, onde trabalha com formação de professores, ampliando o diálogo sobre questões étnico-raciais. Como forte referência, traz Muniz Sodré<sup>29</sup>, baiano e do candomblé, que nos abre a compreensão sobre o corpo-território.

*Oxumaré é um homem muito belo chamava atenção pela sua energia, vestimentas e comportamento. O rei era Xangô e chegou aos seus ouvidos que um homem belo chamava muito atenção Oxumaré foi levado até Xangô Então, Xangô determinou que se trancasse todas as portas e janelas do palácio para que Oxumaré não pudesse mais sair dali Desesperado, Oxumaré suplicou, e foi transmutado Tornou-se uma cobra e fugiu por uma brecha. Conseguiu fugir e continuar seu caminho.*

enquanto individualidade e consciência de si, seja enquanto coletivo social irmanado por experiências comuns e integrado à forte presença cultural e religiosa oriunda da diáspora africana no Brasil. Cf <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/ autores/335-muniz-sodre>. Acesso em 19 ago. 2022.

<sup>30</sup> Lendas, na cultura iorubá.

<sup>31</sup> Nilma Lino Gomes é Pedagoga/UFMG, mestra em Educação pela UFMG, doutora em Antropologia Social pela USP e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela UFSCAR. Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Integra o corpo docente permanente da pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG. Foi Coordenadora Geral do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão Ações Afirmativas na UFMG (2002 a 2013) e, atualmente, integra a equipe de pesquisadores desse Programa. Em 2022, recebeu o Prêmio Carolina Bori, Ciência & Mulher, 3ª edição, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), como vencedora da área das humanidades. Integrou a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (gestão 2010-2014). Foi reitora Pró-Tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2013-2014). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPIIR (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e

Eduardo inicia sua fala com esse itan<sup>30</sup> de abordagem decolonial, fazendo uma referência à sua própria existência vigiada, controlada. Em busca de *brechas*, tentamos fugir desse sistema político, heterossexual e capitalista que, segundo ele, precisa ser discutido em todos os cursos universitários.

Eduardo inicia discussões sobre o papel da branquitude, colocada como objeto de investigação. Associa a casa-grande à universidade – esta pautada por uma visão colonial – e nos convoca a fazer o movimento contrário, pois nesta disputa de poder encaramos também a disputa por nossa existência.

Sobre a importância de se ter um letramento racial, cita Nilma Lino Gomes<sup>31</sup>, figura marcante na luta por uma educação antirracista, para que possamos ter consciência, no nosso corpo, da disputa por este território, situando o pardo dentro destas questões, pois “A branquitude fica feliz quando a negritude joga o pardo fora” (2022).

Em outras palavras, um corpo desobediente incomoda, está fora das regras e é perigoso, especialmente quando se dá visibilidade para ele.

*Como a espada de Oxóssi, as palavras lançadas no mundo não voltam.*

Eduardo nos convida a buscar as frestas, *denegrir* e *empretecer* a formação de professores. Apresenta seu livro<sup>32</sup> como referência, uma vez que este traz perspectivas africanas e afro-brasileiras para que nossa política existencial possa ser repensada. Para ele, precisamos convidar todos a repensar a estrutura racial.

Além disso, o autor aborda o ambiente escolar como um território das diferenças e não da diversidade, pois um corpo que foge à regra está sujeito à uma vivência cheia de desafios, considerando a existência de muitas barreiras perante a expansão desses corpos.

Nesse sentido, um dos desafios é compartilhar o conhecimento porque este é um instrumento de poder e

dos Direitos Humanos (2015-2016) do governo da presidenta Dilma Rousseff. É membro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Atua como professora voluntária da UFMG, vinculada ao Departamento de Administração Escolar (DAE/FAE/UFMG). Tem interesse nas seguintes áreas de investigação: diversidade, cultura e educação, relações étnico-raciais e educação, formação de professores e diversidade étnico-racial, políticas educacionais, desigualdades sociais e raciais, movimentos sociais e educação, com ênfase especial na atuação do movimento negro brasileiro. Cf <http://somos.ufmg.br/professor/nilma-lino-gomes>. Acesso em: 22 ago. 2022.

<sup>32</sup> MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território & educação decolonial: posições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

deve-se “repensar nosso lugar e socializar o que aprendemos nesse espaço. Ser decolonial no Brasil, é saber que estamos o tempo todo, em todos os espaços, buscando uma zona de proposições, propor para fazer a práxis da mudança. Qual é a mudança que faremos?”, questiona:

*Portanto, viver a teoria na prática do cotidiano ultrapassa o simplório papel da alfabetização de incumbência das escolas. Alfabetizar os corpos-territórios não garante torná-los sujeitos portadores de criticidade. Alfabetizar a população para a democracia exige da educação o desenvolvimento do educando que confronte, tensione, seja partícipe ativo das contestações de tudo que circunda o seu corpo-território (MIRANDA, 2020, p. 39).*

Eduardo nos provoca para essa mudança, para essa tensão, esse confronto: “O inimigo é o mesmo que mata a gente há mais de 500 anos e diz pra gente que não pertencemos a esse mundo. Precisamos repensar nossa existência, nosso lugar.”. E continua:

*Quais são nossas referências bibliográficas?  
Quem estamos lendo?  
Temos lido pessoas para além da branquitude?  
Estamos citando os nossos?  
Quem estamos contemplando nas problemáticas da pesquisa?  
De qual lugar estamos falando?  
Qual público queremos atingir?*

Em seguida, traz o conhecimento e a memória dos nossos ancestrais em contrapartida ao genocídio epistêmico, tratado por Abdias do Nascimento<sup>33</sup>. Ser esse corpo-território fora da regra, com letramento racial, causa repulsa, não é aceito. E dentro de sua cosmopercepção, tem achado sentido para sua existência: assim como Oxumaré trocou de pele, Eduardo se transforma toda vez que se depara com a diferença. A partir disso, busca esse lugar de afeto ao qual se sente pertencente, e não concorda com tudo, mas faz proposições para escancarar as realidades dos espaços que habita.

<sup>33</sup> Abdias do Nascimento (Franca, SP, 1914 – Rio de Janeiro, RJ, 2011). Ator, diretor e dramaturgo. Militante da luta contra a discriminação racial e pela valorização da cultura negra. É responsável pela criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), que atua no Rio de Janeiro entre 1944 e 1968. Essa é a primeira companhia a promover a inclusão do artista afrodescendente no panorama teatral brasileiro.

Enquanto frutos da luta de muitas conquistas dos movimentos negros, estamos em lugar de privilégio e, dentro dele, temos que racializar as reflexões. Eduardo ainda lembra, por exemplo, da discussão da política de cotas que tem sido feita pelo atual governo de direita. Sendo assim, é preciso propor, discutir, conhecer, confrontar, estar entre o povo subalternizado.

Por fim, somos invocados à uma memória ancestral advinda do candomblé e da umbanda, territórios que guardam a resistência e a continuidade, nos realimentando e ressignificando nossa existência: “(...) como é doloroso ver quem é de axé ritualizar e depois esconder sua memória, se readequar... porque sabemos o impacto do nosso corpo-território, do racismo religioso, e da intolerância”. Com um itan de lemanjá, as palavras e constatações adentram como um afluente nesse rio de saberes:

*lemanjá casou com um orixá  
e fizeram um acordo,  
o orixá não poderia criticar o corpo dela.  
Um dia, chegou em casa bêbado,  
e criticou seus seios fartos.  
Não satisfeita com a violência que sofreu,  
abandonou seu marido  
e saiu pelo mundo.  
Se transformou em um rio  
e todos os obstáculos que encontrava pela frente,  
contornava ou perfurava até chegar ao mar.*

A proposta final é esta: considerando nossa existência enquanto corpos-territórios, é preciso contornar, superar os obstáculos pela frente, cada um no seu contexto, na sua vida, na sua resistência. Persistir como sujeitos inconformados, contrariados e nunca desistentes para que, juntos, possamos chegar ao mar.



RAQUEL  
SANTOS<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Raquel Santos é mãe, migrante sudestina, artista e educadora. Cenógrafa, percussionista do Ilú Obá De Min e mestranda em Processos Artísticos, experiências educacionais e mediação cultural pelo Instituto de Artes da Unesp. Em suas pesquisas investiga relações de afeto e espacialidade como agentes educadores de corpos territórios afro diaspóricos na cidade de São Paulo.



# DESORIENTAÇÕES DE UMA EMBARCADA: RECALCULANDO A ROTA DURANTE A TRAVESSIA



# DESORIENTAÇÕES DE UMA EMBARCADA: RECALCULANDO A ROTA DURANTE A TRAVESSIA

“Anoitece ao silêncio falado  
Da novela das oito  
Comunicação de olhos e ouvidos  
De vontades anestesiadas  
De ações sonâmbulas  
E ainda não é madrugada!

Prevejo outra noite de vigília  
Que tarda ao compasso da  
Angústia, da frustração  
Da solidão sólida  
Sob os gritos esquizofrênicos  
Sob os vômitos e os beijos do vídeo

“Ah! Cidade  
Sinto calor, sinto frio  
Nor-destino do Brasil  
Vivo entre São Paulo e Rio  
Porque não posso chorar”

Ah! Esta saudade-presença  
Ah! Este ferro no estômago

Ah! Este grito em implosão  
Ah! Este sexo saciado  
Ah! Esta corpórea insatisfação

Meu lápis, meu papel  
Falem mais alto que o rumor da TV  
Imprimam o silêncio das nossas palavras”<sup>35</sup>

<sup>35</sup> NASCIMENTO, Beatriz. Mídia I, poema escrito em 19.12.1983, disponível no livro **Todas as distâncias, poemas, aforismos e ensaios de Beatriz**. Disponível em: <<https://criola.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Alex-Ratts-Bethania-Gomes-Beatriz-Nascimento-2015-Todas-as-dista%CC%82ncias.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2022.

<sup>36</sup> **Maria Beatriz Nascimento** (1942-1995) é intelectual ativista negra, migrante sergipana, radicada no Rio de Janeiro. Historiadora pela UFRJ, esteve à frente da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças, em 1974, na Universidade Federal Fluminense (UFF), compartilhando com estudantes negros/as universitários/as do Rio e São Paulo a discussão da temática racial na academia e na educação em geral.

Início esta resenha com um poema de Beatriz Nascimento<sup>36</sup>, importante referência em minhas investigações acadêmicas, escrito no ano em que nasci e que, para mim, resumiria o que tenho a dizer. Porém, como a própria Beatriz nos mostra a urgência em escrevermos por mãos negras a história deste país – que não se resume à história do negro e escravizado –, compartilho, a seguir, um relato sobre a mesa de encerramento do *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação* intitulada “Criando territórios para outros saberes”.

Falar desta gira final ainda me é uma traição ao movimento de senti-la e entendê-la. Eu ainda estou processando, como em um puerpério em que, após parir, a fêmea precisa de um tempo para reconhecer e se reconectar com a criança, assim como seu corpo precisa voltar a se reconhecer após o parto. Dessa forma, ainda estou vivendo a aventura que foi gestar, cuidar e mediar este encontro entre quatro mulheres que compartilharam seus afetos e suas histórias de forma tão significativa para a história do Instituto de Artes da Unesp.

Ao juntar minhas águas com as águas de meus colegas do grupo de pesquisa GPIHMAE e do grupo de estudos *Egungun* durante 2021 – no segundo ano de Pandemia Mundial de Covid-19 que nos obrigou a nos encontrarmos de forma remota –, meu primeiro ano como mestrande após uma pausa de 12 anos nos estudos acadêmicos para me dedicar aos cuidados maternos, eu não tinha ideia que cada texto lido, compartilhamento de experiências ou vivências artísticas poderiam culminar em um seminário de construção coletiva, que celebrou em cada etapa o saber da gira, da roda e da ciclicidade de nossas existências como pessoas e acadêmicos responsáveis por manter viva a universidade pública.

Nesta mesa final de celebração e trocas de afetos, tivemos quatro mulheres – com todas as suas subjetividades – se reconhecendo uma na outra e evocando tantas outras mulheres inspiradoras para a gira. Pude ver nossas convidadas contando sobre si e suas experiências dentro e

<sup>37</sup> *Desorientação e desorientadoras* foi uma forma carinhosa que cunhamos durante a mesa para denominar as orientadoras e orientandas presentes.

<sup>38</sup> **Giselda Perê** é mestra em arte/educação pelo Instituto de Artes da Unesp, artista e educadora há mais de 20 anos. Na educação, já atuou em sala de aula por mais de 10 anos. Há 12 anos, fundou a Agbalá Conta e, com ela, dedica-se à criação e pesquisa da arte da narrativa, das histórias de vida e origem, e à formação de artistas e professores que buscam descolonizar o pensamento e investigar novas epistemologias fundadas nas culturas tradicionais pretas africanas e brasileiras. É atriz no Clã do Jabuti, diretora artística na Cia Quatro Ventos e pedagoga social no projeto *Mude Com Elas* da Ação Educativa.

<sup>39</sup> **Rejane G. Coutinho** é mestre e doutora em Artes pela ECA/USP e professora do Instituto de Artes da UNESP, onde atua no curso de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) e no Programa de Pós-Graduação em Artes, linha de pesquisa Arte e Educação. Atualmente, é coordenadora do Mestrado Profissional em Artes – Profartes – do IA/Unesp. É membro do Grupo de Pesquisa sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação – GPIHMAE e tem publicado artigos em periódicos e livros sobre: história do ensino de artes no Brasil, formação de educadores mediadores e a questão da educação em museus. É membro da Federação de Arte Educadores

fora do território do Instituto de Artes a partir de experiências de *outres*, se entendendo neste tempo nosso como seres cíclicos e em constante transformação, assumindo suas vulnerabilidades *desorientadas*<sup>37</sup> pelas urgências acadêmicas, sociais e afetivas.

A roda foi dividida em duplas de travessia investigativa: de um lado, Giselda Perê<sup>38</sup> e Rejane Coutinho<sup>39</sup>, com uma dissertação defendida um pouco antes do fim do mundo, em fevereiro de 2020, intitulada *Mitos e os contos africanos e afro-brasileiros na formação de professores: uma prática de combate ao racismo e à intolerância religiosa*. De outro, a dupla Mirella Maria<sup>40</sup> e Rita Bredariolli<sup>41</sup> que, em 2018, defenderam a dissertação chamada *Transgredir para educar: das mulatas de Di Cavalcanti às propostas pedagógicas engajadas e decoloniais*. Ambas as duplas de pesquisa relataram suas chegadas e permanências no Instituto de Artes como educadoras e educandas, descreveram como foi esse encontro com os desejos de pesquisa e como a convivência as afetou e transformou suas práticas pedagógicas.

Início com Giselda Perê que, ao relatar as violências vividas durante uma tentativa em se tornar mestra em outra instituição de ensino, nos mostra o quanto o espaço acadêmico pode ser violento com pessoas e pesquisas cotidianas e urgentes, mas que não abrilhantam o costume monocultor da universidade. Perê<sup>42</sup> compartilha suas chegadas, seus começos, suas desistências e confirmações vivenciados durante essa travessia acadêmica enquanto educadora, artista, mãe e, hoje, Yalorixá<sup>43</sup>.

Giselda inicia nossa conversa com os relatos de experiências, as quais muitas foram vivenciadas dentro de casa com sua família e com as histórias do pai, um homem negro e migrante pernambucano que fez sua travessia territorial no início dos anos 60. Ela nos conta um pouco sobre como sua escolha profissional para as artes era vista com desconfianças dentro de casa: “*então, ele enfrentou muitas durezas... dessas durezas ele acabou me transmitindo com as quais virou as minhas armaduras*”<sup>44</sup>. Enquanto este processo foi duro para seu pai, o que a deixou sempre “ressabiada” nos

do Brasil (FAEB) e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Foi fundadora e atualmente é colaboradora do Arteducação Produções, coletivo que desenvolve projetos de ação educativa e mediação cultural em São Paulo.

<sup>40</sup> **Mirella Maria** é artista visual, pesquisadora e professora. É graduada em Artes Visuais e mestra em Arte Educação pela Universidade Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Atuou como arte educadora, formadora e consultora em espaços como Museu Afro Brasil, SESC, Instituto Adelina, MASP SP, rede Sparks School (South Africa). Como artista visual, participou da XII Bienal do Mercosul. Atualmente, é professora de atendimento educacional especializado na Prefeitura Municipal de SP (PMS) e consultora educacional. Sua pesquisa é voltada para a produção artística contra-hegemônica, alinhando-se a epistemologias do Sul Global, questões étnico-raciais, de gênero e estudos pós-coloniais.

<sup>41</sup> **Rita Luciana Berti Bredariolli** é professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Doutora e Mestre em Artes sob a linha de pesquisa Teoria, Ensino e Aprendizagem pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP. Realizou pós-doutorado no *Program in Art and Art Education*, Teachers College, Columbia University, sendo bolsista CAPES do Programa de Estágio Pós-Doutoral no Exterior. Líder dos grupos de pesquisa GPIHMAE (Grupo de

espaços acadêmicos, é curioso ver que, ao chegar na Unesp, reconheceu em Rejane Coutinho e seu “*sotaque acolhedor e familiar*” um lugar para estar.

No compartilhamento de questões tão íntimas com as convidadas da mesa, sinto que Giselda traz para a roda o tom afetuoso deste encerramento, libertando o sal interno das demais convidadas e ouvintes e embargando nossas falas. Aqui, ao contrário do poema de Beatriz Nascimento, nos é permitido chorar. Ao lembrar sua necessidade constante em achar uma rede de apoio na universidade, Giselda relata como o encontro com outras mulheres pretas indicava que aquele espaço poderia ser um território possível para ela também, pois via-se, ali, a formação de uma rede de autocuidado, reconhecimento e construção de uma universidade mais negra, feminina e materna.

Neste primeiro encontro com Rejane, na ocasião de uma entrevista para admissão do mestrado, Giselda chegou “*tão bonita, tão forte, tão cheia de energia*”<sup>46</sup> que cativou Rejane na hora, acionando um interesse imediato em acompanhá-la na travessia de pesquisa, mas também um certo “*receio porque exatamente... Porque a gente da academia não está preparado para lidar com esses outros saberes*”<sup>47</sup>. Com o reconhecimento desse lugar de branquitude monocultor cotidiano que vivenciava na academia, Rejane lembra um texto de 1995 escrito por Ana Mae Barbosa<sup>48</sup>, nossa mais velha da Arte-Educação no Brasil, e se dá conta que foi apenas ali que ouviu falar de autores chamados de pós-coloniais, à época.

Compreender a existência deste não saber “outro” – e, também, “nosso” – causa uma certa estranheza em Rejane, pois ela sente quão constrangedor foi se perceber tão colonizada e colonizadora. Ao lembrar dos inúmeros estudantes que adentraram a pós-graduação do Instituto de Artes sob sua orientação, Rejane se coloca enquanto acompanhante e barqueira, aprendizado sobre *desorientação* oriundo de Marie-Christine Josso<sup>49</sup>. Trata-se de um conceito sobre a ideia de acompanhar e sob o qual ela se torna, então, uma acompanhante dos ingressantes, permitindo-se ser

Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação) e FIGAS (Feminismos, Imagens, Gêneros e Artes).

<sup>42</sup> Apesar da importância de darmos nome e sobrenome às mulheres importantes que fizeram parte desta mesa, após a apresentação inicial de cada uma, na qual faço questão de apresentá-las como elas mesmas me indicaram na ocasião do Seminário, escolho utilizar o primeiro nome, ou a forma com as chamo no cotidiano, trazendo para a escrita o tom afetivo que predominou nesta mesa de encerramento.

<sup>43</sup> Yalorixá foi o cargo designado à Giselda Perê durante um jogo de búzios que ela fez em obrigação de seus 7 anos de iniciada, onde lhe foi confirmado que, a partir daquele momento, ela deveria compartilhar seus saberes como uma “mãe de santo”.

<sup>44</sup> Informação verbal oferecida por Giselda Perê no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>45</sup> Informação verbal oferecida por Giselda Perê no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>46</sup> Informação verbal concedida por Rejane Coutinho no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>47</sup> Informação verbal concedida por Rejane Coutinho no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>48</sup> **Ana Mae Barbosa** é uma educadora brasileira, pioneira em arte-educação por sua sistematização da Proposta Triangular.

afetada por eles, suas histórias e suas epistememes. Nas palavras de Rejane, “*estar com você, te acolher e te acompanhar foi uma experiência de alargar*”<sup>50</sup>.

Penso que este alargar é, portanto, um favorecimento de inúmeras possibilidades ou de muitos começos possíveis. Em sua fala durante a semana do Seminário, ela confessou tais começos, pois elaborou muitos para o nosso encontro. “Eu vou começar várias vezes”<sup>51</sup>, afirma. E esse recomeçar, essa relação de retorno, é a vivência do tempo espiralar que ela mesma menciona, não apenas ao citar a fala de Leda Maria Martins, mas também ao compartilhar o fato de ser a mais velha em nosso grupo de pesquisa, o que oferece uma nova perspectiva da importância em ser a propagadora de nossa história acadêmica.

A segunda dupla de convidadas iniciou com a fala de Mirella, que “*tremendo as cadeiras*”<sup>52</sup> também lembrou a importância de se sentir pertencente à universidade, pois sua caminhada na Unesp começou anos antes, durante a própria graduação. Ao agradecer seus pais, Dona Sônia e Seu Benedito, e às companheiras de caminhada, Renata Felinto<sup>53</sup>, Raquel Lambert<sup>54</sup>, Janaína Barros<sup>55</sup> e Juliana dos Santos<sup>56</sup>, Mirella traz a importância de se encontrar na universidade e do coletivo.

O aspecto coletivo citado por Mirella em diversos momentos como fundamental para sua estadia na Unesp também é mencionado por sua desorientadora Rita como uma das grandes qualidades de Mirella: “*Mirella é o coletivo*”<sup>57</sup>. Este fazer junto que motivou Mirella e a fez movimentar os corredores do Campus do Instituto de Artes é um dos saberes pretos que vivenciamos quando nos aquilombamos. Assim, não é coincidência o título que deu ao Seminário que organizou com outros estudantes durante o período de graduação, a saber, Quilombo Mulheres Negras<sup>58</sup>. Esse conceito de quilombo é “uma prática de procurar conscientemente organizar uma sociedade para si, onde ele possa viver de acordo com o seu passado histórico, africano, brasileiro, com os seus hábitos, seus costumes, a sua cultura, sua forma de ser”<sup>59</sup>.

<sup>49</sup> Socióloga. Antropóloga e doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

<sup>50</sup> Informação verbal concedida por Rejane Coutinho no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>51</sup> Informação verbal concedida por Rejane Coutinho no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>52</sup> Informação verbal concedida por Rejane Coutinho no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>53</sup> **Renata Felinto** é artista visual, pesquisadora, educadora, escritora, performer e ilustradora. Suas obras se fundamentam na questão da identidade negra feminina e, por meio de diferentes linguagens, questionam construções estéticas e culturais.

<sup>54</sup> **Vanessa Raquel Lambert** é professora na área de Arte-educação e Linguagem Visual na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Investigadora em Estudos da imagem gráfica e decolonialidade no ensino da arte e Poéticas visuais decoloniais na arte-educação.

<sup>55</sup> **Janaina Barros** é artista visual, performer, pesquisadora e educadora. Atravessa múltiplas linguagens artísticas para comunicar suas inquietações, questionando as construções de gênero sob uma perspectiva étnica e racial.

Dessa forma, trazer a nossa forma de ser e de existir foi disparador para a criação deste Seminário. Criamos uma seleção de referências artísticas e bibliográficas que nos acompanharam durante nossos encontros de grupo de estudos para que todos compartilhassem seus saberes e pudéssemos ter a oportunidade de interagir para além de nossas pesquisas pessoais. Ao dizer “*eu preciso falar da minha história, eu preciso falar de mim, eu preciso falar de meu cabelo*”<sup>60</sup>, Mirella sintetiza sua trajetória na Universidade e sinaliza as ações que ela construiu e que tornaram a minha estada na academia mais possível.

“De 2012 para 2013 eu tive contato com Beatriz Nascimento. Fiquei encantada. Porque ela me trazia uma ideia de quilombo que eu queria construir dentro da Unesp e que era uma parceria, uma construção entre pares que transcendia a ideia de quilombo que a gente tem, uma coisa passada, ou de um quilombo que não é dinâmico e que não tem cultura e presença política na atualidade. Eu queria formar um quilombo cultural político dentro do Instituto de Artes e daí surgiu o quilombo mulheres negras”<sup>61</sup>

Apesar de chegar ao mestrado no Instituto de Artes da Unesp quase oito anos depois da primeira edição do *Seminário Quilombo Mulheres Negras*, percebo que esta minha chegada e facilidade em construir com os meus colegas este *Seminário Corpas, Saberes e Territórios* somente foi mais leve, sem tantos “ressabiamentos”, porque mulheres como Mirella e Giselda caminharam antes e firmaram suas presenças na cadeira da instituição, repensando formas de educar.

Por fim, a fala de Rita retoma a reflexão sobre estes lugares possíveis para além do espaço físico monocultor, estático e colonial proporcionado com frequência pela academia. Ela encerra a mesa com uma reorganização de sua bússola interna ao pedir para reconfigurar sua fala. Em busca de um tempo dentro do tempo que já é dela para tentar processar e contribuir com sua visão sobre a passagem de Mirella na instituição, Rita diz que “*Mirella sempre fez isso*

<sup>56</sup> **Juliana dos Santos** é artista visual, mestre em arte/educação e doutoranda bolsista Capes em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde faz parte da coordenação da Comissão de Direitos Humanos e do Núcleo de Pesquisadores Negros da Unesp, Nupe-IA. Possui pesquisa em arte/educação e rupturas dos paradigmas hegemônicos como foco na descolonização do ensino de Artes. Nos últimos anos, tem realizado exposições, cursos, oficinas, palestras, atividades de formação docente e consultorias em diversas instituições nacionais e internacionais.

<sup>57</sup> Informação verbal concedida por Rita Bredariolli no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>58</sup> Para saber mais sobre esse evento, indico a leitura do trabalho de conclusão de curso de mesmo nome, escrito por Mirella e disponível em: <[https://www.academia.edu/13567038/Quilombo\\_Mulheres\\_Negras\\_-\\_uma\\_a%C3%A7%C3%A3o\\_identit%C3%A1ria](https://www.academia.edu/13567038/Quilombo_Mulheres_Negras_-_uma_a%C3%A7%C3%A3o_identit%C3%A1ria)>.

<sup>59</sup> Informação verbal oferecida por Beatriz Nascimento no documentário *Do negro da senzala ao soul*. Trecho disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-LhM1MaPE9c>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>60</sup> Informação verbal concedida por Mirella Maria no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>61</sup> Informação verbal concedida por Mirella Maria no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

*comigo*”<sup>62</sup> e continua “*se eu sou assim hoje é porque eu encontrei a Mirella no IA*”<sup>63</sup>. Assim, relembra que a paciência de Mirella enquanto educadora a fez refletir e se reorganizar em muitas bases. Por fim, assume sua branquitude enquanto mulher branca disposta a aprender novos saberes, e reforça a importância de “*assumir a responsabilidade e fazer a coisa acontecer como devido*”<sup>64</sup>, dando pistas para as ações antirracistas que tem desenvolvido junto à universidade.

Nesse sentido, uma destas ações foi nomear todos os envolvidos na organização do *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*, assim como a todos que compartilharam seus saberes no *Seminário Quilombo Mulheres Negras*. Isto foi feito por meio da leitura do programa do evento, “*que faz questão de guardar até hoje*”<sup>65</sup> e que aconteceu dez anos atrás, como forma de dar visibilidade aos “outros” muitos saberes praticados cotidianamente fora da universidade e até então pouco vistos na instituição. Dessa forma, considera tais saberes como “nossos”, recalculando rotas para essas travessias acadêmicas – muitas vezes doloridas – e reescrevendo uma nova história de ensino de Arte-Educação no Brasil.

Nesse jogo de memórias e compartilhamento de histórias de vidas das convidadas, presenciamos uma costura da própria história de acesso à universidade, do Instituto de Artes e, inclusive, a minha, pois também estou mestranda hoje e me reconheço nos corredores da instituição – mesmo que virtuais – porque mulheres negras adentraram este espaço antes de mim e, com seus corpos, me lembraram que aquele espaço poderia ser um território para mim. Assim, finalizo esta traição com uma frase de Beatriz Nascimento, no filme *Ori*, que diz: “*Quilombo é o lugar que o homem tem a sensação de Oceano*”<sup>66</sup>, e agradeço a oportunidade de ser água com tantas mulheres que me inspiram. Estamos reconstruindo uma nova história nossa.

Awète.

## [BIBLIOGRAFIA]

NASCIMENTO, Beatriz. **Filme Ori**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>>

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas as distâncias, poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. Organizado por Alex Ratts e bethania Gomes. 200p. Editora Ogum’s Toques Negros. 2015.

<sup>62</sup> Informação verbal concedida por Rita Bredariolli no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>63</sup> Informação verbal concedida por Rita Bredariolli no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>64</sup> Informação verbal concedida por Rita Bredariolli no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>65</sup> Informação verbal concedida por Rita Bredariolli no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios*.

<sup>66</sup> NASCIMENTO, Beatriz. *Ori*. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>> Acesso em 07 mar. 2022.



REJANE G.  
COUTINHO<sup>67</sup>

<sup>67</sup> Professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".



# RECOMEÇANDO SEMPRE!



# RECOMEÇANDO SEMPRE!

<sup>68</sup> Trago o conceito tendo como referência a ideia de *climatosofia*, de Apolline Torregrosa Laborie, em *Climatosofia de la formación artística* (2013).

<sup>69</sup> Nancy de Souza e Silva, mais conhecida como Vovó Cici, é contadora de histórias de orixás. Ligada à Fundação Pierre Verger na Bahia, onde reside, foi a convidada para abertura do evento em questão.

Agradeço o convite para compor a publicação com este texto e evoco o microclima<sup>68</sup> no qual estivemos imersas entre os dias 4 e 7 de maio, deste ano de 2022, no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*. Todo o ambiente criado, com seus espaços/tempos cuidadosamente temperados com afetos e dedicação de gente competente e valente, que tem trazido novos ventos para a academia. Ventos fortes com cheiro de chuva em terras batidas, ventos leves e constantes como brisa de mar, ventos que açoitam fogueiras e esquentam tambores, ventos que cantam e encantam. Ventos que varrem histórias únicas e criam climas propícios para se ver, rever e contar outras histórias sobre arte e educação.

Para começo de conversa, peço licença à Vovó Cici<sup>69</sup>, a mais velha, que abriu a roda de conversa na mesa de abertura. Quando ouvi e me embebi em sua fala, me dei conta de que no quintal de nosso grupo de pesquisa, o GPIHMAE, eu sou a mais velha! Me dei conta deste lugar que ocupo e da responsabilidade que carrego por isso, entendendo que a posição de mais velha é relativa. Talvez por isso somente agora eu esteja me dando conta dessa relação em meio ao grupo de pesquisa. Mas o que quero remarcar é que o conceito de **mais velha/o**, com todo o respeito e responsabilidade que ele carrega, tenho aprendido com vocês, os mais jovens, que estão trazendo para dentro da academia os ventos e saberes das culturais ancestrais indígenas e africanas.

Nos quatro dias do Seminário, passei entre vários começos e, aqui, experimento retomar o rascunho de minha fala na mesa final, além de compartilhar alguns (re)começos, num processo espiralar, conceito trazido por Leda Maria Martins e Geni Nuñez.

<sup>70</sup> Eduardo Oliveira Miranda é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS; autor do livro *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Fez parte da Mesa 3: “Ritos, performance e corporeidade”, no seminário em questão.

<sup>69</sup> Rita Segato é antropóloga argentina com pesquisas sobre feminismo e violência contra as mulheres. É professora emérita da UnB, onde lecionou entre 1985 e 2010.

## #recomeço 1. O título da mesa

“Criando territórios para outros saberes” e impregnada pelas potentes provocações de Eduardo Miranda<sup>70</sup> sobre as responsabilidades da academia na expansão dos territórios, compartilho as reflexões de Rita Segato<sup>71</sup> no seu texto *Brechas decoloniais para uma universidade da Nossa América* (2021), que reflete o que evidenciam as palavras que circularam nesse Seminário. Rita Segato foi coautora da primeira proposta de cotas para estudantes negros e indígenas no ensino superior do Brasil, e nesse texto rememora um episódio de 1998 que ocorreu no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB e deu origem ao movimento, refletindo sobre as mudanças necessárias.

Essa luta abriu a reflexão sobre diversos temas: a importância de se pensar o direito humano à educação; a dificuldade e a resistência que o meio acadêmico apresenta à sua democratização em termos raciais; o caráter conservador do meio acadêmico; as formas de discriminação e a violência moral, intelectual e psicológica – ou seja, o racismo – praticadas em seus claustros. Tocamos várias fibras do músculo da desigualdade (...). Tocamos também em outras, como as da universidade que, sendo fatalmente eurocêntrica, não suporta ver-se negra, não branca, indígena, contaminada pela aparência geral de nossas majorias porque isso representa, aos olhos da comunidade acadêmica mundial, a perda de prestígio, modernidade e autoridade, sempre associados a uma visão estereotipada do Norte. (SEGATO, 2021, p. 329).

A autora segue sua reflexão e demonstra o quanto este imaginário dominante em nossas universidades é equivocado, e como o nosso trabalho de desconstrução e reconstrução precisa seguir adiante. Ela apresenta “quatro brechas decoloniais”, nas quais identifico nossas práticas atuais, como direitos:

1. direito à educação, ou seja, ao acesso e à permanência;
2. à educação em direitos humanos como parte inseparável de seus conteúdos;
3. à adesão ao pluralismo e respeito aos direitos dos membros da comunidade acadêmica,

<sup>72</sup> Castiel Vitorino falou na mesa Mesa 3: “Ritos, performance e corporeidade”, junto com Eduardo Miranda, sob mediação de Sarah Castro.

<sup>73</sup> BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

com suas diferenças, nas práticas institucionais das escolas e faculdades; 4. ao controle social dos conteúdos e métodos de ensino por parte das comunidades que a frequentam, contemplando sempre o estudo e a manutenção da memória das lutas e demandas coletivas que impulsionam o processo de democratização da educação. (SEGATO, 2021, p. 330).

Dessa forma, os fios que tecem este Seminário passeiam por essas brechas. A questão do direito à educação, sobretudo à permanência, foi tratado nos relatos das ex-estudantes que fizeram parte das mesas, como a Juliana dos Santos e a Mirella Maria. O respeito ao pluralismo e as escolhas dos conteúdos e métodos foram práticas que deram sustentação ao desenho desse encontro que se forjou nas demandas coletivas.

## #recomeço 2. O Brasil esquizofrênico

Castiel Vitorino<sup>72</sup> lançou a ideia do “Brasil esquizofrênico”. Ideia que evocou a memória de minha primeira leitura do texto de Ana Mae Barbosa, *Arte-Educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular*, texto de 1998 que me introduziu ao pensamento decolonial, apresentando Frantz Fanon e Homi Bhabha. Tenho lido e relido este texto em minhas aulas desde então, pois foi quando me vi diante da esquizofrenia de me sentir profundamente colonizada e, ao mesmo tempo, colonizadora, sentimento que tenho buscado compartilhar e destrinchar nos processos de formação docente, pois o sistema educacional é parte fundamental da manutenção da colonialidade do poder e do saber.

A constatação dessa esquizofrenia foi uma importante virada para começar a perceber o quanto estava enredada no sistema que depois identifiquei como “pacto da branquitude”<sup>73</sup>. Sim, este pacto é cruel. Dele somos ao mesmo tempo vítimas e algozes, e precisamos muito falar sobre isso não somente nas universidades, mas também fora dela. Falar para refletir e mudar. E, sendo assim, precisamos falar sobre esta questão com nossas crianças, daí a importância da problemática nos processos de formação de professores.

## #recomeço 3. A barqueira

Para minha atuação docente, tem sido fundamental acolher diferentes corpos e saberes no território do grupo de pesquisa e, sobretudo, acompanhar as trajetórias e interesses de investigação que geram tensão nas narrativas hegemônicas e, conseqüentemente, me fazem navegar por águas desconhecidas, às vezes turbulentas. Gosto de me sentir barqueira, de enfrentar certas aventuras dos conhecimentos, acompanhar percursos outros e auxiliar nas passagens de uma margem à outra, seguindo o fluxo das águas.

Nesse sentido, a imagem da barqueira me alinha à uma perspectiva de educação transformadora e emancipadora, a qual busco praticar em meio a erros e acertos. Diante de um coletivo de estudantes, tenho claro que o que posso fazer é mediar conhecimentos ao nosso alcance e criar possibilidades de experiências coletivas e individuais. Logo, nas relações de orientação busco colocar o barco no movimento de escuta dos desejos de saber e conhecer, respeitando o fluxo das águas. Assim, tenho tido a sorte de acompanhar potentes trajetórias de conhecimento que, por sua vez, têm alimentado nossas corpos e criado novos portos, como a portada que o Egungun criou ao realizar esse Seminário.

## #recomeçando sempre

Com cuidado para não cair na repetição da sentença de Sísifo, é importante recomeçarmos do ponto onde paramos para descansar, organizar e festejar as novas conquistas. Questionamos, portanto: o que o grupo Egungun foi capaz de mobilizar em cada pessoa participante? O que este Seminário produziu e continua produzindo? Quais as repercussões das questões trazidas à tona nos diversos encontros nas trajetórias de pesquisa de cada pessoa?

Precisamos continuar a abrir brechas para semear a seara acadêmica com a potência das artes e culturas ancestrais que resistem e nos atravessam na contemporaneidade.

Grata pelas partilhas!

## **[BIBLIOGRAFIA]**

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MIRANDA, Eduardo Oiveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TORREGROSA, Apolline. **Climatosofía de la formación artística**. Palestras da 1ª Bienal de Educación Artística. Maldonado, 2012.



RITA LUCIANA  
BERTI  
BREDARIOLLI<sup>74</sup>

<sup>74</sup> Professora do Instituto  
de Artes da Universidade  
Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho". Contato:  
rita.luciana@unesp.br.



# DO AMOR E OUTRAS FLORES: CORPAS SABERES E TERRITÓRIOS NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO



# DO AMOR E OUTRAS FLORES: CORPAS, SABERES E TERRITÓRIOS NAS ARTES E NA EDUCAÇÃO

é de onde você veio até onde eu vim  
e de onde eu vim até onde você veio  
que acontece o encontro

encontros assim ajudam as pessoas a inventar  
seu lugar no mundo, contemplando mais possibilidades  
criando questões que nem se colocavam antes.

o encontro acontece, ele é avassalador e,  
porque não dizer, sagrado. E assim, se encontro for,  
ele nos dá asas, nos permite mirar o futuro,  
o que está por vir, o que podemos vir a ser.

Mostra-nos que há caminhos,  
por mais perdidos que estejamos:  
que o céu pode não despencar sobre nossas cabeças  
e ali permanecer nos dando seu azul;

e que o que passou é pouco  
diante do que pode passarinho.

É no território do conhecimento umbilicalmente ligado à  
natureza que acontece o nosso encontro.

(BENSUSAN, 2019, pp. 134-143)

<sup>75</sup> Todas essas pessoas são integrantes do Grupo de Estudos Egungun, vinculado ao GPIHMAE, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". São ou foram mestrandas e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Artes dessa instituição, das modalidades Acadêmica e Profissional, sob orientação da Profa. Rejane Coutinho e dessa que aqui está a partilhar suas reflexões.

De quantas formas de amor existimos? É de um tipo de amor que se deve falar aqui. Não aquele, do que dele nos é, forçosamente, e imperceptivelmente, nos é apreendido, desde quase sempre, roteirizado. Programado, regrado, normatizado, aparentado. Obrigada (a você). Não é deste. Não foi este que gerou o movimento desta escrita, nem o movimento deste encontro: Do amor outro. Do amor, outros. À. Outrem.

**Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor – ‘cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento’ – em nosso cotidiano (hooks, 2021, p. 130).**

Todas as dimensões do amor, este, que é sentido aqui. Reivindicado, aqui. Como princípio de um movimento nomeado *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*. Todas as dimensões do amor, todo o cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento, inauguraram e se manifestavam neste “movimento”. e reverberaram, para além dos dias de seu acontecimento. Um acontecimento. Poderoso. Revolucionário, porque movido por uma “ética amorosa”.

Desse amor, Auana Lameiras Diniz, Budaga Deroby Nhambiquara, Felinio de Sousa Freitas, Gilvânia dos Santos Silva, Janaína Farias de Souza Ferreira, Levi Fernando Lopes Vieira Pinto, Lucas Silva de Oliveira, Miriane Borges Valle, Moacir José da Rocha Simplício, Priscila Leonel, Raquel Silva dos Santos, Renata Maria Costa da Silva, Rodrigo Lopes Costa, Sarah de Castro Ribeiro e Thabata Vecchio<sup>75</sup>, conceberam, organizaram e realizaram este “movimento”, de contraconduta, pode, deve-se, dizer. Mais uma vez bell hooks, um movimento contra o medo, esse cultivado pelas “culturas de dominação”, a fim de “garantir a obediência” (hooks, 2021, p. 129). Por suas palavras, o medo

é a força primária que mantém as estruturas de dominação. Ele promove o desejo de separação, o desejo de não ser conhecido. Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma

<sup>76</sup>Essa, especificamente, refere-se à sua participação na mesa *Poéticas, Saberes e Memórias* (<https://www.youtube.com/watch?v=qLo0enFBK1k>) da qual fizeram parte Juliana Santos e Budaga Deroby Nhambiquara como mediador. Sobre essa mesa recomendamos a leitura do texto de Gilvânia Santos que integra essa organização de textos sobre o Seminário *corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*.

ameaça. Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo – contra a alienação e a separação. A escolha por amar, é uma escolha por conectar-por nos encontrarmos no outro. (hooks, 2021, p. 129).

Essa escolha, por amar, essa, dessa forma, foi feita por essas pessoas. Escolheram amar. Em um movimento contra o medo. Verteram seus trabalhos contra a **alienação** e **separação**. Escolheram a conexão. Acolheram ao encontro com *outrus*, com outrem. Com a diferença. Policultura. Não a monocultura, como disse Geni Nuñez em mais uma necessária fala<sup>76</sup>, parte daquele dito processo civilizatório mantido por nossas instituições que continuam a arremedar a ideia – e o ideal – vaga e já caricata de certa tradição. Tradição imposta em e por violências, reiteradas, atualizadas, cotidianamente, reproduzidas, repetidamente, por gestos e ações, deliberados, naturalizados, normalizados em estruturação sistêmica que regula e é regulada por nossos corpos, por nossas subjetividades. Aglomerados sob conformação, e deformação, somos responsáveis, por deliberação e, ou, naturalização, normalização – alienação – por sua manutenção. A **DIFERENÇA** ameaça, por isso violentada. A diferença são **PESSOAS**, dotadas de história (e isso quer dizer), dotadas de afetos, de **VIDA**. A monocultura que define nossas instituições educacionais (e agora volto ao específico, e em primeiras pessoas) é parte da regulação desse sistema mantido pelo que aprendemos a nomear, por Achille Mbembe (2016), de política da **MORTE**. Operar na chave da monocultura em âmbitos educacionais significa contribuir com essa política. É operar na chave da necropolítica. A monocultura que tratamos aqui tem cor, é branca. Tem origens, a da colonização. Reproduzimos modelos de pensamentos, de beleza, de produção de conhecimentos. Reproduzimos imagens, imaginários, conformando imaginações. Ao operarmos na chave da monocultura de matriz europeia e anglo-saxã, branca, masculina, cisgênera, heteronormativa, continuamos a contribuir para a manutenção de um sistema de regulação social, cultural, econômica e política que exclui, violenta e mata **PESSOAS**.

Monocultura é devastação, em todos os seus âmbitos, desde o agrícola, até o educacional, o intelectual, o artístico. Todos estão em articulação, em conexão, em sistema. A devastação da Amazônia, e de outras nossas florestas estão em correspondência direta com o agronegócio e com o que aprendemos em uma nossa “grade” de disciplinas escolares, mantidas em caricatura de uma tradição insustentável. Estão a serviço, subservientemente, ao monoteísmo necrosante reverenciador do grande deus capital.

**Monoculturas ameaçam a diversidade da vida**  
(KRENAK in BENSUSAN, 2019, p. 19).

Ao operar na chave da monocultura acadêmica, epistêmica, educacional, pedagógica, estamos a contribuir, pela reprodução, à manutenção e fortalecimento desta necrose que consome vidas, da política, de estado, inclusive e sobretudo – pública – pautada pela violência, morte, destruição. Contribuímos com o medo, contribuímos com as estruturas de dominação. Nosso maior desafio – difícil demais – é não amenizar a violação pelas palavras. Não se trata de textos ou conhecimentos abstratos, estamos tratando de vidas, de pessoas, não de abstrações.

Compromisso, comprometimento. Com o quê? Qual é o nosso compromisso? Qual o nosso comprometimento? Qual é a nossa responsabilidade? Qual lugar social ocupamos e como este lugar nos define, nos protege ou nos violenta? Como este lugar propicia a inserção e a exclusão de pessoas? O meu lugar como pessoa branca é o da Branquitude. Lugar de proteção e de acesso a privilégios em uma sociedade estruturada historicamente pela discriminação, intolerância e subserviência, determinadas por uma ideia de raça falaciosa, embora vigorosamente mantida em operação em nossos imaginários e condutas (MUNANGA, 2004; SHUCMAN, 2012). Como mulher branca, ainda gozo (considerando a condução e contracondução implicadas neste gozo em uma sociedade pautada na monocultura branca, europeia, cristã e patriarcal) da proteção e privilégios proporcionados pela Branquitude,

<sup>77</sup> A expressão “território acadêmico” é parte das perguntas elaboradas como proposição de debate da mesa “Criando territórios para outros saberes” que integrou o *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*. Tive a honra de compor essa mesa com Giselda Perê, Mirella Santos Maria, Rejane Coutinho e Raquel dos Santos, que a mediou magistralmente com enorme sensibilidade intelectual e poética. Vale reproduzir aqui as perguntas que moveram essas explanações e que devem ser mantidas em reverberação durante os trabalhos de qualquer profissional da educação, especificamente: Quais as poéticas e contribuições que o acesso de outras corpas e saberes no território acadêmico podem mobilizar? Como criar territórios possíveis para pensar e acolher processos artísticos, de pesquisa e educativos dentro da academia, a partir de outras epistemologias, como afro-brasileiras e dos povos originários?

mas não tanto quanto gozam os representantes da masculinidade branca, cisgênera e heteronormatizada: Crucial a produção poética-intelectual-artística Das Mulheres Negras. Das Mulheres Indígenas. Das Travestis. Das Pessoas Trans. Crucial a voz Do Feminismo Negro. Do Feminismo Indígena. Do Transfeminismo. Nossa proteção contra a absoluta barbárie. O sopro de vida e resistência, sobrevivência.

Crucial para nossa sobrevivência, o encontro, o reconhecimento da importância, do valor da existência, da presença de diferentes Corpas, Saberes e Territórios. Crucial sua divulgação. Crucial, portanto, para nossa sobrevivência, a realização deste “encontro”, deste “movimento” contrário à monocultura, contrário ao medo, contrário à dominação.

O desencadeamento do processo de reconhecimento sobre o lugar que ocupo em uma estruturação sistêmica de poder opressiva e violenta, como pessoa branca e mulher branca, principia em reiteração nestes encontros. Nesses, durante esse Seminário. Em outros ocorridos há mais tempo, especialmente, neste “território acadêmico”<sup>77</sup>. Encontros que culminaram em profundas reorganizações mentais e de conduta, provocando, mesmo, mudanças de percepção da vida, do mundo, da minha própria existência. E se digo isso, se assumo partilhar esse processo, é porque entendo hoje, agora, nesse momento de escrita que não estou dizendo somente sobre mim. Não se trata da exposição de uma história ou experiência pessoal, particular. Não se trata de expiação de culpa como compensação moral. A dívida é impagável (SILVA, 2019). Não se trata de um “processo moral” (KILOMBA, 2019b). Mas de partilhar o reconhecimento de que ocupamos lugares sociais e a partir deles agimos, elaboramos nossos discursos e práticas (RIBEIRO, 2019).

Em *Memórias da Plantação* (2019b), no capítulo 1. “Máscara: Colonialismo, Memória, Trauma e Descolonização”, especialmente no subtítulo “Falando do Silêncio”, Grada Kilomba cita e desenvolve, um a um, cinco mecanismos distintos de defesa do ego pelos quais a pessoa branca passa para que possa se tornar consciente de sua própria Branquitude e de si própria como perpetradora do racismo:

negação, culpa, vergonha, reconhecimento, reparação. Leitura necessária. Cada um desses mecanismos foi abordado nesse seu texto, mas também foram transformados em *O dicionário*, uma instalação realizada especialmente para sua exposição *Desobediências Poéticas*, realizada na Pinacoteca de São Paulo em 2019.

**Negação** (*denial* em inglês, no sentido de recusa) é um mecanismo de defesa do ego que opera de forma inconsciente para resolver conflitos emocionais através da recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Essa é a recusa em reconhecer a verdade [...] Por exemplo: “Nós não estamos tirando o que é Delas/es” ou “Nós não somos racistas”.

Após a negação vem a **Culpa**, a emoção que segue a infração de uma interdição moral [...] As respostas comuns à culpa são a *intelectualização* ou *racionalização*, isto é, a tentativa do *sujeito branco* de construir uma justificativa lógica para o racismo; ou *descrença*, assim o *sujeito branco* pode dizer: “Nós não queríamos dizer isso nesse sentido”. “você entendeu mal”, “para mim não há negras/os ou brancas/os, somos todos humanos” [...]

**Vergonha** [...] O *sujeito branco* se dá conta de que a percepção das pessoas *negras* sobre a branquitude pode ser diferente de sua percepção de si mesmo, na medida em que a branquitude é vista como uma identidade privilegiada – o que significa tanto poder quanto alerta – a vergonha é o resultado desse conflito.

**Reconhecimento** segue a vergonha; no momento em que o *sujeito branco* reconhece sua própria branquitude e/ou racismo [...] finalmente reconhece a realidade de seu racismo [...] Reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade [...] de quem eu sou [...] quem elas/eles realmente são.

**Reparação**, então, significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade [...] ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios (KILOMBA, 2019, pp. 41-46).

Grada Kilomba finaliza essa necessária e didática explanação afirmando que esses mecanismos “revelam a consciência sobre o racismo não como uma questão moral” – importante frisar – “mas sim como um processo psicológico que exige trabalho. Nesse sentido em vez de fazer a clássica pergunta moral ‘Eu sou racista?’ e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar:”

**Como eu posso dismantelar meu próprio racismo?**  
(KILOMBA, 2019, p. 46)

*Mexer as águas de Narciso*

O que, nós, **peessoas brancas**, podemos – **devemos** – fazer?

*Mexer nas águas de Narciso*

*Narcisismo, narcisismo é o amor direcionado à imagem de si próprio; a excessiva admiração pela própria aparência; e a incapacidade de amar ou reconhecer outros, nossos objetos de amor.*

*Narcisista, narcisista é esta sociedade branca patriarcal na qual todos nós vivemos, que é fixada em si própria e na reprodução da sua própria imagem, tornando todos os outros invisíveis.*  
(KILOMBA, 2019, p. 13)<sup>78</sup>

Mexer nossas águas de Narciso.

<sup>79</sup> Em seu livro *White Fragility: why it's so hard for white people to talk about racism* (**Fragilidade branca: porque é tão difícil para pessoas brancas conversarem sobre racismo**), a educadora branca estadunidense Robin DiAngelo (2018) aborda as reações e as dificuldades que muitas pessoas brancas enfrentam ao serem confrontadas com o debate sobre racismo e com a provocação para refletirem como ele se manifesta em suas relações cotidianas. Fragilidade Branca se caracterizaria como um estado em que até mesmo uma quantidade mínima de estresse racial se tornaria intolerável, desencadeando uma série de movimentos defensivos. Esses movimentos incluem a exibição externa de emoções como raiva, medo e culpa, e comportamentos como: a argumentação para desconstruir a importância do assunto e dos interlocutores; a não disposição para enfrentar a conversa ou, simplesmente, a fuga da situação indutora de estresse. Esses comportamentos, segundo a autora, acabariam funcionando para restabelecer o equilíbrio racial branco e o conforto racial. Uma adaptação desse livro foi traduzida e publicada no Brasil em 2020 com o título *Não basta ser racista: sejamos antirracistas*, pela Faro Editorial.

Disposição<sup>79</sup> a **nos reconhecer como parte do problema**, esse é o princípio. Atenção e questionamentos às nossas **atitudes**, às nossas **condutas**, às nossas **decisões**, aos nossos **lugares sociais**, às nossas **convicções e expectativas nos nossos projetos de país e de futuro. Identificando e desconstruindo o racismo tanto no cotidiano, nas nossas pequenas e grandes atitudes** (CARNEIRO, 2020). Questionar o que nos é apresentado e o que nos acostumamos a identificar como normal. Desnaturalizar a discriminação e desigualdade. **PERMANENTE ATITUDE, permanente atitude de afirmar “isso não é normal”.**

**Isso não é normal  
Isso não é natural**

Essa **atitude implica, por parte dos brancos** que buscam ter uma perspectiva antirracista, na **desnaturalização da discriminação e da desigualdade**. É a permanente atitude de afirmar **“isso não é normal”**. Precisamos utilizar lentes antirracistas que nos permitam **escrutinar o racismo estrutural presente e reproduzido nos espaços de poder na sociedade**, na política, no sistema econômico, na mídia, na **educação**, nas práticas religiosas etc. Esta **percepção**, que é **imediate por parte das pessoas negras** nestes espaços, muitas vezes **nos passa despercebida**. Com a **visão enevoada** pelos nossos **privilégios**, nem sempre percebemos o que está bem diante de nós, há muito tempo (CARNEIRO, 2020).

**nem sempre percebemos o que está bem diante de nós, há muito tempo**

Não se trata de um percurso moral, mas de responsabilização, responsabilidade de criar “novas configurações de poder e conhecimento” (KILOMBA, 2016). Um processo incessante e pleno de retornos, apesar da afirmação de Grada Kilomba (2019a) sobre esses cinco mecanismos, como uma espécie de dramaturgia, de cronologia, na sequência: negação, culpa, vergonha, reconhecimento, reparação.

<sup>80</sup> Uma das apresentações desse trabalho ocorreu em 20 de Outubro de 2021 no // Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação realizado pela Escola de Música e Artes Cênicas, EMAC da Universidade Federal de Goiás. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xGj7NDZEdmM>. Dele também foi gerado um artigo de mesmo nome publicado na **Revista Apotheke**. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124>.

<sup>81</sup> Trata-se do artigo de Edith Piza intitulado **Porta de vidro: entrada para branquitude**, integrante do livro *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, organizado por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento. Do reconhecimento dos vãos das portas de vidro, a autora apresenta o estudo de Oracy Nogueira realizado entre os anos de 1950 e 1960, permanecido oculto entre o “vão e a porta”. Vale a reprodução do texto: “Havia, sim, um olhar do branco sobre o branco, em estudos como os de Oracy Nogueira (1962; 1955), os quais tinham permanecido em um espaço oculto entre o vidro e o vão. Falavam da história e das relações sociais e raciais de uma pequena comunidade no interior do Estado de São Paulo, Itapetininga, que foi objeto de seu exaustivo estudo sociológico, nas décadas de 1950 e 1960. Esses estudos não eram muito conhecidos, apesar de seu autor estar entre os representantes da “escola uspiana”, a qual, entre o início dos anos de 1950

Esse percurso articula-se ao **Letramento Racial**, como traduzido por Lia Vainer Schucman (2012) a partir do conceito *racial literacy*, cunhado por France Winddance Twine. O letramento racial é um conceito e um conjunto de práticas fundamentais ao processo de conscientização, de responsabilização. Como exposto por Schucman, a partir da tradução de Twine, o *racial literacy*, o letramento racial é

um conjunto de práticas que pode ser melhor caracterizado como uma “prática de leitura” – uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social – que inclui o seguinte: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; (4) a posse de gramática e um vocabulário racial que facilita a discussão de raça, racismo e anti-racismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade e (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade (TWINE *apud* SCHUCMAN, 2012, pp. 103-104).

Disposição necessária, em referência e reverência ao trabalho imprescindível de Gilvânia Santos, Janaína Farias de Souza Ferreira e Raquel Santos (SANTOS; FERREIRA; SILVA, 2022), intitulado **Pode uma mulher Negra olhar? Histórias para gente disposta**<sup>80</sup>. Da extrema delicadeza, a potência arrebatadora, avassaladora, por que não dizer, sagrada, propiciando o vislumbre do que podemos vir a ser. Presenças mobilizadoras, provocando processos de desvelamento, de passagem da “fantasia para a realidade”, de quem sou, de quem somos. O impacto ao bater contra uma porta de vidro. Metáfora extraída de outro artigo fundamental<sup>81</sup>, de Lourenço Cardoso (2011, p. 84) para explicitar a condição de pessoas brancas – a minha – ao nos defrontarmos com nossa própria branquitude, ao nos reconhecermos racializadas. Negação – naturalização, normalização, alienação – culpa, vergonha, reconhecimento e reparação:

e meados dessa década, desenvolveu um grande projeto de mapeamento das relações raciais principalmente em São Paulo e em outros Estados brasileiros, financiado pela Unesco. Seu trabalho mais conhecido, *Tanto preto quanto branco* (NOGUEIRA, 1985), publicado mais tarde, estabeleceu, por comparação, os diferentes modos de definir a racialidade no Brasil e nos Estados Unidos. Esse estudo punha em evidência a regra de origem, para americanos; e a regra de aparência para brasileiros. O estudo repercutiu ainda porque as pesquisas sobre o “negro” encontravam onde apoiar aquilo que, no Brasil, era o mais evidente: a fenotipia (ou aparência física, especificamente a cor da pele, os traços faciais e corporais) como regra de pertença racial. Os outros estudos, porém, ficaram desfocados no interior da busca por compreender o outro, talvez porque descrevessem muito mais a sociedade branca de uma cidade com pequena população negra e um intenso e indistigável racismo nas relações entre brancos e negros que aí ocorriam. Embora esse amplíssimo estudo possa ser considerado um “estudo de caso”, é um caso paradigmático. Oracy Nogueira capturara muito bem o espaço social e racial da cidade e o expandirá para dimensões nacionais”.

<sup>82</sup> Nesse texto foi utilizada uma edição disponível online sem indicação do número de páginas.

Talvez uma metáfora possa resumir o que comecei a perceber: bater contra uma porta de vidro aparentemente inexistente é um impacto fortíssimo e, depois do susto e da dor, a surpresa de não ter percebido o contorno do vidro, a fechadura, os gonzos de metal que mantinham a porta de vidro. Isto resume, em parte, o descobrir-se racializado, quando tudo o que se fez, leu ou informou (e formou) atitudes e comportamentos diante das experiências sociais, públicas e principalmente privadas, não incluiu explicitamente nem a mínima parcela da própria racialidade, diante da imensa racialidade atribuída ao outro. Tudo parece acessível, mas, na realidade, há uma fronteira invisível que se impõe entre o muito que se sabe sobre o outro e o quase nada que se sabe sobre si mesmo.

Porém, à medida que se vai buscando os sinais dessa suposta “invisibilidade”, vai-se também descobrindo os vãos da porta. Toda porta de vidro tem vãos (PIZA, 2002)<sup>82</sup>.

Dos encontros avassaladores. Do impacto. Mirella Santos Maria e seu agenciamento político, artístico, educacional e poético. Transformando o território acadêmico em Quilombo, literalmente, metaforicamente, conceitualmente, poeticamente, politicamente. Na convergência com o pensamento de Beatriz Nascimento, criou e realizou, o **Quilombo Mulheres Negras**.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento de negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra [...]

serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição, guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política, apregoa ideias de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrigem distorções impostas pelos poderes dominantes [...]

o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha nos sistemas ao qual os negros

<sup>83</sup> No texto *O Narrador*, Walter Benjamin aborda a potência do que chama de “verdadeira narrativa”: “Essa história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver [...] Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

<sup>81</sup> O *Quilombo Mulheres Negras* foi tema do trabalho de final de curso, TCC, de Mirella Santos Maria, que infelizmente não está disponível online. Mas a sua dissertação de mestrado, intitulada *Transgredir para educar: das mulatas de Di Cavalcanti às propostas pedagógicas engajadas e decoloniais* (2018), pode – e a recomendo veementemente – ser acessada no repositório de Teses e Dissertações da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157161>>. Suas defesas eram também incorporadas como ações de sua militância, pelo número de pessoas que agregava, e pela presença de intelectuais mulheres negras imprescindíveis como Djamilia Ribeiro, Érica Peçanha do Nascimento e Renata Bittencourt.

estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural. (NASCIMENTO, 2021, pp. 166-167).

Do legado, visando o presente, Mirella Santos Maria fez com que mirássemos o futuro. Desse arrebatamento, mostrou quem éramos, quem somos, quem poderíamos ser. Outras possibilidades de existência.

O *Quilombo Mulheres Negras*, nas suas duas edições de 2014 e 2015, foi crucial ao território acadêmico do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Mas seria também a qualquer instituição de ensino. A monocultura acadêmica, a instituição como espaço de dominação e opressão foi exposta, e por essa exposição, a revelação de sua fragilidade, de sua falência. Mirella Santos Maria mobilizou estruturas de poder, criando uma narrativa como legado, deixando sementes, as quais, como aquelas guardadas em câmaras milenares<sup>83</sup>, conservam em perenidade a potência da germinação. Criou como legado outros saberes, outros modos de produção possíveis, outros lugares de atuação possíveis, outros presentes possíveis, outras formas de existência possíveis. Cada gesto seu, cada ação, inscrevia nesse “território acadêmico”, territórios outros, propícios à visibilidade do valor e da potência de culturas outras, de existências outras. Mirella Santos Maria aquilombava esse “território” monocultor, revitalizando-o, tornando-o fértil novamente.

Com o *Quilombo Mulheres Negras*, com seus trabalhos de pesquisa. Cada um deles, cada defesa de cada um deles era aquilombament<sup>84</sup>.

A edição do *Quilombo Mulheres Negras* de 2014 estava voltada a questões relacionadas a “saraus periféricos como um dos marcadores identitários para mulheres negras”, como descrição nos “objetivos” de seu projeto<sup>85</sup>. Foram realizadas quatro mesas redondas nos dias 23, 24, 25 e 26 de setembro de 2014, das 19:00 às 21:30h, e no dia 27 de setembro aconteceu o *Sarau Quilombo Mulheres Negras*, consta de seu projeto:

<sup>85</sup> Projeto *Quilombo Mulheres Negras* (2014). Acervo pessoal de Rita Bredariolli.

23 de setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: Sarau: Quilombo em maturo  
Tema: O que são os saraus? Como acontecem esses movimentos na periferia?

Palestrantes:  
Erica Peçanha  
Elisandra Souza  
Mediação: Mirella Santos Maria.

24 de setembro: Sala 116  
Título: Mulher Negra na Arte  
Tema: A mulher negra é retratada sob quais aspectos na arte?

Palestrantes:  
Vanessa Raquel d Alambert  
Dulcilei da Conceição Lima  
Mediação: Alice Maria

25 de Setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: Negritude e literatura  
Tema: A negritude e suas percepções pela literatura

Palestrantes:  
Cintia Ribeiro  
Marcio Farias  
Mediação: Giselle dos Santos (Mestranda pela Universidade de São Paulo, USP)

26 de setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: Poesi-ar meu cotidiano  
Tema: Poetas negras falando suas relações/percepções pela literatura poesia

Palestrantes:  
Tula Pilar (Poeta)  
Jenyffer Nascimento  
Coletivo Juntas na Luta  
Mediação: Giselle dos Santos (Mestranda pela Universidade de São Paulo)

27 de setembro – Parte Externa do Instituto de Artes  
Sarau Quilombo Mulheres Negras

Participantes:

<sup>86</sup> Projeto *Quilombo Mulheres Negras* (2014). Acervo pessoal de Rita Bredariolli.

Tiely Queen  
Tula Pilar  
Camila Brasil  
Fernanda Coimbra  
Odisseia das Flores  
Coletivo Juntas na Luta

Em 2015, o objetivo da 2ª. Edição do *Quilombo Mulheres Negras* verteu-se para a “discussão de gênero, raça e classe sob a perspectiva do empoderamento de mulheres negras pelas artes plásticas”. Assim como em sua primeira edição, foram planejadas quatro mesas redondas nos dias 22, 23, 24 e 25 de setembro e, no dia 26, a “Exposição Quilombo Mulheres Negras”, como consta de seu projeto<sup>86</sup>:

22 de setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: Representar(se) Apresentar(se)  
Tema: A representação da mulher negra pela estética

Palestrantes:  
Renata Felinto  
Rosana Paulino  
Débora Marçal  
Fabiana Lopes  
Mediação: Mirella Santos Maria

23 de setembro: Sala 116  
Título: Por uma poética feminista e negra  
Tema: Discussão sobre poética

Palestrantes:  
Djamila Ribeiro  
Miriam Alves  
Mediação: Tula Pilar

24 de Setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: Gerações de mulheres negras  
Tema: A representação das mulheres negras em diferentes gerações

Palestrantes:  
Raquel Trindade  
Artesãs de Carapicuíba  
Negá Duda  
Mediação: Juliana dos Santos

<sup>87</sup> Mais informações sobre o NUPE-IA estão disponíveis em: <<https://www.ia.unesp.br/#!/extensao/projetos-de-extensao/nupe/>>. Acesso em 10 ago. 2022.

25 de setembro: Teatro Lourdes Sekeff  
Título: De fora vou dentro  
Tema: Artistas Contemporâneas

Palestrantes:  
Ju Bernardo  
Olivia Vitoria  
Negamburguer  
Mediação: Luciara Ribeiro (UNIFESP)

26 de setembro – Parte Externa do Instituto de Artes  
Exposição Quilombo Mulheres Negras

Participantes:  
Rosana Paulino  
Renata Felinto  
Juliana Santos  
Ju Bernardo  
Vanessa Raquel  
Mirella Maria  
Isadora Dodo  
Negamburguer  
Raquel Trindade  
Miriam Alves  
Apresentação: Luana Hansen

O *Quilombo Mulheres Negras* foi um dos eventos que mais “influenciaram a formação e consolidação” do NUPE-IA, Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão do Instituto de Artes da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP<sup>87</sup>.

Dentre as muitas de suas ações ativistas, Mirella me deixou um presente. *Um buraco com meu nome*, de Jarid Arraes (2018). “Poemas de mulheres negras para dar força e sabedoria”, escreveu em um bilhete. Generosidade e sabedoria da grandiosa educadora-artista que é. Jamais terei, mas, entendo, a cada dia. Muitas portas de vidro.

A você, não há agradecimento possível, assim como não há a todas essas pessoas que assumem a árdua e valorosa tarefa de abrir caminhos em “ética amorosa”, provocando atravessamentos revolucionários, provocando a barbárie em busca do que deveria ser o óbvio, o básico. Um trabalho na contramão da crueldade e sua pedagogia. Às

<sup>88</sup> [...] a pedagogia da crueldade nada mais é senão qualquer ação que 'treina e habitua a transformar a vida em coisa, a perceber a vida como coisa e a tratar a vida como coisa, a coisa-corpo, a coisa-natureza' [...] a pedagogia da crueldade é aquela que nos programa para reduzir o limiar de sensibilidade ao sofrimento alheio" (SEGATO, 2021).

<sup>89</sup> Trechos da dissertação de mestrado de Giselda Perê intitulada *Os mitos e contos africanos e afro-brasileiros na formação de professores: uma prática de combate ao racismo e a intolerância religiosa*. A dissertação não está disponível online. Acervo pessoal de Rita Bredariolli.

<sup>90</sup> JESUS, Juliana. **Pipa**. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=7a1QPL5T\\_28](https://www.youtube.com/watch?v=7a1QPL5T_28)>. Acesso em 10 ago. 2021.

peças necessárias que, com suas corpos, e saberes, com suas presenças, transformaram e transformam territórios pela revolução de seus solos – tocam águas de Narcisos – fazendo germinar outros mundos possíveis, Justos.

Esse texto, não somente, mas também ele, nasce desse encontro com Mirella Santos Maria e Giselda Perê, Quilombos, Conceição Evaristo, os Ventos de Iansã – fortaleza e leveza – a búfala que admira a borboleta pousada em seu nariz<sup>89</sup>; Com Egungun, do amor; Com Beatriz Abade, Josiane Rodrigues Lima e Juliana Balduino, silêncio, silenciamento, o canto, em todo canto, encanto, o vôo, Pipa<sup>90</sup>; Com Caio Netto, Saidiya Hartman, Edouard Glissant, vagalumes, afropessimismo, Arthur Jaffa e tanto, tanto mais; Com Gilvânia Santos, Janaína Farias de Souza Ferreira e Raquel Santos, tanta força, tanta delicadeza, contundência, disposição, tanta beleza!; Com Moacir Simplício, Seydou Keita, Egungun, o menino negro visando, visionando, um arco íris, labás; Com Rodrigo Lopes, Isadora Ravena, Castiel Vitorino Brasileiro, Denise Ferreira da Silva, Leda Maria Martins, cortar o mundo com delicadeza, acolhimento e cuidado ao que desconhecemos de nós; Com Fernando Cesar da Silva Araujo, ser pai, do amor profundo; Com Felinio de Sousa Freitas, a força das palavras; Com Renata Maria da Costa, ser mãe, tanta doçura, tanta força, tanta beleza! Priscila Passos e Sarah Castro, a cobra-canoa, a força das mulheres indígenas, das culturas indígenas, Daniel Munduruku, Denilson Baniwa.

Com Juliana dos Santos, comprometimento, militância, o azul sentido; Com Thais Magalhães, o agenciamento institucional; Com Millena Almeida Silva e Lucas Lima a potência das tranças, a potência da arte, resistência cultural, cuidado, discernimento, ética poética; Com Inessa Silva Oliveira e Marina Klautau, “Um Galo Sozinho não Tece uma Manhã”<sup>91</sup>; Com tantas outras pessoas, presenças, imprescindíveis, Tanta **beleza**, Tanta **potência**, Tanta **VIDA! Corpos e Saberes** avassaladores, reveladores, que nos fazem mirar, não somente o presente, mas também o futuro, mostrando o que é, o que está por vir, **o que podemos ser**. Fazem com que miremos a nós, a nossa própria existência, nossas **atitudes**, nossas

<sup>91</sup> Referência ao Trabalho de Conclusão de Curso de Inessa Silva Oliveira e Marina Klautau intitulado *Por uma Educação em Direitos Humanos: Um Galo Sozinho não tece uma Manhã*, uma organização derivada do Ciclo de Formação Por uma Educação em Direitos Humanos, realizado nos meses de Junho e Agosto de 2018 no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, concebido e produzido pelas duas autoras com apoio da Comissão de Direitos Humanos do IA-UNESP. Disponível em: <[https://www.academia.edu/43236805/Por\\_uma\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Direitos\\_Humanos\\_Um\\_galo\\_sozinho\\_n%C3%A3o\\_tece\\_uma\\_manh%C3%A3\\_por\\_Inessa\\_Silva\\_Oliveira\\_e\\_Marina\\_Klautau\\_Felipe](https://www.academia.edu/43236805/Por_uma_Educa%C3%A7%C3%A3o_em_Direitos_Humanos_Um_galo_sozinho_n%C3%A3o_tece_uma_manh%C3%A3_por_Inessa_Silva_Oliveira_e_Marina_Klautau_Felipe)>. Acesso em 10 ago. 2022.

<sup>92</sup> Cf. nota 4, pp. 4-5 desse texto.

<sup>93</sup> *O ABRAÇO DA SERPENTE*. Direção: Ciro Guerra. Produção de Cristina Gallego. Colômbia: Diaphana Filmes, 2015.

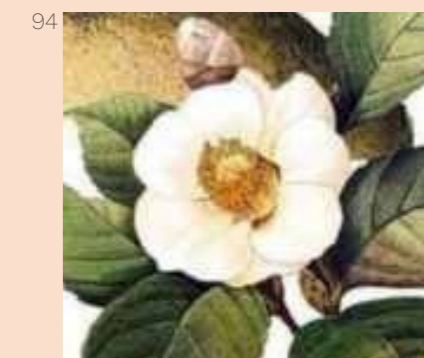
**condutas**, nossas **decisões**, nossos **lugares sociais**, nossas **convicções e expectativas**, nossos **projetos de país**, nosso desconhecimento sobre nós.

Esses corpos, corpos e seus saberes trazem vida ao território acadêmico. Trazem a dimensão da existência. A dimensão existencial. Policultural. Rompem o imperativo binário: sujeito-objeto. Rompem com o processo de coisificação tão comum nesse território acadêmico, expondo a pedagogia da crueldade e a violência da monocultura colonizadora, fundadoras e mantenedoras da tradição, de territórios acadêmicos – Produção de conhecimento para quê? Para quem? – .

Esses corpos, corpos e seus saberes fertilizam esses territórios acadêmicos, esse nosso território acadêmico, devolvendo aos seus solos a potência de germinação de conhecimentos plurais, movendo ressignificações profundas. Mudanças existenciais. Estruturais.

Esse texto, essas reflexões, foi movido por esses muitos encontros com esses corpos, corpos e suas sabedorias. Foi impulsionado pelo convite à elaboração de respostas para as perguntas: Quais as poéticas e contribuições que o acesso de outras corpos e saberes no território acadêmico podem mobilizar? Como criar territórios possíveis para pensar e acolher processos artísticos, de pesquisa e educativos dentro da academia, a partir de outras epistemes como afro-brasileiras e dos povos originários?<sup>92</sup>. À segunda pergunta, retomo as águas de Narciso, o princípio, assumir o meu desconhecimento e o meu reconhecimento como parte do problema: branquitude, letramento racial, cuidado, acolhimento, permanente atitude de afirmar “isso não é normal”, isso não é natural. Terminei esse texto pela inspiração da leitura da dissertação de Rodrigo Lopes, *Álbum de família na Arte/Educação: Matéria de Ficção* (2022), fui além da conta das páginas, fui além da conta do tempo, mas era preciso, e ainda não é o que deveria ser, mas já há trilha e não se volta atrás, não ao menos pelo mesmo caminho, **já está diferente, não há como voltar, ainda bem. Tornar-se gente. O abraço da serpente**<sup>93</sup>.

<sup>94</sup> Detalhe da obra *Monumento à Voz de Anastácia* (2019) do artista Yhuri Cruz, apresentado em uma aula de pós-graduação por Rodrigo Lopes, outra artista, pesquisadora e educadora imprescindível.



**[BIBLIOGRAFIA]**

ARRAES, Jarid. **Um buraco com meu nome**. São Paulo: Ferina, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENSUSAN, Nurit. **Do que é feito o encontro**. Brasília, DF: IEB Mil Folhas, 2019.

CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: o movimento negro situando a branquitude. **Instrumento revista de estudos e pesquisas em educação**, Juiz de Fora, v.13, n.1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/issue/view/806>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

CARNEIRO, Nathalia Silva. **A poética negra feminista de Denise Ferreira da Silva**. Disponível em: <<https://marxismofeminista.com/2020/08/13/a-poetica-negra-feminista-de-denise-ferreira-da-silva-2/>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Qual é o papel do branco na luta antirracista?. **Portal Geledés**. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/qual-e-o-papel-do-branco-na-luta-antirracista/?gclid=CjwKCAjwrZOXBhACEiwA0EoRDyh\\_CBLmxEbChvbcE4riN01zf0BAjzynRCc1lGHlM3yvQ8wU4H3exoCt0QQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/qual-e-o-papel-do-branco-na-luta-antirracista/?gclid=CjwKCAjwrZOXBhACEiwA0EoRDyh_CBLmxEbChvbcE4riN01zf0BAjzynRCc1lGHlM3yvQ8wU4H3exoCt0QQAvD_BwE)>. Acesso em: 7 ago. 2022.

CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **Portal Geledés**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/o-lugar-dos-sujeitos-brancos-na-luta-antirracista/>>. Acesso em 07 ago. 2021.

DiANGELO, Robin. **Não basta não ser Racista: sejamos antirracistas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

\_\_\_\_\_. **White Fragility: why it's so hard for white people to talk about racism**. Boston: Beacon Press, 2018.

hooks, bell. **Tudo sobre o Amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. Ilusões vol. I, Narciso e Eco. In: **Grada Kilomba: Desobediências Poéticas**. Curadoria de Jochen Volz e Valéria Piccoli. Ensaio de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019b.

**LETRAS PRETAS ep. 3. Letramento Racial, reconhecer e desconstruir o racismo**. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_MK26nwAUNY](https://www.youtube.com/watch?v=_MK26nwAUNY)>. Acesso em: 07 ago. 2022.

LOPES, Rodrigo. **Álbum de família na Arte/Educação: Matéria de Ficção**. 2022. 191 fls. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022. [disponível em breve no repositório institucional UNESP].

MARIA, Mirella Santos. **Transgredir para educar: das “mulatas” de Di Cavalcanti às propostas pedagógicas engajadas e decoloniais**. 2018. 131fls. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2018. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157161>>. Acesso em 09 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro, n. 32, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 07 ago. 2022.

MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (Orgs.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris Editora, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <[biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Alex Ratts (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Inessa S; KLAUTAU, Marina. **Por uma Educação em Direitos Humanos: Um Galo Sozinho não tece uma Manhã.** 2019. Monografia (TCC). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://www.academia.edu/43236805/Por\\_uma\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Direitos\\_Humanos\\_Um\\_galo\\_sozinho\\_n%C3%A3o\\_tece\\_uma\\_manh%C3%A3\\_por\\_Inessa\\_Silva\\_Oliveira\\_e\\_Marina\\_Klautau\\_Felipe](https://www.academia.edu/43236805/Por_uma_Educa%C3%A7%C3%A3o_em_Direitos_Humanos_Um_galo_sozinho_n%C3%A3o_tece_uma_manh%C3%A3_por_Inessa_Silva_Oliveira_e_Marina_Klautau_Felipe)>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** São Paulo: Ed. Jandaíra, 2019.

SANTOS, Raquel; FERREIRA, Janaina F. de S.; SILVA, Gilvânia S. Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124>. Acesso em: 7 ago. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese (Doutorado em Psicologia Social). IP-USP, São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www.ammapsique.org.br/baixencardido-branco-branquissimo.pdf>>. Acesso em 07 ago.2022.

\_\_\_\_\_. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia Social**, nº26 (1), Abril 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 07 ago.2022.

SEGATO, Rita. **The risk is (un) real.** Trad. Damian Kraus; Francisco Freitas. São Paulo: n-1 edições, 2021. Disponível em <<https://www.n-1edicoes.org/the-risk-is-un-real>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida Impagável.** São Paulo: Edição Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/wp-content/>

<uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2022.

### [AUDIOVISUAIS]

**IAUARETÊ, CACHOEIRA DAS ONÇAS.** Direção: Vincent Carelli. Edição: Joana Collier. Produção: IPHAN / Vídeo nas Aldeias. Brasil: IPHAN, 2006. Disponível em <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=54>>. Acesso em 09 ago. 2022.

JESUS, Juliana. **Pipa.** Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=7a1QPL5T\\_28](https://www.youtube.com/watch?v=7a1QPL5T_28)>. Acesso em 10 ago. 2021.

**O ABRAÇO DA SERPENTE.** Direção: Ciro Guerra. Produção de Cristina Gallego. Colômbia: Diaphana Filmes, 2015.

### [DOCUMENTOS DE ARQUIVO]

**PROJETO QUILOMBO MULHERES NEGRAS**, 2014. Acervo pessoal de Rita Bredariolli.

**PROJETO QUILOMBO MULHERES NEGRAS**, 2015. Acervo pessoal de Rita Bredariolli.

RODRIGUES, Giselda P. (Giselda Perê). **Os mitos e contos africanos e afro-brasileiros na formação de professores: uma prática de combate ao racismo e a intolerância religiosa.** 2020. 118fls. Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2020. Acervo pessoal de Rita Bredariolli.



**EIXO 01 -  
PROCESSOS ARTÍSTICOS E  
SABERES DO CORPO  
(DANÇA, TEATRO E MEDICINA  
ANCESTRAL)**



TAMARA  
GRIGOROWITSCHS<sup>95</sup>

## DANÇAS DE CONEXÃO COM A TERRA E OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA

<sup>95</sup> Dançarina e pesquisadora, mestre em Educação e doutora em Sociologia, ambos pela Universidade de São Paulo. Autora do livro "Jogo, mimese e socialização. Os sentidos do brincar na infância" (ALAMEDA, 2011). Sua pesquisa atual articula danças étnicas, contação de histórias e performance.

tgrigoro@yahoo.com.br

### [RESUMO]

Nesta comunicação busco compartilhar uma parte fundamental de meu trabalho como dançarina e pesquisadora de práticas rituais ancestrais, em sua relação com a dança e a expressão corporal. Inspirada em danças folclóricas de culturas variadas, abordo movimentos, gestos e expressividades em sua associação com os quatro elementos da natureza. Minhas pesquisas e práticas buscam relacionar movimentos – tais como ondulações, batidas de pé no chão, movimentos com saias rodadas e véus, dentre outros – com práticas rituais de conexão com a terra e com saberes ancestrais. Também abordo ritmos e ciclos de recolhimento e de expansão presentes nas danças que se conectam aos ciclos da natureza. Sabe-se que esses aspectos eram e são dançados em muitas culturas, como uma forma de fusão com a natureza, na qual o sagrado e o profano, as pessoas e o mundo natural estão ligados e intrinsecamente relacionados. A dominação de uma lógica patriarcal fez com que esses processos fossem abafados e até mesmo extintos em algumas localidades e temporalidades, buscando imprimir uma visão fragmentadora à nossa experiência. Atualmente, estamos entrando num período em que cada vez mais se está buscando a reconexão com a natureza e a reversão desses processos. A dança – assim como outras manifestações artísticas – é uma das grandes e potentes formas de reconexão com a natureza e de desfragmentação de nossa experiência no mundo. Esta comunicação visa contribuir para a reflexão de nossas práticas artísticas e culturais no interior dessa temática.

### [PALAVRAS-CHAVE]

dança; natureza; ancestralidade; rituais.

### [BIBLIOGRAFIA]

- HANNA, Judith Lynne. **Dança, Sexo e Gênero**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.  
 LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone Editora, 1990.  
 MACINTOSH, Fiona. **The ancient dancer in the modern world**. Oxford: Oxford University Press, 2010.  
 STEWART, Iris J. **A dança do sagrado feminino**. São Paulo: Pensamento, 2016.  
 WOSIEN, Maria-Gabrielle. **Sacred Dance**. New York: Thames and Hudson, 1992.

BÁRBARA  
JACQUELINE  
SOARES MILANO<sup>96</sup>

## O CHAMADO DA FLORESTA

<sup>96</sup> Universidade Estadual Paulista – UNESP

Bárbara Milano é artista visual, atuando no Brasil e no exterior; Integrante do coletivo Nacional Trovoa; é mestranda em artes pelo IA-UNESP com o trabalho Fotografia Ritual; possui graduação em artes visuais pela mesma instituição (2015).

barbara.milano@unesp.br

### [RESUMO]

O corpo como terra fértil é território sem fim. Fruto de um processo de imersão junto ao povo Huni Kuin em 2017, brota o trabalho que hoje desenvolvo como Mestrado em Artes pelo PPG da UNESP-SP. Da experiência de fotografar cerimônias de Ayahuasca, uma reflexão sobre a forma de fotografar enquanto ação, desdobra a pesquisa sobre minha produção em performance e sinto o encontro com o pensamento do gesto fotográfico em coautoria com a performatividade daquele que é fotografado: Fotografia Ritual. Nessa continuidade, ao final de 2021 estive no Território Indígena do Rio Gregório, no Acre. Depois de nove horas de barco rio acima, chegamos à Aldeia Mutum Yawanawá. Estava entre um grupo de jovens que, como eu, escutam “o chamado da floresta” quando em comunhão com as “medicinas” sagradas milenares. O trabalho que começara do caminho percorrido de pajés à São Paulo, ganhava o caminho de volta. Acreditando que um fotógrafo é primeiro alguém que vê, fui menos no intuito de trazer imagens luminosas e mais na intenção de sentir o corpo nessa troca que nasce relação.

### [PALAVRAS-CHAVE]

fotografia; ritual; experiência; saberes Ameríndios.

### [BIBLIOGRAFIA]

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.  
 DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.  
 IKA MURU, Agostinho Manduca Mateus; Alexandre Quinet. (Org.). **Una isi kaiawa: o livro da cura do povo Huni-Kuin do Rio Jordão**. Rio de Janeiro: Dantes, 2014.  
 KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.  
 PEIRANO, Mariza (Org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

LUÍS MASSILON  
DA SILVA FILHO<sup>97</sup>  
MÁRIO DE FARIA  
CARVALHO<sup>98</sup>

## CORPAS TRAVESTIS NA ARTE: MAPAS DE UMA CARTOGRAFIA DE SABERES, POETICIDADES E TRANSGRESSÕES

<sup>97</sup> Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Doutorando em Educação Contemporânea – Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA).

luismassilon13@gmail.com

<sup>98</sup> Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Doutor em Ciências Sociais. Professor Associado Nível II do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste.

mariofariacarvalho@gmail.com

### [RESUMO]

O presente resumo evidencia as nuances de um trabalho de pesquisa mais amplo centrado na compreensão de quais são as reverberações poéticas e transgressoras de performances de artistas travestis e de que forma suas corpos expressam saberes. Trata-se de um estudo que relaciona arte, educação e corpos travestis enquanto mapa de transformação e legitimação de corpos, reconhecidas, a partir de uma perspectiva cartográfica (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009). A intencionalidade à qual nos colocamos e nos sentimos implicados neste trabalho é de que as dobras (DELEUZE, 1997) se estabelecessem, os encontros permitam as desconexões necessárias às expressões de corpos travestis, transitam pelas multiplicidades e devires, oferecendo a condição de cada sujeito se tornar multiplicador de tais experiências, no sensível. Uma corpa política que se estrutura a partir de suas vivências e configura seus processos de subjetivação no estabelecimento com trajetórias diferenciadas de uma identidade transgressora e dissidente do que se preconiza como corpa ideal (MASSILON, CARVALHO, 2021). Por meio da produção de novos saberes, a arte travesti comunga a emergência de um outro modo de ser, o qual compreende que suas linguagens artísticas são instrumento de ação política coletivizada. Dão menção histórica à dissidência de gênero e à performatividade (BUTLER, 2019) da corpa como uma trajetória de criação, transgressão e subversão. As interações obtidas pela cartografia realizada com artistas de Pernambuco e da Bahia nos dão possibilidades de reflexões abertas, resultantes dos encontros com a arte, com a vida, com as atitudes, com os pensamentos das travestis, e nos preencheram de sensações, percepções, reverberações éticas e estéticas sobre compartilhar a vida e o conhecimento. Observamos, em todas as produções cartografadas, a possibilidade de enaltecer a arte em sua dimensão política, que conduz todos à descoberta de outros possíveis, à experiência de extrapolar limites e de questionar a norma, de concretizar, nas bordas da transgressão, a promoção de encontros e desencontros, nas experimentações da corpa, do lugar de sentir, do ser TRAVESTI.

### [PALAVRAS-CHAVE]

Travestis; corpos; poética.

### [BIBLIOGRAFIA]

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.  
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.  
MASSILON, Luís; CARVALHO, Mário de Faria. O estado da arte das pesquisas sobre corpo, transexualidade e educação no Brasil. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 8, n. 58, p. 329-340, 2021.  
PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CAELÍ DA SILVA  
GOBBATO<sup>99</sup>

## O CORPO NA ESCRITA ANTICOLONIAL - REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CORPO NA OFICINA “ESCRITA CRIATIVA ANTICOLONIAL”

<sup>99</sup> Caelí da Silva Gobbato, mulher negra afroindígena, formada em Artes e Culturas Comparadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Roteirista, Escritora, Arte Educadora e Produtora Cultural. Mais em: <https://www.caelidasilvagobbato.com>.

caeligobbato@gmail.com

### [RESUMO]

A oficina “Escrita Criativa Anticolonial” foi construída com base no papel do corpo no ato da escrita insubmissa e na potência do olhar sobre si, sobre identidade e nossas marcas no cotidiano. Num primeiro movimento, os participantes são convidados pela música a dançar o jongo, saber afro-brasileiro. Partindo da pele e de como cada corpo absorve o som e o transpõe em sensação, iniciamos os exercícios de escrita. Num segundo movimento, o ato de ler trechos selecionados de obras da literatura negra e indígena que explorem ritmos e contornos do dia a dia aquece os próximos exercícios. Como terceiro movimento, através da auto-observação, cada participante é chamado a fazer uma caminhada sob questões que procuram as palavras que o mundo entrega sobre nós, as que nos espelhamos e descobrimos, as que nascemos com. A explanação deste processo busca refletir sobre o papel do corpo na prática da escrita e como este olhar abriga necessariamente uma percepção anticolonial de si. O termo “anticolonial” se estabelece como essencial à medida que a história pessoal ancestral de cada existência encontra espaço para performar pela palavra, partindo do princípio de entendimento da colonialidade como amarra estrutural de nosso lugar no mundo.

### [PALAVRAS-CHAVE]

escrita; corpo; anticolonial; identidade; cotidiano.

### [BIBLIOGRAFIA]

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.  
GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.  
GONZALEZ, Léila. **Por um Feminismo Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.  
JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.  
KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.  
KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.  
RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.  
SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ERIKA KRAYCHETE ALVES<sup>100</sup>  
IGOR SIMÕES<sup>124</sup>

## EDUCAÇÃO PELO CORPO QUE [VIDEO]DANÇA: UMA EXPLORAÇÃO METODOLÓGICA DE PERTO E DE DENTRO DAS MÍDIAS DIGITAIS

<sup>100</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada à linha de pesquisa LICORES – Linguagem, Corpo e Estética na Educação. Mestre em Educação, pela UFPR. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Dança pela UNESPAR.

erikaalves@ufpr.br

### [RESUMO]

Esta pesquisa surge da necessidade de apresentar e percorrer os caminhos derivados da possibilidade da utilização da videodança para além de um artefato mediador em sala de aula, ou seja, como uma metodologia viável para o ensino e aprendizagem em/da Dança. Construindo-se no momento pandêmico, a partir de uma progressão de ações didático-artísticas alicerçadas na elaboração de videodanças individuais e coletivas em um ambiente não-formal de ensino-aprendizagem, e tendo como método de pesquisa um estudo de caso aliado a uma pesquisação, a composição deste trabalho deriva-se da dissertação de Mestrado em Educação, intitulada *Entre Telas e Janelas: um Olhar Resignificado para o uso da Videodança como Metodologia no Ensino-Aprendizagem em Dança*. Nesta, os resultados evidenciam que é possível aprender Dança utilizando a linguagem videodançante, assim como destacar o papel de protagonismo dos participantes em seus próprios processos criativos nas redes digitais. O referencial teórico desta pesquisa perpassa três grandes grupos de assuntos correlatos: Corpo, Ensino da Dança e Videodança, em seus desdobramentos e articulações sobre/com mediações tecnológicas, a linguagem e a educação estética. Sobre o tema corpo há a aproximação com a Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER, 2005), e os diferentes tipos de perfis cognitivos (SANTAELLA, 2013), o tema Ensino da Dança é fundamentado no entendimento da criação compartilhada em Dança (TRIDAPALLI, 2008), e, por fim, o campo da Videodança, é abordado a partir do entendimento da percepção desta manifestação midiática como uma linguagem própria, com suas características particulares (SPANGHERO, 2003; CALDAS, 2012) e da potência da Videodança enquanto criação artística-didática nos processos de ensino e aprendizagem (WOSNIAK, 2020).

### [PALAVRAS-CHAVE]

ensino-aprendizagem; dança; videodança; mediação tecnológica.

### [BIBLIOGRAFIA]

ALVES, Erika. Kraychete. **EntreTelas: uma videoconferência** – YouTube, 2020. 1 vídeo (8 min).  
CALDAS, Paulo. **Dança em foco: ensaios contemporâneos de videodança**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.  
GREINER, Christine; KATZ, Helena. Por uma Teoria Corpomídia. In: GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.  
SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.  
SPANGHERO, Maíra. **A Dança dos encéfalos acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.  
TRIDAPALLI, Gladistoni dos Santos. **Aprender Investigando: a educação em dança é criação compartilhada**. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal do Bahia (UFBA), Salvador, 2008.  
WOSNIAK, Cristiane do Rocio. A Educação, a Dança e a Pedagogia da Ubiquidade: reflexões sobre o corpo [e]m ações [vídeo]dançantes. In: GONÇALVES, J. C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. B. **Linguagem, corpo e estética na educação**. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 125-14.

LETÍCIA RODRIGUES FRUTUOSO<sup>101</sup>  
NÁDIA MORALI<sup>102</sup>  
ADILSON DONISETI LEDUBINO<sup>103</sup>

## UNINDO JOGOS TEATRAIS E SIMULAÇÃO DE CONSULTAS MÉDICAS

<sup>101</sup> Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Atriz, professora, pesquisadora, diretora teatral. Doutoranda da pós-graduação em Educação (em andamento), sob orientação de Márcia Maria Strazzacappa Hernandez. Possui bolsa de fomento CAPES.

leticiafrutuoso@gmail.com

<sup>101</sup> Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Atriz, pesquisadora e educadora. Mestranda da pós-Graduação em Artes da cena (em andamento), sob orientação de Matteo Bonfitto Júnior.

nadiamoral@gmail.com

<sup>101</sup> Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Doutorado em Educação. Pesquisador do Laborarte. Faculdade de Educação, linha de pesquisa Sociedade, Cultura e Educação. Professor, ator, dramaturgo e diretor na Cia. Bacante de Teatro e no Grupo Ó Positivo Paciente Simulado.

adilsonledubino@gmail.com

### [RESUMO]

Desde 2012, trabalhamos na Faculdade de Ciências Médicas (UNICAMP), como pacientes simuladas em uma disciplina que tem por objetivo ensinar comunicação e refletir sobre empatia, conflitos e emoções. Em 2015, começamos a oferecer aulas de teatro na mesma faculdade, com objetivos similares, mas com uma abordagem diferente (CARVALHO FILHO et al., 2020). Em 2017, experimentamos propor os jogos teatrais no começo da aula e, em seguida, realizar a simulação de consultas médicas, finalizando com o *debriefing*. Essas ações integram a metodologia ativa MEET (Medical Education Empowered by Theater), e mesmo que neste momento, os resultados desta ação sejam empíricos e não mensurados, percebemos que as/os participantes se tornam mais disponíveis e mais presentes nas aulas, criando um clima descontraído, de integração da equipe e uma “desmecanização” dos corpos (BOAL, 2014). Nosso objetivo é proporcionar um ambiente pautado no dialogismo (FREIRE, 2020) e prover uma abertura individual e coletiva para que a experiência aconteça (LARROSA, 2002). Ao utilizar o corpo como um todo durante uma aula, unindo o pensamento simbólico (racional) e o pensamento sensível (estético) (BOAL, 2009), queremos que os/as estudantes estejam totalmente envolvidos com a aula, como agentes no processo de ensino-aprendizagem, sendo acolhidos em suas emoções.

### [PALAVRAS-CHAVE]

jogos teatrais; educação médica; simulação de consultas; Teatro do Oprimido; arte-educação.

### [BIBLIOGRAFIA]

BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.  
\_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 16a ed., 2014.  
FILHO, Marco Antonio de Carvalho; LEDUBINO, Adilson; FRUTUOSO, Leticia; WANDERLEI, Jamiro da Sivla. JAARSMA, Debbie; HELMICH, Esther; STRAZZACAPPA, Marcia. Medical Education Empowered by Theater (MEET). **Acad Med**, 2020 Aug, 95(8):1191-1200. Doi: 10.1097/ACM.0000000000003271.  
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.  
LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, nº19, jan/fev/mar/abr, 2002. Acesso em 03 mar. 2022. <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>.

EMMANUEL FELIPE DE ARAÚJO AMARAL<sup>104</sup>

## CORPO-SANTO: O SAGRADO NO PROCESSO ARTÍSTICO

<sup>104</sup> Universidade Federal de Goiás - UFG

Também conhecido como Badu, é graduando em Artes Visuais Bacharelado na Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), participa do grupo de pesquisa NuPAA – Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq). Tem interesse nas relações do corpo enquanto suas manifestações culturais e tradições.

emmanuelfelipe@discente.ufg.br

### [RESUMO]

Tendo como referência as experiências advindas do projeto de pesquisa em andamento *Corpos Badulescos: Entre o sagrado e o profano* (Iniciação Científica AVB/FAV/UFG), é uma questão de interesse reconhecer o sagrado contido dentro da corporeidade na criação da arte, observando como o artista se coloca enquanto um corpo-santo perante os seus processos. Ao observar a dominação pela qual várias localidades do mundo passaram, nota-se como a imposição da cultura judaico-cristã estabelece profundas relações no comportamento dos corpos, inserindo-os sob constante vigilância espiritual (VIEIRA, 2016). No caso dos povos das Américas, por exemplo, nota-se que no processo de catequização ocorre uma constante tentativa de afastar as noções de sagrado dos indivíduos, numa extração do sagrado particular, colocando-o de forma externa e distante do corpo. Nesse sentido, é possível perceber o modo como o corpo é colocado de forma sagrada no processo de criação no trabalho de artistas como Ayrson Heráclito. Na ação *Sacudimentos da Casa da torre* (2015), por exemplo, o artista realiza diversas preparações espirituais no seu corpo e nos outros componentes para, somente assim, dar início ao trabalho *in loco*. Sendo assim, pensar nas possibilidades do corpo-santo nas artes é refletir sobre como recolocar o espaço do sagrado nos corpos que, por vezes, foram vistos como profanos, enxergando, dessa forma, os enigmas que cercam essa questão (MÜLLER, 2018), tal qual os mistérios que rondam aquilo que é divino.

### [PALAVRAS-CHAVE]

corpo-santo; sagrado; processos artísticos.

### [BIBLIOGRAFIA]

MÜLLER, Maristela. **PROFANO E PROFANADO: problemáticas do corpo e reverberações nas artes visuais**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. **O corpo da fé: estudos sobre o sagrado e o profano**. PUC-SP - Revista Nures, São Paulo, 2012.

VIEIRA, Jonatha Bahia. **Corporeidade em Alfonso Garcia Rubio e Adophé Gesché**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

PRISCILA LEONEL<sup>105</sup>

## UM CORPO QUE SE OLHA ATRAVÉS DA CERÂMICA - DISCUTINDO ESTRUTURAS SOCIAIS DE RACISMO

<sup>105</sup> Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

É pesquisadora das relações entre Cerâmica e Identidade Negra. Sendo este tema do seu doutorado, na UNESP e da sua atual pesquisa de pós-doutoramento, na ECA/USP. Atuou como professora de cerâmica no curso de Artes Visuais da UNESP, entre 2019 e 2022.

priscila.leonel@gmail.com

### [RESUMO]

Este recorte da minha pesquisa de doutorado, defendida em 2021, foca na ancestralidade negra e cura através da arte cerâmica, com um estudo de um corpo que se vê através da cerâmica, discutindo estruturas sociais de racismo, propondo ações performáticas de cura. Trago Johan Galtung como elemento fundamental na triangulação violência – racismo – cura. Discuto a falta de espaço de representatividade desse corpo, que se enfraquece, nas relações de identidade. A provocação reside em transformar a falta em atividade estridente (LEMOS, 2013, p. 200-201). Quem não se cura, adocece. Se não nos curamos, não nos organizamos internamente, tentamos transferir para o exterior essas desordens ou buscar incessantes organizações. Segundo Maria Bethânia Silveira (2014, p. 21), a argila pode fazer surgir uma reflexão por seu simples comportamento processual, pois ela possui como essência os princípios da transformação, da gestação, da germinação, do efêmero, do ciclo e do reciclar. Essa materialidade traz para a obra uma composição precisa da matéria dos devaneios, com base teórica nas epistemologias do Sul, que, segundo Boaventura de Souza Santos (2019), gera capacidade de lutar contra a dominação e a opressão colonial, capitalista e do patriarcado. Através da cerâmica tem sido possível construir cura pelo modelar, sentir e refletir.

### [PALAVRAS-CHAVE]

cerâmica; cura; ancestralidade.

### [BIBLIOGRAFIA]

GALTUNG, Johan. Cultural violence. **Journal of Peace Research**, Manoa, v. 27, n. 3, p. 291-305, ago. 1990.

LEMOS, Beatriz (org.). **Marcia X**. Trad. de Thais Medeiros e Mark Phillip. Rio de Janeiro, RJ: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo – A afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

SILVEIRA, Maria Betânia. **TELLUS: performance e teatralidade com a argila e a cerâmica**. 2014. 291p. Tese (Doutorado em Teatro) – UESC, Florianópolis, 2014.

ISABELLA MUCCI  
MIRAGLIA –  
BEL MUCCI<sup>106</sup>

## PERFORMANCES CIRCENSES FEMININAS EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

<sup>123</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Artes - IA

Artista, professora e pesquisadora das artes do circo. Fundadora do Circo Zanni, cientista social e mestra em Artes. Atualmente, pesquisa no doutorado as performances circenses femininas em uma perspectiva histórica, com enfoque em gênero, na UNESP.

belmucci@hotmail.com

### [RESUMO]

Quem foram as mulheres de circo que desafiavam limites, voavam, domavam animais selvagens, entre outros feitos? Artistas com performances extraordinárias, elas desafiaram padrões e crenças sociais a respeito do corpo feminino e puxaram as fronteiras de gênero quando ainda se naturalizava a “fragilidade” e “inferioridade” feminina. No circo, a mulher fazia parte de um coletivo com ótica distinta de gênero e no qual todos – homens, mulheres e crianças – executavam as atividades e eram vitais em todo o processo de constituição e reprodução da tradição do circo – família. (SILVA, 2009, p. 84-86). Entretanto, para além da tradição circo – família, verificou-se que as artistas circenses também representaram sinais precoces da emancipação feminina por meio de suas apresentações. Nesse sentido, cartazes do circo Barnum & Bailey, de 1917, trazem mulheres em *collants* mostrando o colo e os joelhos, no que seria uma conduta considerada inapropriada para a época. Além disso, há registros de mulheres circenses em trajes de banho de duas partes no ano de 1943. Vale notar que a exibição do topo da barriga feminina ficou vetada nos filmes de Hollywood até 1966 e os biquínis ficaram proibidos no concurso de Miss Mundo até 1951 (KRALJ, 2011).

Outro aspecto digno de nota é que embora a primeira edição das Olimpíadas, em 1896, tenha acontecido sem mulheres, no circo, no mesmo período, as mulheres já ultrapassavam os feitos acrobáticos e salários masculinos nos trapézios de voos e nos números de projéteis humanos (TAIT, 2005). Nessa esteira, com a criação das escolas de circo no final do século XX, surgem trupes e companhias só de mulheres, que mostram o olhar feminino acerca do mundo e atacam a imagem da mulher-objeto e cortesã difundida no circo tradicional. Assim, verifica-se, atualmente, toda uma gama de mulheres que adentram o universo da palhaçaria, papel que fora, por muito tempo, exclusivamente masculino no circo tradicional. Felizmente, o Circo segue se reinventando constantemente e, conforme prega a ética circense, “o Espetáculo não para, tem sequência!”.

### [PALAVRAS-CHAVE]

performance feminina; circo; circo contemporâneo; gênero.

### [BIBLIOGRAFIA]

KRALJ, Ivan. Circus vs. Conservative Postulates: Woman is not Destined to be Miraculous. In: **Women & Circus**. Croatia: Mala Perforerska secena, 2011.

SILVA, Erminia; ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável Público... O Circo em Cena**. RJ, Funarte, 2009.

TAIT, Peta. **Circus Bodies: Cultural identity in aerial performance**. New York: Routledge, 2005.

MIRIAN ALMEIDA  
DOS SANTOS<sup>107</sup>

## ENEGRECENDO/EMPRETECENDO OS CLÁSSICOS: COR/RAÇA/ETNIA NA CENA TEATRAL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

<sup>107</sup> Instituto de Artes da Unesp

Atriz, performer e arte-educadora. Mestranda em artes no PPGA do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp.

mirian.almeida@unesp.br

### [RESUMO]

Dramaturgias consideradas grandes clássicos do teatro estão sendo empretecidas e representadas com uma nova abordagem pelos artistas negres brasileiros. Uma perspectiva a partir de experiências vividas por pessoas negras. Esses empretecimentos colaboram para enfatizar a importância de discutirmos questões identitárias e afirmativas, porque nas construções de conhecimentos e discursos são produzidas liberdades e aprisionamentos. Empretecer as dramaturgias clássicas a partir de perspectivas negras, levando em consideração os corpos negros em cena e referências culturais negras é uma forma de refletir a história do teatro brasileiro e mundial, transgredindo a lógica de hegemonidade branca que povoa o imaginário cultural sobre os clássicos.

As artes reproduzem as hierarquias culturais, simbólicas e sociais, mas podem ser uma grande arma para boicotar o poder e a hegemonia branca. Ao empretecer os clássicos as artistas negres estão subvertendo a uma forma de pensar eurocêntrica em que o branco representa o poder e o negro a subserviência. “Nós estamos falando não apenas de vestir personagens elaboradas para corpos brancos com corpos negros, mas construir uma narrativa onde os imaginários de africanidades e afrodiáspora se constitui” (SALOMÃO, 2020). Empretecer os clássicos é acrescentar camadas de subjetividades e aprofundamentos raciais que estão no todo da vida brasileira.

### [PALAVRAS-CHAVE]

teatros negros; enegrecimento/empretecimento dos clássicos; cor; raça; etnia em cena.

### [BIBLIOGRAFIA]

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Trad. de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMMA, Márcia. Experiência e Reflexões Fraturadas. **Vox da Cena**. Salvador, v.5, p. 25-39, fev. 2019. Disponível em [hps://issuu.com/vilavox/docs/revista\\_medeia](https://issuu.com/vilavox/docs/revista_medeia). Acesso em: 14 jul. 2020.

**ONDE OS MARES SE ENCONTRAM:  
REORIENTANDO NOSSA MÚSICA**

<sup>108</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Artes – IA

*Cartas de Bem Viver* é o nome do projeto criado pelo coletivo de estudantes do Instituto de Artes da UNESP contemplados pelo projeto de Ações Afirmativas e Diversidade (AAD). Fazem parte deste coletivo Caio Henrique de Matos Andrade da Silva, Camilla Julie de Oliveira Araujo, Crislayne Gonçalves, Glória Maria, Millena Almeida Silva e Raquel Santos.

cartasdebemviver@gmail.com

**[RESUMO]**

Contemplado pelo edital de bolsas da Assessoria de Ações Afirmativas e Diversidade (AAD) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), o projeto *Cartas de Bem Viver* integraliza uma pesquisa iniciada em fevereiro de 2022 pelo coletivo de estudantes do Instituto de Artes da UNESP: Caio Henrique de Matos Andrade da Silva, Camilla Julie de Oliveira Araujo, Crislayne Gonçalves, Glória Maria, Millena Almeida Silva e Raquel Santos. Com duração prevista de 1 ano, busca investigar a educação de mulheres negras e o acesso à formação continuada, e tem como terreiro de estudo o quilombo urbano paulista Ilú Obá De Min - Associação de Cultura e Arte Negra. No momento, as ações do projeto se encontram em sua primeira fase, ou seja, de acolhimento e trocas entre aqueles que o compõem, colocando em prática uma das propostas pedagógicas vividas pelo próprio Ilú: o reconhecimento de si no outro. Assim, o projeto também possui atuação como forma de resgate e permanência de saberes, corpos e memórias, estabelecendo um processo coletivo de atualização e retroalimentação de nós, o qual concretiza esta unidade de pesquisa enquanto mini-quilombo alinhado com alguns valores civilizatórios brasileiros (TRINDADE, 2011), eixos referenciais e pedagógicos nas ações formativas da Associação. Partindo do conceito de criarmos um sistema diferenciado, no qual cada indivíduo é um quilombo (NASCIMENTO, 1989), múltiplas leituras, conversas e reverberações se cruzam nos encontros semanais, ativando nosso corpo documento enquanto um corpo-território (MIRANDA, 2020), possível de se reinventar e reivindicar geografias, criando nossas próprias músicas, atravessando os caminhos circulares da memória (MARTINS, 2020) e dos afetos (HOOKS, 2021), exercícios de compartilhamento e construção de subjetividades que permitem assumir e reelaborar conflitos comuns aos quilombos, para então compreender de forma integral os caminhos formativos escolhidos pelas mulheres que compõem o bloco.

**[PALAVRAS-CHAVE]**

Escrivivência; quilombo; arte-educação.

**[BIBLIOGRAFIA]**

- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Como se preparar para a guerra**. Disponível em: <<https://vimeo.com/259319708>> Acesso em: 20 abr. de 2022.
- HOOKS, bell. Comunidade: uma comunidade amorosa. In: **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges, São Paulo: Elefante editora, p. 161-176. 2021.
- MARTINS, Leda Maria. Corpo, Encruzilhada de Saberes. Prefácio de Gramática das Corporeidades Diaspóricas. In: TAVAREZ, Julio (org.) **Perspectivas Etnográficas**. 1.ª edição, Curitiba, Appris, 2020.
- MIRANDA, Eduardo. **Corpo-território & Educação Decolonial: Proposições afro-brasileiras na invenção da docência**, 1.ª edição, Salvador: EDUFBA, 2020.
- MUNDURUKU, Daniel. **Tecendo a Memória**. Itaú Cultural, São Paulo, 31 jul. 2018. Opinião. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/tecendo-a-memoria>> Acesso em: 20 abr. de 2022
- NASCIMENTO, Beatriz. **Ori**. Disponível em: <<https://youtu.be/g7WaWiOkLLg>> Acesso em: 14 mar. 2022.
- RUA! RUA! **Ilú Oba de Mim**. Disponível em: <[https://youtu.be/VKLFpkrPv\\_I](https://youtu.be/VKLFpkrPv_I)> Acesso em: 20 abr. de 2022.
- SANTANA, Bianca. Nossa negritude de pele clara não será negociada. **Ecoa**, 28 jul. de 2020. Colunas. Disponível em: <[https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/07/28/nossa-negritudedede-pele-clara-nao-sera-negociada.amp.htm?cmpid=copiaecola&\\_\\_twitter\\_impression=true](https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/07/28/nossa-negritudedede-pele-clara-nao-sera-negociada.amp.htm?cmpid=copiaecola&__twitter_impression=true)>. Acesso em: 20 abr. de 2022.
- SANTOS, Raquel; FERREIRA, Janaina Farias de Souza.; SANTOS, Gilvânia dos. Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.5965/24471267732021082. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124>> Acesso em: 20 abr. 2022



# EIXO 02 - ESPACIALIDADES E SABERES EM TERRITÓRIOS DIVERSOS: TEORIAS, SUJEITOS E EPISTEMES



ANGEL KAY  
HOMEM DE MELLO  
ROBINSON<sup>109</sup>

## A EXPERIÊNCIA (E A FALTA DELA) NO ESPAÇO ESCOLAR

<sup>109</sup> Escola Superior de  
Artes Célia Helena

Licenciada em Pedagogia  
pela Faculdade de  
Educação da USP,  
integrante do GEPGEE  
- Grupo de Estudos  
e Pesquisa em Gesto,  
Expressão e Educação.  
É bacharel e atual  
mestranda em Artes da  
Cena pela Escola Superior  
de Artes Célia Helena  
(ESCH).

angel.hm.robinson@gmail.  
com

### [RESUMO]

O texto tece associações entre as notas sobre a experiência e o saber da experiência, a anestesia da percepção (ou dos sentidos) causada pela estimulação que o excesso de informação provoca nos corpos e as transformações do tempo e da arte como mercadoria, refletindo sobre como os indivíduos têm reduzido a sua capacidade de fruição diante de experiências estéticas na contemporaneidade. O objetivo é questionar o papel da corporalidade docente, uma vez que o docente precisa, antes de tudo, ser ele mesmo o sujeito da experiência, de forma que possa criar condições para que os discentes tenham tempo para vivenciar as suas próprias experiências, o ócio criativo e o lazer desvinculados de uma lógica produtiva. Entende-se, por fim, que tais associações e questionamentos são relevantes e apresentam contribuições para os pesquisadores da Arte e da Educação.

### [PALAVRAS-CHAVE]

experiência; arte; escola; formação docente; corporalidade.

### [BIBLIOGRAFIA]

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. "A indústria cultural como mistificação das massas". In: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BUCK-MORSS, Susan. "Estética e anestésica: O "Ensaio sobre a obra de arte" de Walter Benjamin. **Travessia - Revista Literatura**, nº 33, Ilha de Santa Catarina: UFSC, 1996.

MARQUES, Isabel. Corpos e Danças na educação infantil. In: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (Org.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

SAYÃO, Deborah. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso?. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos/SP: UFSCar, v. 2, n. 2, p. 92-105, nov. 2008.

GABRIELA LUZ DA  
CUNHA<sup>110</sup>

## MOVIMENTO DAS THEMÔNIA: SINGULARIDADES MÚLTIPLAS EM PRODUÇÃO E FOMENTO ARTÍSTICO E CULTURAL NA CIDADE DE BELÉM DO PARÁ

<sup>127</sup> Universidade Estadual  
Paulista (UNESP)

Mestranda em arte,  
educação e mediação  
cultural – IA UNESP,  
professora, atriz,  
performer, artista,  
produtora e  
pesquisadora cultural  
da cidade de Belém.

luz.cunha@unesp.br

### [RESUMO]

Compartilho o projeto de pesquisa em curso que investiga de que forma o movimento artístico, político e cultural das Themônias atua diante da falta de incentivo em produção e fomento artístico e cultural na cidade de Belém do Pará, suas contribuições pelo direito constitucional de acesso e incentivo a arte e cultura. O movimento das Themônias é composto por mais de 70 artistas de diferentes linguagens e áreas de atuação e as produções poéticas, políticas e acadêmicas do movimento dialogam com os conceitos de escolha decolonial de Mignolo (2008), quanto ao processo de descobertas poéticas no desenvolvimento das relações e ações vivenciado no movimento das themonias que ao aprenderem a desaprender como aponta Mignolo (2008) valorizam as produções e processos de aprendizagem em diversas linguagens artísticas promovendo uma educação mais democrática defendido por Barbosa (1998) ao vivenciarem a relação do único com o múltiplo, do unitário como coletivo segundo Bredariolli (2018). Nesta perspectiva o projeto de pesquisa pretende apontar as condições artísticas, políticas, teóricas e sociais que o movimento das themonias tem para organizar um espaço cultural acessível para parte da população periférica, negra, indígena, LGBTQIAP+ que vive mais distante dos centros de produções e fomento cultural na cidade de Belém do Pará.

### [PALAVRAS-CHAVE]

movimento; produção; fomento; Themonias.

### [BIBLIOGRAFIA]

MIGNOLO, W. Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o significado de Identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. A Globalização Requerida: Narrativas De(s) coloniais da Arte/Educação do Brasil-Mundo. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, v. 8, p. 57-76, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Útópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

LATIF, Larissa. **Poéticas insurgentes e micropolítica na Amazônia: a cena aberrante das Drags Themônias**. In: VII Congresso Internacional em Estudos Culturais; Performatividades de Gênero na Democracia Ameaçada, 2020, Aveiro. Performatividades de gênero na democracia ameaçada. Coimbra: Grácio Editor, 2020. v. 1. p. 57-64.

THEMONIA, revista, **Edição especial de lançamento do manifesto**. volume 1 – setembro de 2020.

EDICLEIA PLÁCIDO SOARES<sup>III</sup>

## DESVENDANDO DRAMATURGIAS PARA UM CORPO AFRODIASPÓRICO

<sup>III</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Cléia Plácido é artista da dança e mestranda em artes pela UNESP sob orientação de Marianna Francisco Martins Monteiro. Diretora do núcleo de dança Menos 1 Invisível, também é presidente da Cooperativa Paulista de Dança. Desde 2018 pesquisa questões da diáspora africana e direitos humanos em seus trabalhos artísticos.

edicleia.placido@unesp.br

### [RESUMO]

Meu projeto de pesquisa de mestrado aborda o processo de criação do espetáculo *Poemas Atlânticos*, produzido a partir do Prospecto “Mergulho”, que teve como referência uma África mítica. Durante a trajetória de desenvolvimento do projeto, esta visão de uma África mítica se confronta com uma África contemporânea de mil faces, línguas, culturas, e uma de suas faces é a de africanos que cruzaram rios, mares e continentes em busca de refúgio. E chegaram aqui exibindo uma pele ainda mais retinta, uma língua desconhecida, vestes orientais, um brilho novo e desconhecido nos olhos. Sendo assim, sem a pretensão de resolver questões tão complexas, perenes e revoltantes – tais como a imigração forçada numa tentativa de salvar a humanidade dela mesma; o espetáculo pretendeu dentro de seu campo de ação e possibilidade de construção e expressão dramaturgica, enfatizar a presença de corpos negros sem excluir a relação com corpos brancos, além de dar espaço à solidão, ao sufocamento cultural, e à utopia. Especificamente, uma utopia como possibilidade de convivência entre diferentes. Todavia, deixamos uma pergunta no ar: trouxemos uma obra pacificadora? Evitamos tocar na ferida da branquitude? Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto de mestrado tem se baseado na leitura e nas reflexões de autores como Edouard Glissant que nos trouxe os conceito-utopias de “Totalidade” e de “poética da Relação”, que abordam um mundo onde todos caibam. Por outro lado, o presente trabalho também conduz uma reflexão da própria autora, que também é bailarina e diretora do espetáculo, configurando-se como um exercício delicado de autobiografia e escrivência que se nutre do feminismo negro de Bell Hooks, Lélia Gonzalez e Neuza Santos Souza.

### [PALAVRAS-CHAVE]

processos de criação; corpo negro; dramaturgia; dança; racismo; imigração; pertencimento; estética; África.

### [BIBLIOGRAFIA]

- GLISSANT, Edouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 29(1), 268-277.
- MBEMBE, Achille. **Crítica à Razão Negra**. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- SOUZA, Santos Neuza. **Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do negro brasileiro em ascensão social**.

JULIANA SANTOS DE SANTANA<sup>II2</sup>  
LANNA  
KATHERINE LEITÃO  
CONCEIÇÃO<sup>II3</sup>

## “BORA FORMAR, PRETA?": MENTORIA CIENTÍFICA FEMININA E AFROCENTRADA

<sup>II2</sup> Projeto “Bora Formar, Preta?”

Pedagoga, estudante do mestrado em estudos étnicos e africanos, feminista interseccional, mulher preta dreadada, pesquisadora afrocentrada, soteropolitana e idealizadora do Projeto “Bora Formar, Preta?”, em busca da ruptura com os padrões brancocêntricos dos espaços acadêmicos.

juli.ssantanas@gmail.com

<sup>II3</sup> Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - EEUFBA

Enfermeira alocada na Rede de Saúde Mental do Município de Salvador. Mestranda pelo Programa de Enfermagem e Saúde da Universidade Federal da Bahia. Mentora de Pesquisas Científicas. Poeta. Atriz. Múltipla.

lanna.klc@gmail.com

### [RESUMO]

A solidão é uma escolha, a solidão é uma imposição. Mulheres negras atravessadas pela intersecção da classe social vivem em constante inquietação de serem reconhecidas enquanto cidadãs, arquitetas do espaço público e potencializadoras de transformações sociais. A desigualdade e a discriminação atravessam as vidas dessas mulheres inclusive nas instituições de ensino de nível superior. Assim, o projeto “Bora Formar, Preta?” é uma iniciativa que vem na contramão dessas questões, proporcionando às mulheres negras um espaço seguro para as produções científicas (TCCs, artigos ou projetos de pesquisa). Nesse sentido, dar visibilidade aos projetos que pensam a interseccionalidade nas práticas educacionais e interferem diretamente nas diferentes formas de violência sofridas em espaços acadêmicos é um passo importante para construir instituições mais justas. O foco do projeto é ir de encontro a essa solidão que a mulher negra enfrenta nos espaços acadêmicos (não apenas física, mas metodológica, cosmogônica e referencial) em um dos momentos mais críticos de um curso de nível superior. A metodologia envolve o acompanhamento de 10 estudantes de instituições públicas e privadas de diferentes áreas, e em sua 1ª edição o projeto aproximou essas mulheres da ciência, oferecendo mentoria científica e orientação para elaboração de seus trabalhos. Através de 4 encontros virtuais, as alunas receberam orientação para os seus projetos a partir de uma aula inaugural de introdução à metodologia científica com Juliana Santana (idealizadora do projeto e tutora), passando, então, para o acompanhamento com tutoras individuais: Lanna Katherine Leitão Conceição (Mestranda da EEUFBA), Larissa Pereira Ramos (Enfermeira Residente) e Hithilla Carla Carvalho (Estudante de Enfermagem). No fim, a avaliação do projeto é feita por meio de um questionário respondido pelas alunas, que na 1ª edição sinalizaram a qualidade das aulas, a importância para o desenvolvimento dos seus trabalhos, a melhora no que diz respeito aos bloqueios de escrita e a importância de se ter uma mentoria continuada ao longo do semestre para o acompanhamento da pesquisa. Todavia, as questões financeiras são o grande impeditivo da possibilidade de realização desse cenário.

### [PALAVRAS-CHAVE]

bora formar preta; mentoria científica; solidão da mulher negra; metodologia científica.

### [BIBLIOGRAFIA]

- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Violências contra mulheres nos espaços universitários. In: **Mulheres e Violências: Interseccionalidades**. STEVENS, C. et al. (Orgs.). Brasília, DF: Technopolitik, 2017, p. 385-399.

AURORA ALMEIDA  
DE MIRANDA LEÃO <sup>114</sup>

## ENQUANTO DORME A PÁTRIA MÃE TÃO DISTRAÍDA: “MEDIDA PROVISÓRIA” MOSTRA RACISMO COMO CUPIM ENTRANHADO NO CARÁTER NACIONAL

<sup>114</sup> Universidade Federal de  
Juiz de Fora - UFJF

Doutoranda do PPGCom da UFJF, linha de pesquisa Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Bolsista Capes. Autora dos e-books “Telenovela: a ficção popular do Brasil”, “O cinema que mora na minha saudade”, e “Na televisão na palavra no átimo no chão”, lançados pela RFB Editora.

auroraleao@hotmail.com

### [RESUMO]

A estrutura racista assente há mais de 500 anos no Brasil é ponto fulcral da narrativa de Medida provisória (2020), filme dirigido e roteirizado por Lázaro Ramos. Ao mostrar a democracia racial como mito da formação identitária do país, a história apresenta um futuro imaginário, mas pouco distópico, quando se observam falas e situações incluídas na diegese, análogas ao que se vê no cotidiano nacional. Na trama, negros e negras são conhecidos como povo de “melanina acentuada” e, por meio da medida provisória 1888, são todos obrigados a deixar o país rumo à África. Adaptação da peça Namíbia não (2011), do dramaturgo Aldri Anunciação, que também assina o roteiro (com Lusa Silvestre e Elísio Lopes Jr.), parte-se da pergunta: “Que analogias podem ser inferidas entre o drama mostrado na tela e os números alarmantes da violência de teor racista registrados diariamente no país?”. Destarte, objetiva-se indicar dialogias e intertextualidades com discursos flagrados no cotidiano, seja nas redes sociais, na imprensa ou na teledramaturgia. Para tanto, usa-se metodologia híbrida, unindo as propostas de Luiz Gonzaga Motta (2013) e Luiz Carlos Maciel (2017).

### [PALAVRAS-CHAVE]

cinema; racismo; diegese; dialogias; Medida Provisória.

### [BIBLIOGRAFIA]

- ARAÚJO, Joelzito. **A negação do Brasil**. São Paulo: editora Senac, 2004.
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 1982.
- JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação**. Lisboa: edições 70, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à análise da imagem**. 2ªed. Campinas: Papirus, 1999.
- MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do climax – Fundamentos do roteiro de cinema e TV**. São Paulo: editora Giostri, 2017.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: editora Brasiliense, 2003.
- MORIN, Edgar – **O cinema e o homem imaginário**. São Paulo: editora Moraes, 1970.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: UNB, 2013.
- RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2017.

GIULIANA TRAZZI <sup>115</sup>  
MAZZU  
GONÇALVES <sup>116</sup>

## CORPOÉTICO: CORPO, POESIA, ÉTICA E ESTÉTICA NA ELABORAÇÃO DO TERRITÓRIO ESCOLAR

<sup>115</sup> Faculdade de  
Educação da  
Universidade Estadual de  
Campinas - UNICAMP

Artista, educadora, arte  
educadora, professora,  
diretora de escola  
pública e Mestranda na  
Faculdade de Educação  
da UNICAMP.

gjullimoon@hotmail.com

<sup>116</sup> Artista, arte  
educadora, arte  
terapeuta, professora e  
coordenadora de área de  
escola pública.

mazupegon@gmail.com

### [RESUMO]

Pretendemos narrar a nossa práxis do corpo imerso em literatura e poesia para construção do território de pertencimento em uma escola pública. Perpassamos o ensejo de que é pelo corpo e pela territorialização dos espaços que poderemos fortalecer a emancipação literária em contato horizontal com as artes e os corpos dos sujeitos. Em diálogo com o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar para o qual nasceu este trabalho que há cinco anos volta-se para a necessidade de tornar éticos, estéticos e políticos os espaços da escola, almejamos qualificar a educação integral para além do tempo de permanência dos sujeitos no lugar. Um dos desejos e também intensa necessidade relaciona-se ao estabelecimento de espaços artísticos contemporâneos para a leitura. Assim nascem os “Corredores Literários” e as “Caixas da Poesia”. Em parceria com suas professoras, estudantes elegeram as poesias que os(as) representassem para a composição das paredes literárias, nas quais as suas próprias criações poéticas foram colocadas/expostas. Visando garantir a qualidade material da literatura em todo o seu corpo, os livros foram cuidadosamente escolhidos e adquiridos com verba da unidade escolar, por meio de um intenso movimento social para a arrecadação de bons exemplares literários. O acesso aos livros está por entre os corpos de todas as pessoas que coabitam a escola, em suas passagens e paragens em imersão literal em literatura e poesia. Lá, os corredores literários desembocam em uma praça e, neste local, elaboramos a “praça de Leitura”. As árvores abraçam as “Caixas da Poesia”, criação artística de instalação urbana que tem o intuito de trazer a palavra e a poesia para os elementos artísticos contemporâneos, de maneira que o corpo esteja integrado e em movimento. Após quatro anos do início dos nossos pensares e fazeres corporais, visualizamos que a palavra escrita, a literatura e, sobretudo, a poesia, estão possivelmente mais acessíveis aos corpos que habitam o espaço e o territorializam.

### [PALAVRAS-CHAVE]

–

### [BIBLIOGRAFIA]

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES, Mazu. **Poelinhas**. Jundiá: Ed In House, 2019.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o Jogo como Elemento na Cultura (1938)**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MARQUES, Isabel. **A Linguagem da Dança. Arte e Ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JOSÉ ROBERTO LIMA  
SANTOS<sup>117</sup>

## ÌYÁ ÀGBÁ GÈLÈDÉ - O TRAJE YORÙBÁ E OS SABERES ANCESTRAIS NA CIDADE DA GAROA

<sup>117</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) - UNESP

Artista e pesquisador, com graduação e especialização em Artes Cênicas pela FPA – Faculdade Paulista de Artes (2010/2014). Mestre em Artes pelo Instituto de Artes - UNESP. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas – Fayola Odara.

jrl.santos@unesp.br

### [RESUMO]

As *Ìyá Àgbá Gèlédé* são conhecidas como *Afinju eyé ti nfo L'oru* (o pássaro sofisticado que voa na noite), *Ìyá Àgbá* (a mulher diferente), *Oni l'oni aye* (as donas do mundo), *Ìyá Wón* (a Mãe de todos para a eternidade) e *Èléyé*, (a possuidora dos pássaros). Elas reivindicam rituais, festividades e celebrações para que mantenham o equilíbrio e a ordem social nas comunidades étnicas africanas espalhadas por toda a região que se compreende como Iyorubalândia. Há elementos – vestuário, uso da máscara, o suporte de madeira que sustenta os panejamentos para a construção dos trajes – que são de extrema relevância para a continuidade dos rituais e exaltação das divindades veneráveis femininas, tanto por homens como por mulheres. A importância disso reside tanto nas relações de gêneros e no papel comunitário da mulher na África, quanto na maneira através da qual esses elementos mitológicos e ideológicos irão se ordenar nas religiões afro-brasileiras por meio da preponderância do papel feminino nos cultos (SANTOS, 2008, p. 65). A tradição religiosa e cultural da *Isèsè Esìn Orisà Ìbilé* afirma que para preservar a dinâmica e o equilíbrio entre tudo que está no universo e na terra é preciso restituir e redistribuir o axé contido na força das *Ìyá Àgbá Gèlédé* e nas divindades veneráveis que as representam no mundo visível e invisível, propondo a transformação, a vida e a morte, assim como a continuidade da espécie humana em seu processo de evolução. Nada mais propício do que a manutenção dos rituais, das celebrações e festividades indissociadas da confecção dos trajes *Gèlédé* para que a manifestação popular, regada de fé, devoção, alegria e abundância, se torne uma realidade entre nós, seres humanos, seja na África, seja na região que compreendemos como Iyorubalândia, no Brasil, em particular, na cidade de São Paulo.

### [PALAVRAS-CHAVE]

Ìyá àgbá; gèlédé; indumentárias; ancestrais; trajes religiosos.

### [BIBLIOGRAFIA]

- MANZINI, Yaskara D. *Ìyami Osòròngá (Minha Mãe Feiticeira?): O coletivo feminino na cosmogonia iorubana*. Monografia do curso de Pós-Graduação Latu-sensu em Arte-Educação e Comunicação. São Paulo: Faculdade Paulista de Artes, 2001, 75 p.
- SANTOS, Irinéia M. Franco. *Iá Mi Oxorongá: as mães ancestrais e o poder feminino na religião africana, Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, nº 2, dez. 2008.

RONALDO ARAÚJO  
DE SOUZA<sup>118</sup>  
ERIC RIBEIRO ALVES<sup>119</sup>  
FABIANE MONDINI<sup>120</sup>

## ROBÓTICA EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I

<sup>118</sup> Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro - SP. Licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ronaldo.araujo@unesp.br

<sup>119</sup> Universidade Estadual Paulista, Sorocaba - SP

Graduando em Engenharia de Controle e Automação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Sorocaba - SP.

eric.ribeiro@unesp.br

<sup>120</sup> Universidade Estadual Paulista, Sorocaba - SP

Professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Ciência e Tecnologia – Campus de Sorocaba - SP, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), campus de Rio Claro - SP.

fabiane.mondini@unesp.br

### [RESUMO]

Compreendemos que crianças e adolescentes estão imersos em mundo tecnológico e, por isso, a formação escolar não pode estar alheia à atual configuração. Nesse sentido, diversos pesquisadores do campo da Educação Matemática têm proposto uma Educação Tecnológica (MONDINI *et al.*, 2021; OBATA; MOCROSKY; KALINKE, 2018) que coloca o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, valorizando sua criatividade e inventividade, dando-lhe autonomia para fazer, reparar e refazer uma determinada ação proposta pelo docente. Considerando essa concepção de Educação Tecnológica, um projeto de robótica educacional foi contemplado com recursos da Coordenadoria de Ações Afirmativas e Diversidade (CAADI) da Unesp e encontra-se em desenvolvimento em uma escola pública do município de Votorantim – SP. Nosso objetivo é trabalhar com oficinas de robótica e programação com vistas à uma educação de qualidade. Com uma abordagem transdisciplinar, o trabalho está fundamentado no movimento de educação em STEAM, que busca a formação de pessoas através da integração entre distintas áreas do conhecimento (MONDINI *et al.*, 2021, p. 144). O projeto divide-se em três grandes etapas: a primeira etapa trata do estudo das potencialidades das metodologias STEAM e MAKER, feito através da literatura disponível em periódicos e revistas científicas. A segunda etapa tem por objetivo estudar e criar protótipos tecnológicos para introduzir conceitos de robótica com os estudantes e, por fim, a terceira etapa consiste na execução das oficinas nas escolas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

STEAM; robótica; educação; tecnologia.

### [BIBLIOGRAFIA]

- MONDINI, Fabiane; MOCROSKY, Luciane Ferreira; ORLOWSKI, Nelem; SIMÕES, Alexandre da Silva. Educação tecnológica no âmbito da educação matemática: articulando compreensões. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 19, n. 20, p. 143-157, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i34.532>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- OBATA, Joice Yuko; MOCROSKY, Luciane Ferreira; KALINKE, Marco Aurélio. Tecnologia, Educação e Educação Tecnológica: Heranças e Endereçamentos. *#Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*, Canoas, v.7, n.1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35819/tear.v7.n1.a2727>. Acesso em: 09 abr. 2022.

IRIANE DU AGUIAR LEME<sup>121</sup>  
REGILENE APARECIDA SARZI RIBEIRO<sup>122</sup>

## O LADO B DESSAS HISTÓRIAS FEATURING – MULHERES, VIDEOARTE E A ARTEBIOGRAFIA DE GROUZE E PRISCILA LEONEL

<sup>121</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Câmpus de Bauru

Mestranda em Mídia e Tecnologia pelo PPGMIT-Unesp Bauru, Especialista em Arteterapia pela FACOL e graduada em Artes Visuais (Bacharelado) pela FAAC Unesp Bauru (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho).

iriane.leme@unesp.br

<sup>122</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Câmpus de Bauru

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia – FAAC UNESP, Bauru. Líder do labIMAGEM – laboratório de estudos da imagem (CNPq).

regilene.sarzi@unesp.br

### [RESUMO]

*Mulheres, cerâmica e saberes: a artebiografia de Grouze e Priscila Leonel* (2021) é o título do TCC da artista visual Iriane Du Aguiar Leme, que buscou responder através da interseccionalidade, como contar novas Histórias das Artes. Para dar continuidade à pesquisa, a autora, que ingressou em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Unesp Bauru, pretende explorar para a dissertação intitulada *O lado B dessas histórias – mulheres, audiovisual e bissexualidade(s)*, o conceito de ativismo curatorial de Maura Reilly (2018), além de enumerar e demonstrar outras maneiras de fazer e compartilhar as Histórias das Artes, com foco nas mulheres bissexuais e suas histórias, tendo a tecnologia como suporte. O trabalho será feito por meio de uma pesquisa bibliográfica e in loco no MASP, a produção de uma videoarte com colegas bissexuais, e investigar a vida e obra de mulheres artistas bissexuais. Nesta roda de conversa, a intenção é apresentar a investigação que registrou as *artebiografias* das ceramistas Grouze e Priscila Leonel por meio de entrevistas-semiestruturadas, além de buscar renomear o passado e presentificar o futuro através de artistas e autoras mulheres invisibilizadas pela narrativa única da história. Sendo assim, optou-se por uma fundamentação pautada nos trabalhos das teóricas Lélia Gonzalez, Silvia Federici, Daiara Tukano e Chimamanda Ngozi Adichie. Ao articular as palavras mulheres, cerâmica e saberes às *artebiografias*, a pesquisa buscou criar rotas para a leitura da Arte, para romper com a falácia do saber hegemônico que permeia nossos currículos. Como resultados, pode-se averiguar o quanto as histórias outras ainda passam por um severo processo de invisibilização e que na contemporaneidade muitos são os estudos e levantes para se (re)contar a totalidade delas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

mulheres; histórias das artes; artebiografias; bissexualidades; videoarte.

### [BIBLIOGRAFIA]

LEME, Iriane Du Aguiar. *Mulheres, cerâmica e saberes: a artebiografia de Grouze e de Priscila Leonel*. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/215042>>.

REILLEY, Maura. *Curatorial Activism: Towards an Ethics of Curating*. Londres, 2018.

LAU GRAEF<sup>123</sup>  
IGOR SIMÕES<sup>124</sup>

## “CUIDADO COM A VISÃO DE RAPINA DAS GAZELA” – CAMINHOS PARA UM INVENTÁRIO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE PESSOAS PRETAS DISSIDENTES DE GÊNERO NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

<sup>123</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Graduando em artes visuais (licenciatura) pela UERGS. Bolsista da Fapergs.

laugraef@gmail.com

<sup>124</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Professor adjunto de história, teoria e crítica da arte na UERGS. Doutor em História da Arte (UFRGS) e curador.

### [RESUMO]

A produção artística quando tomada a partir de um recorte racial e dissidente de gênero, a produção artística nos coloca diante de apagamentos que constituem paralelo direto aos mesmos processos de localização dessas pessoas no tecido social do país. Assim, o intento desta investigação é buscar seus nomes, entender as particularidades de sua produção e situá-las em um panorama simultaneamente geral e específico da arte brasileira contemporânea e sua história. Para tanto, foram mapeadas 32 pessoas pretas dissidentes de gênero que atuam nas artes visuais para que, em seguida, entrevistas fossem realizadas para nos aproximar da maneira através da qual suas produções circulam no campo artístico, viabilizando uma compreensão sobre as brechas e barreiras encontradas por tais artistas. Também é interesse da pesquisa entender quando as expectativas do sistema das artes se alinham com a produção dessas pessoas e quando elas se tornam um entrave. Na pesquisa, por vezes, o próprio objeto de investigação não correspondeu às metodologias disponíveis no campo – metodologias estas que abarcam um fazer único, institucionalizado e organizado que nem sempre se mostra disponível para as pessoas aqui pesquisadas. Logo, apontar essas dificuldades e elaborar respostas para elas se tornou parte constituinte do trabalho. As referências teóricas – hooks, Mbembe, Scott, Mombaça, Felinto, Halberstam, Simões, Preciado – também apresentam caminhos para a constituição de bibliografias que deem conta das tensões particulares incitadas por um conjunto de saberes que se encontram ausentes nos cursos de graduação em arte, ainda profundamente eurocêntricos.

### [PALAVRAS-CHAVE]

história da arte; transgeneridade; raça; arte brasileira; artes visuais.

### [BIBLIOGRAFIA]

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DANIEL RODRIGO  
VIANA<sup>125</sup>

## ENSINO DE LITERATURA NA RUA: O MAPA POÉTICO COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO

<sup>125</sup> Instituto Singularidades

### [RESUMO]

Daniel Viana. Licenciado em Letras pelo Instituto Singularidades. Poeta de rua, ator e pesquisador de cidade enquanto território educativo.

guardanapospoeticos@gmail.com

A pesquisa discute os territórios de aprendizagem e as possibilidades de ensino de literatura a partir de uma proposta relacional com a cidade e as obras de arte pública situadas na extensão da Avenida Paulista, na cidade de São Paulo. O objetivo é realizar uma intervenção geopoética mediada que mobilize a interface entre arte urbana, literatura e rua com o intuito de fomentar o ensino literário da educação formal para além dos muros da escola. A partir de uma prática de educação transgressora, os assuntos da pesquisa apresentam discussões sobre as representações dos corpos dissidentes nas obras literárias em relação às obras de arte pública da Avenida Paulista. A abordagem metodológica envolve pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e pesquisa-ação, enquanto a fundamentação teórica da pesquisa privilegia as contribuições das áreas da arte e educação, com ênfase nos temas: geopoesia, educação não-formal e multiletramentos. Com a pesquisa em andamento, dentre os resultados, espera-se que este projeto contribua com discussões sobre a rua enquanto território de aprendizagem de literatura.

### [PALAVRAS-CHAVE]

mediação cultural; multiletramentos; educação não-formal; literatura e rua; geopoesia.

### [BIBLIOGRAFIA]

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? *Revista Interfaces Brasil/Canadá*. V. 12, N. 1, 2012. p. 09-14.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, pp. 27-38, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2017.

NUNES, Lilian do Amaral. **Fronteiras do visível: arte pública na Avenida Paulista**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 07 jun. 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

VANDERLEI FRAGA  
SILVEIRA<sup>126</sup>

## NOSSA SENHORA DO BARRO DA CAXIMBA

<sup>127</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR

Mestrando em Ciências Ambientais (PROFCIAMB / UFPR); licenciado em Educação Artística - Artes Visuais; especialista em Pedagogia de Paulo Freire - Educação Popular e Movimentos Sociais; professor na Rede Municipal de Curitiba. Com longo percurso em organizações ambientalistas e instituições de ensino, desenvolve pesquisa envolvendo a ecologia e as artes, a qual denomina Arterreciclagem.

vanderlei.silveira@gmail.com

### [RESUMO]

Com ênfase na arte-educação ambiental dentro de uma investigação pedagógica interdisciplinar e facilitada entre o estético e o biológico, apresentam-se os objetivos, obstáculos e trajetórias de um projeto de pesquisa ao Mestrado Profissional em Ciências Ambientais pela UFPR. Discorre-se sobre milhares de pessoas restritas e instaladas sobre os alagadiços terrenos de uma Área de Proteção. Nas sete vilas da Caximba, ao sul de Curitiba, possivelmente no maior aglomerado subnormal do Paraná, sobrevivem seres humanos, envoltos nos recursos degradantes que uma região de aterro sanitário pode abarcar. Neste extremo sul, no encontro dos Rios Barigüi e Iguaçu, no terreno argiloso que pariu as telhas e os tijolos da Capital, também, se gestou um paradoxo. O mesmo terreno de barro que moldara a carne da Cidade, hoje, recebe toneladas de lixo e gigantesco volume de esgoto e segregação desumana. Esses cidadãos, em estado de pré-nomadismo compulsório, divisam uma operação administrativa de reurbanização enquanto aguardam ver a fantástica erigido de uma pirâmide fotovoltaica e uma usina de biogás. Neste projeto de pesquisa, pelas aposições da arte-educação ambiental, a releitura das realidades locais se autogesta em uma deidade, Nossa Senhora do Barro da Caximba. A Padroeira deste projeto, um mapa-corpo semivestido, traduz os corpos e as “Cinco Peles” de Hundertwasser daquele lugar. Um mapa que, também, precisa se inspirar em Torres García: Nosso Norte é a Caximba!

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte-educação ambiental; aterro sanitário; interdisciplinaridade; lixo; Nossa Senhora do Barro da Caximba.

### [BIBLIOGRAFIA]

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O Tao da Libertação - Explorando a ecologia da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. O mapa de ponta cabeça. **World Congress on Communication and Arts**. São Paulo, abril, 17-20, 2011.

CURITIBA, Prefeitura Municipal. **PlanClima, plano municipal de mitigação e adaptação às mudanças climáticas**. Curitiba: s/ editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser: o pintor-rei das cinco peles**. Ed. Taschen, 2003.

JULIANA IGNÁCIO  
BALDUINO<sup>127</sup>

## QUILOMBO DA PARADA - ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA NEGRA

<sup>127</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Artes - IA

Arte Educadora e fundadora do Instituto Esperança Garcia que, por sua vez, fomenta atividades com foco em Educação, Arte e Cultura na Comunidade Estância Jaraguá.

juliana.balduino@unesp.br

### [RESUMO]

O Quilombo da Parada está localizado no bairro Parada de Taipas, subprefeitura de Pirituba/Jaraguá e, como toda periferia da cidade de São Paulo, trata-se de um espaço em que muitas pessoas vivem de maneira insalubre. Tramita em instâncias superiores um projeto de lei para que Parada de Taipas tenha sua própria subprefeitura, para que possa melhor acolher as demandas do bairro. A Comunidade Estância Jaraguá, na qual encontra-se o Quilombo da Parada – hoje espaço sede e de atuação do Coletivo Cultural Esperança Garcia – fica em uma região de isolamento em que faltam infraestruturas mínimas e, conseqüentemente, equipamentos de cultura. Dessa forma, o local tornou-se uma referência para os moradores da região que buscam lazer e conteúdo. A comunidade não possui saneamento básico (água e esgoto canalizado ou asfalto) e está a trinta minutos a pé do centro comercial (escolas, farmácia, mercado, hospital, entre outros serviços essenciais), além de não possuir linhas de ônibus ou qualquer outro meio de transporte público que “suba o morro”. A história que iremos contar é de como esse território foi escolhido por um grupo de mulheres negras militantes para se tornar espaço sede do Coletivo Cultural Esperança Garcia. Abordaremos de que forma chegamos, estabelecemos laços de amizade e afetivos com a comunidade e passamos a fomentar atividades de arte, cultura e educação para os moradores, especialmente crianças e adolescentes. Por fim, propomos uma reflexão sobre a importância desse espaço e da atuação do coletivo no território.

### [PALAVRAS-CHAVE]

quilombo urbano; periferia; território de afetos; resistência negra.

### [BIBLIOGRAFIA]

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela, periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo, Annablume, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz, O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. In: Ratts, Alex. **Eu sou atlântica: vida e obra de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto Kuanza, 2007.

LEONARDO  
MONTALVERNE  
CÂMARA<sup>128</sup>

## CINEMA NO BREJO: A FILMAÇÃO COMO BRINCADEIRA E AVENTURA COM OS ESPAÇOS

<sup>123</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCom) da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Pesquisador e realizador audiovisual, mestrando da linha Pragmáticas da Imagem no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Idealizou e coordenou o projeto Cinema no Brejo – um processo de formação audiovisual realizado com jovens e crianças da região do Maciço de Baturité – CE.

leonardomontalverne@gmail.com

### [RESUMO]

Esta pesquisa surge da experiência pedagógica vivenciada ao longo do projeto **Cinema no Brejo**, um itinerário formativo em audiovisual realizado em 2019 com crianças e jovens de diferentes localidades rurais da Serra de Baturité, situada no interior do Ceará. O projeto consistiu em uma série de oficinas e vivências, nas quais o cinema foi manejado como um meio de relação com os espaços, suas histórias e imaginários. Nossa investigação analisa, portanto, as maneiras pelas quais o aprendizado de uma certa gramática cinematográfica predominante deu lugar à invenção de outros modos de uso desse aparato, agenciando-o às experiências vividas nas geografias locais. Como metodologia, partimos da escrita em relato como meio de rememoração e retomada dos encontros pedagógicos e da cartografia como uma estratégia de leitura e manejo alargado dos filmes, possibilitando derivas pelos processos de feitura. No contexto deste seminário, gostaríamos de tratar especificamente da experiência de realização do filme **Caridade**, um curta-metragem de ficção produzido pelos alunes nas ruínas de um antigo “mosteiro abandonado”, localizado no distrito Jesuítas, em Baturité – CE. Nossa questão central seria pensar que, disponibilizado ao alcance das mãos (ALVARENGA, 2020) de jovens territórios rurais, o cinema é capaz de tornar-se uma ferramenta potente de reimaginação sobre o próprio lugar, uma pedagogia inventiva do olhar, instauradora de brincadeiras e aventuras com os espaços. A ideia de filmagem que trazemos na relação com o filme e com o processo de realização consiste na experiência do cinema em duas dimensões: por um lado, como mediador de micro-histórias cotidianas que são recontadas e reinventadas por meio dos recursos audiovisuais e, por outro, como participante de uma experiência coletiva com a qual aprende.

### [PALAVRAS-CHAVE]

cinema; educação; territórios; espaço; juventude.

### [BIBLIOGRAFIA]

ALVARENGA, Clarisse. **Práticas do vídeo ao alcance das mãos: Os Arara**, TV Viva, e TV Maxambomba. **Catálogo 15ª Mostra de Cinema de Ouro Preto**, p. 40-45 – 1. Ed. – Belo Horizonte: Universo Produção, 2020.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. **Cinema de brincar**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

LINDINALVA  
BARBOZA  
DE SOUZA <sup>129</sup>

## A ÁRVORE DA VIDA - UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DE IDENTIDADE E MEMÓRIA!

<sup>123</sup> Universidade Estadual  
Paulista - UNESP

Lindy Barboza é Atriz,  
Contadora de Histórias,  
Professora de artes  
cênicas e mestranda do  
Programa do Mestrado  
Profissional em Artes -  
ProfArtes da Unesp.

fadateiadearanja@gmail.  
com

### [RESUMO]

O presente artigo estabelece um diálogo entre as técnicas teatrais propostas por Viola Spolin e a elaboração de uma encenação no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Projeto *A Árvore da Vida: Uma Contextualização sobre Identidade e Memória* é fruto de um trabalho contínuo desenvolvido na EJA da Prefeitura de Guarulhos e tem como proposta pedagógica uma educação humanista, na qual o sujeito é protagonista das ações realizadas no ambiente educacional. No decorrer do processo do jogo, o aluno passa a entender que a aprendizagem se faz de diversas formas e leituras, e que o sensorial, o corpóreo e o imagético também são leituras importantes no seu processo de aprendizagem. Além disso, ressalta-se que o Arte educador é um mediador deste sujeito em contato com sua perspectiva de ensino, onde é essencial construir um vínculo de confiança e troca com o aluno, na linha da citação que diz *“Trabalhe com o aluno onde ele está, não onde você pensa que ele deveria estar”* (SPOLIN, 2001, p. 09). Os jogos e as improvisações são o carro-chefe na construção das cenas, que se passam na região do nordeste brasileiro, em que a presença da seca é constante, e que possuem personagens da história emaranhadas em um contexto familiar que atravessa quatro gerações. Assim, entender este processo e como o ambiente pode influenciar a vida das pessoas aconteceu fluidicamente com o processo dos jogos, estabelecendo as ações desenvolvidas no espetáculo. O objetivo central foi dar continuidade ao trabalho sobre identidade e memória, promovendo o conhecimento que podemos ter de nossas próprias histórias, origens e ancestralidade. Através deste e do entendimento de que os sujeitos de cada história somos nós mesmos, do resgate da infância e das brincadeiras e cantigas, os alunos promoveram uma ação cultural na escola e em suas famílias. Para a realização da proposta, tiveram a necessidade de conversar com os familiares e com as pessoas próximas, buscando nomes e referências de lugares por onde moraram ou passaram. Nesse contexto, como afirma Spolin (1978, p. 9), *“É importante que o professor se torne parceiro de jogo, não se preocupe em perder o controle. Permita que os jogos trabalhem por você. Quando os alunos descobrem que ‘fizeram por si mesmos’, o professor obteve sucesso.”*

### [PALAVRAS-CHAVE]

jogos teatrais; Viola Spolin; teatro na educação; pedagogia do teatro, artes na EJA; teatro na Educação de Jovens e Adultos.

### [BIBLIOGRAFIA]

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Texto e Jogo - Uma didática Brechtiana**. São Paulo: FAPESP/Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **Jogos Teatrais**. SP: Perspectiva, 1984.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978. Instituto Kuanza, 2007.

AMANDA SILVA DE  
PAULA <sup>130</sup>

## NA RODA DOS DIREITOS: CORPOS FEMININOS ENTRE A GINGA PELO DIREITO DE EXISTIR E A CULTURA MACHISTA

<sup>130</sup> Universidade de São  
Paulo - USP/PPGHDL

Mulher cis, Preta  
e Periférica, sou  
Capoeirista há dezessete  
anos, Pedagoga antes  
mesmo da titulação,  
Artesã e co-criadora do  
Kmt Artes, Recriadora  
Cultural pois brincar  
também é um ato  
Político e Mestranda em  
Humanidades, Direitos  
e Outras Legitimidades  
- DIVERSITAS. ORCID:  
0000-0002-2034-1254.

amanda.paula@usp.br

### [RESUMO]

A partir da perspectiva de Gênero, a presente pesquisa reflete sobre a presença dos corpos femininos – ora denominados “objetos”, ora autodenominados “políticos” – dentro do espaço social da Capoeira. Esta, por sua vez, enquanto arte de manifestação Cultural de Matriz Africana, carrega em seu seio saberes e vivências ancestrais, mas também constitui um espaço-território que intersecciona com a sociedade e, portanto, é afetado por todo e qualquer problema social. Nesse sentido, esse território estruturalmente afetado é capaz de gerar vivências, sobrevivências e, principalmente, violências. Logo, a partir da dualidade entre opressão *versus* resistência, a pesquisa busca compreender quais são os tentáculos sociais que, ainda hoje, atravessam e se enraízam na Capoeira, invisibilizando a presença feminina. Além disso, o objetivo é pensar como esses mesmos corpos femininos driblaram e driblam sua permanência no espaço social da Capoeira. A metodologia teórico-conceitual envolve a exploração de textos e materiais bibliográficos, documentais e audiovisuais, e a intenção é analisá-los para melhor compreender os diferentes fenômenos, conceitos, práticas e vivências relacionados à temática do trabalho. Para tanto, a abordagem teórica se baseia nas escritas de Beatriz Nascimento (2021), Sueli Carneiro (2005), Paula Foltran (2019), Grada Kilomba (2019), Rosângela Araújo (2017), Lélia Gonzalez (2020) e bell hooks (2019).

### [PALAVRAS-CHAVE]

capoeira; corpos femininos; corpo-objeto; corpo-político; ginga.

### [BIBLIOGRAFIA]

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Ginga: uma epistemologia feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women Congress** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017. ISSN 2179-510X

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOLTRAN, Paula Juliana. **Mulheres Incorrigíveis: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920)**. 2019. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2020.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. tradução de Cátia B. Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



# EIXO 03 - FEMINISMOS, TEORIAS E PRÁTICAS



SIMONE CRISTINA  
GARCIA<sup>131</sup>  
IGOR SIMÕES<sup>124</sup>

## KUKULI VELARDE ENTRE O FEMININO E FEMINISMO DAS SUAS (RE)CONSTRUÇÕES NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DA ANCESTRALIDADE ANDINA

<sup>131</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Artes (IA)

Arte educadora e coordenadora de polo UAB/UnICEU pela Prefeitura de São Paulo, é doutoranda em Artes pelo IA – Unesp da cidade de São Paulo, mestra em Artes pela mesma instituição e especialista em Linguagens das Artes pela ECA – USP.

simone.garcia@unesp.br

### [RESUMO]

O texto faz parte da tese em andamento sobre a poética do barro e suas interfaces artísticas na contemporaneidade. Dentre as artistas que a integram está a peruana Kukuli Velarde (Cuzco, 1962-) que debruça sobre a sua ancestralidade, identidade e feminismo. Suas obras falam sobre o corpo feminino e sua representação social & histórica, além de abordar o domínio e a hegemonia europeia na América Latina que abafaram e castraram as culturas dos povos ameríndios e das mulheres latinas.

Suas obras não são apenas autobiográficas, elas narram a história dos seus ancestrais e do Peru. Através de uma linguagem *ácida*, a autora se comunica com o espectador que, por sua vez, se identifica com o tema de imediato. Velarde também se apropria do imaginário pré-colombiano andino, (re)visitando e (re)construindo temas contemporâneos feministas. Por fim, utiliza o próprio corpo para simbolizar as questões feministas, como a violência de gênero e o conceito da mulher ideal sob os olhos de uma sociedade patriarcal e católica. Nesse sentido, sua obra é um expor-se de dentro para fora, um virar-se do avesso, um despir-se para se desconstruir. (ALMEIDA, 2018, p. 101).

### [PALAVRAS-CHAVE]

Kukuli Velarde; cerâmica; feminismo; ancestralidade andina; arte contemporânea.

### [BIBLIOGRAFIA]

ALMEIDA, Flavia Leme de. **Desvios do Barro: Raízes Culturais, Feminismo e Rituais nas poéticas de Mulheres Artistas**. Tese de doutorado do Instituto de Artes da Universidade Estadual Júlio de Mesquita - UNESP. São Paulo, 2018. Orientadora: Profª Drª GERALDA M. F. S. DALGLISH (Lalada), p. 102-108.

DOMINGUES, José Maurício. O nacionalismo nas Américas do Sul e Central. In: **Aproximações à América Latina – Desafios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 111.

GIUNTA, Andrea. **Contra el Canon: el arte contemporáneo en un mundo sin centro**. (Arte y pensamiento) (Spanish Edition). Siglo XXI Editores. Edição do Kindle, 2020.

VELARDE, Kukuli. **Kukuli Velarde**. Disponível em <<http://www.kukulivelarde.com>>. Acesso em: 1 ago. de 2020.

LUZIA GOMES  
FERREIRA<sup>132</sup>  
JOMARA FERREIRA  
CHAVES SANTOS<sup>133</sup>

## AS ARTES LITERÁRIAS DE MULHERES NEGRAS CONSTRUINDO AFROMEMÓRIAS

<sup>132</sup> Universidade Federal do Pará - UFPA

Baiana do Recôncavo, radicada em Belém do Pará desde 2009; Poeta; Feminista Negra; Professora do Curso de Bacharelado em Museologia, na Faculdade de Artes Visuais (FAV), no Instituto de Ciências da Arte (ICA), UFPA.

luziagomes@ufpa.br

<sup>133</sup> Universidade Federal do Pará - UFPA

Paraense; Graduanda do Curso de Bacharelado em Museologia (FAV/ICA/UFPA); bolsista de Iniciação Científica/PIBIC-Ações Afirmativas/UFPA.

jomaramuseo@gmail.com

### [RESUMO]

O Projeto de Pesquisa “Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos Para as Literaturas de Mulheres Negras”, coordenado pela Prof.ª Dr.ª Luzia Gomes Ferreira no curso de Bacharelado em Museologia da UFPA, objetiva construir um diálogo simétrico entre as Artes Literárias de Mulheres Negras, a Museologia e os Feminismos Negros. Considerar as prosas de escritoras negras e suas escritas como criação de conhecimentos é uma ação política para romper com os padrões epistemológicos eurocêntricos, brancocentros e falocêntricos, por vezes, ainda impostos pela academia. Trata-se também de um chamamento para olharmos criticamente a forma como as corpos negros são tratadas e representadas nos museus brasileiros. Para além do racismo e do sexismo que atravessam as vidas de mulheres negras, destituindo-nos de humanidade e intelectualidade, ao lermos autoras como Alice Walker, Toni Morrison e Eliana Alves Cruz, por exemplo, entendemos que as nossas existências no mundo não podem e nem devem ser reduzidas às imagens de controle criadas pelo sistema racista e sexista. Podemos e temos o direito de plantar os nossos jardins com sementes de amor para florescer pétalas de poesia na intersecção dos afetos. Nesse sentido, a Metodologia utilizada segue os princípios da interseccionalidade. De forma científica e artística, um dos resultados parciais obtidos nessa pesquisa é a apresentação das possibilidades de narrativa das afromemórias diaspóricas a partir dos olhares das mulheres negras, recuperando simbolicamente a humanidade das pessoas africanas que foram escravizadas. Assim, os resultados também viabilizam a nós, pessoas negras do presente, imaginar mundos possíveis nos quais o racismo e o sexismo sejam erradicados.

### [PALAVRAS-CHAVE]

artes literárias de mulheres negras; feminismos negros; museologia.

### [BIBLIOGRAFIA]

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feministas, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista**. Tradução de Stephanie Borges. 1ª.ed. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo. 2021.

MARJORIE NOGUEIRA  
CHAVES<sup>134</sup>

## UMA REVOLUCIONÁRIA AMOROSA: A CONTRIBUIÇÃO INTELECTUAL DE BELL HOOKS À TEORIA FEMINISTA

<sup>134</sup> Ativista feminista negra, historiadora e educadora popular em saúde. É doutoranda em Política Social e mestra em História pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Ceam-UnB). É professora na Plataforma Feminismos Plurais.

pensadoranegra@gmail.com

### [RESUMO]

O desaparecimento da intelectual negra bell hooks em dezembro de 2021 significou perda inestimável para a produção teórica feminista, porém, seu legado permanece vivo como proposta revolucionária de superação das estruturas patriarcal, racista e capitalista. Suas obras discutem a intersecção entre raça, gênero, classe social e as diversas formas de opressão em abordagens que envolvem crítica cultural, produção da memória e teorias pedagógicas. Além disso, teoriza sobre o amor enquanto categoria que possui dimensão política. Nos últimos anos, sua produção ganhou maior visibilidade no país com a tradução de várias de suas obras, incluindo publicações fundamentais (HOOKS, 2019a); (HOOKS, 2019c); (HOOKS, 2019d); (HOOKS, 2019b). O objetivo da pesquisa é apresentar uma análise da obra de bell hooks e suas contribuições no campo dos estudos feministas. Partimos da análise qualitativa realizada desde os aportes metodológicos da pesquisa ativista, uma vez que o conhecimento científico não é neutro, portanto, não nega o envolvimento da pesquisadora com aquilo que pesquisa. Com uma escrita pulsante e linguagem acessível, bell hooks apresenta sua teoria crítica feminista, expondo os limites que o racismo impõe à solidariedade entre mulheres. Como resultado deste trabalho, consideramos bell hooks como umas das principais referências da epistemologia feminista negra, pois a autora propõe uma revolução social idealizada por mulheres negras que não admite qualquer tipo de opressão e que rejeita reformas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

bell hooks; feminismos; gênero; raça; interseccionalidade.

### [BIBLIOGRAFIA]

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. 1.ed. São Paulo: Elefante, 2019b.

\_\_\_\_\_. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019c.

\_\_\_\_\_. **Teoria feminista: da margem ao centro**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019d.

LICIANE KETTY DA  
SILVA BRAZ<sup>135</sup>

## MULHERES TRANSGRESSORAS: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DAS ARTES VISUAIS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL E FEMINISTA

<sup>135</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Mestranda no Programa de Pós-Graduação na área de Ensino de Artes pelo Prof-Artes na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Professora de Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Ensino de Elias Fausto - SP.

liciane.ketty@unesp.br

### [RESUMO]

A presente pesquisa propõe uma abordagem teórico-metodológica do ensino das Artes Visuais sob uma perspectiva intercultural aplicada à estética do cotidiano e ao artesanato, a partir de um recorte feminista, com estudantes do Ensino Fundamental II. Ao longo de minha trajetória como arte-educadora, observei que as(os) estudantes sentem necessidade de debater temas sensíveis, como questões de gênero e temas étnicos e raciais. Ao mesmo tempo, nota-se a reprodução de comportamentos derivados da lógica patriarcal em que estamos inseridos. Tais observações indicaram a necessidade de abordar a temática da estética feminina em relação às questões de igualdade de gênero e interculturalidade, uma vez que o enfoque dado aos conceitos modernistas de arte exclui todas as artes chamadas "menores", impossibilitando o desenvolvimento de um trabalho intercultural em arte (RICHTER, 2000). Portanto, aproximar a estética do cotidiano ao ensino das Artes Visuais na educação básica corrobora a ampliação dos conceitos de arte, de um sentido excludente às práticas empíricas vinculadas à realidade das(os) educandas(os), aproximando-se de um sentido amplo de experiência estética (DEWEY, 2010). Entende-se que inserir o diálogo sobre interculturalidade no ensino das Artes – com ênfase nas questões de gênero e étnico-raciais, e na valorização da arte e do artesanato produzido por mulheres – pode contribuir para uma maior visibilidade da produção das mulheres artistas em diferentes tempos e culturas. Assim, combater o patriarcado e o pensamento colonialista é um dos princípios que norteiam essa proposta.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte e educação; mulheres artistas; feminismos; interculturalidade.

### [BIBLIOGRAFIA]

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória. **Mulheres não devem ficar em silêncio**. São Paulo: Cortez, 2019.

DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 109-141.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. 2000. 248p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2000.

ROSSANA PIRES<sup>136</sup>  
SANDRO OURIQUES  
CARDOSO<sup>137</sup>

## NA RUA NOSSAS LUTAS SE ENCONTRAM: FEMINISMOS NOS LAMBES PRODUZIDOS POR MULHERES

<sup>136</sup> Universidade de São Paulo - USP

Mestranda em Estudos Culturais (EACH/ USP) e discente na especialização lato sensu em Práticas Curatoriais (PPGAV/UFRGS). Pesquisadora e produtora cultural com interesse em intervenção urbana e artes feministas.

piresross@gmail.com

<sup>137</sup> Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Sandro Ka: artista visual, professor e pesquisador. Doutor e mestre em Artes Visuais (PPGAV/ UFRGS). Professor Adjunto de Artes Visuais (EBA/ UFMG).

ka.sandro@gmail.com

### [RESUMO]

O trabalho apresenta-se como um convite para uma caminhada pelos bairros Centro Histórico e Cidade Baixa em Porto Alegre/RS, a partir da cartografia constituída em uma investigação de lambes criados por mulheres. A abordagem visa à curadoria ativista (REILLY, 2018) no que tange à visibilidade de pautas e produções que são sistematicamente excluídas, apresentando dois elementos que operam à margem do sistema social e do sistema da arte: os feminismos e o lambe. Busca-se investigar, portanto, as práticas produzidas na arte urbana que rompem com o projeto de opressão sobre quem pode falar e quais saberes são considerados saberes na estrutura branca cisheteropatriarcal. A partir de registros fotográficos e da elaboração de um diário de bordo, o relato cartográfico abrange o encontro com os lambes do *Coletivo Filhas da Diáspora Negra*, do *Coletivo Mulherio Urbano* e da artista *Tina Perrone*. Os discursos desses dispositivos e suas reflexões dialogam com as teorias absorvidas nas leituras de produções também realizadas por mulheres como hooks (2018) e Ribeiro (2019) sobre feminismos, e Pallamin (2000) sobre arte urbana. A velocidade com que os painéis se modificam é um ponto de tensão sobre os apagamentos de um dispositivo de caráter efêmero que é, também, uma ferramenta de memória social (PALLAMIN, 2000). Ao terem determinadas palavras arrancadas ou serem arrancados por inteiro, os lambes demonstram, na prática, a disputa de poder vigente no campo simbólico, social, econômico, cultural, político.

### [PALAVRAS-CHAVE]

lambe-lambe; feminismos; artes feministas; arte urbana; construção social.

### [BIBLIOGRAFIA]

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. São Paulo: Editora Record, 2018.

PALLAMIN, Vera M. *Arte urbana; São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo: Fapesp, 2000.

REILLY, Maura. *Curatorial Activism: Towards an ethics of curating*. London: Thames & Hudson Ltd, 2018.

RIBEIRO, Djamilá. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

MIRIANE BORGES  
VALLE<sup>138</sup>

## PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CHORO PAULISTANO

<sup>138</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Instituto de Artes - IA

Mestranda em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP e Licenciada em Música pela mesma instituição.

miriane.borges@unesp.br

### [RESUMO]

O choro é um gênero musical urbano oriundo da mistura entre ritmos europeus, como a polca, com os de origem afro-brasileira, como o maxixe. Seus primeiros registros ocorreram no Rio de Janeiro no fim do século XIX e, nesse sentido, Diniz (2003) ressalta que, nos primórdios, além de pequenos grupos e da prática pianística de Choro, foram formadas bandas, das quais a Banda do Corpo de Bombeiros é uma das principais representantes. Contudo, essas instituições eram exclusivamente masculinas, assim como os grupos musicais documentados.

Na contemporaneidade, é perceptível que as rodas de Choro na cidade de São Paulo são formadas majoritariamente por homens. As poucas mulheres que participam podem ser vistas no canto e na flauta, embora exista um aumento na participação feminina em outros instrumentos, como cavaquinho e pandeiro. Todavia, estas instrumentistas declaram que ainda é difícil entrar numa roda de choro, e que muitas são levadas por amigos homens que já tocam em determinado círculo e, assim, as introduzem no grupo. Em outras palavras, sem essa mediação, o processo para integrar a roda é mais complexo. Esta pesquisa tem por objetivo registrar quem são as atuais pandeiristas de Choro na cidade de São Paulo e se elas sentem que há discriminação de gênero. Como objetivos específicos, busca-se investigar a história das mulheres no Choro desde sua criação até os tempos atuais e, por fim, o cenário profissional para essas mulheres.

### [PALAVRAS-CHAVE]

mulheres pandeiristas; choro; equiparação de gênero.

### [BIBLIOGRAFIA]

CARVALHO, Dalila Vasconcellos de. *O Gênero da Música: A Construção Social da Vocação*. São Paulo, Alameda, 2012.

DINIZ, André. *Almanaque do Choro - A história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro: Reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro: MEC, 1978.

VERMES, Mônica. As mulheres na cena musical do Rio de Janeiro da Belle Époque: práticas e representações In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (Orgs.) *Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas*. Goiânia; Porto Alegre: Anppom, 2013. pp. 280-301.

VANESSA PORFIRIO<sup>139</sup>  
ANA ELISA DE  
CASTRO FREITAS<sup>140</sup>

## BORDADOS DA RESISTÊNCIA: PARÁFRASES DE MALHAS E NÓS

<sup>139</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR

Graduada em Licenciatura em Artes pela UFPR (2021). Possui especialização em Gênero e Sexualidade e Educação em Direitos Humanos. Educadora infantil.

vanessa.porfirio@hotmail.com

<sup>140</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR

Arte Educadora e fundadora do Instituto Esperança Garcia que, por sua vez, fomenta atividades com foco em Educação, Arte e Cultura na Comunidade Estância Jaraguá.

anaelisa@ufpr.br

### [RESUMO]

Bordamos para resistir. Traçamos linhas inspiradas nas arpilleras, que encontraram no bordado potência para vozes silenciadas. Ao sermos perfuradas pela força feminina que emana das agulhas, sentimos a necessidade de unir nossas próprias tramas. Criamos este projeto que carinhosa e provocativamente foi desenvolvido no litoral do Paraná, tendo como centro de encontro o campus da Universidade Federal do Paraná – setor litoral, localizada em Matinhos. Nesse emaranhado de fios, iniciado em 2017, criamos oficinas, clubes de bordados e intervenções artísticas. Assim, recorremos ao trabalho das arpilleras, de Violeta Parra, de Rosana Paulino, Eliza Bennet, Paula Simioni (2010) e Tim Ingold (2007), e espalhamos bordados pelas cidades. Fomos acolhidas e censuradas. Construimos nossa narrativa teórica correlacionando-a com manifestações ocorridas pelo Brasil no mesmo período, como as bordadeiras das barragens e a exposição “Queermuseu”. Refletimos sobre o impacto do bordado como objeto de Arte Política. Por fim, encerramos o trabalho com a consciência de que o traçar das linhas que denunciam não se finda com o término de nossa escrita.

### [PALAVRAS-CHAVE]

bordados; feminino; arte política; poéticas de denúncia.

### [BIBLIOGRAFIA]

FREITAS, Ana Elisa de Castro. Sessão Temática Arte-Palavra Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, jan/jul, 2018.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

SIMIONI, Ana Paula. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyán. *Proa – Revista de Antropologia e Arte* [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010.



# EIXO 04 - CORPAS, GÊNEROS E SEXUALIDADES



T. ANGEL<sup>141</sup>

## RISCOS, RABISCOS, VOLTAS E REVOLTAS: PEQUENO DIÁRIO DE UMA PROFESSORA MONSTRA

<sup>141</sup> Universidade de São Paulo - USP

Mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP. Artista da performance, historiadora com especialização em Educação Inclusiva e MBA em Gestão Escolar. Coordenadora pedagógica na rede estadual de São Paulo.

tangel@usp.br

### [RESUMO]

Vamos iniciar uma conversa honesta que não se acabará aqui. Que vai se transformar em outras coisas. Que não vai se esgotar. Que não se pretende esgotar. Jogos de riscar, rabiscar... Voltar. Esse é o pequeno diário de uma professora monstra que tem, há um tempo, articulado aquilo que se chamou de *Pedagogia do Esquisito*.

*Pedagogia do esquisito* é o que tenho vivido no campo da educação formal e não formal e o que pretendo pesquisar no mestrado. Monstrado. Trata-se de uma deformação da hegemonia e de uma desformação da normatividade compulsória. Considera, ainda, a emergência de corpos dissidentes e subalternos na ocupação de lugares que, historicamente, não eram possíveis, como o da educação. Assim, busca proporcionar saberes diferentes, outros sabores e, com isso, a formulação de uma pedagogia pós-abissal & criadora de rupturas em sistemas de silenciamento. *A Pedagogia do Esquisito* está debruçada no *Manifesto Freak* (2015) e, indissociavelmente, conectada com os movimentos e as lutas que atuam no combate da injustiça social.

### [PALAVRAS-CHAVE]

transgressão; terrorismo; dissidência; docência; discência.

### [BIBLIOGRAFIA]

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MOMBAÇA, Jota. (2015). Pode um cu mestiço falar? Monstrx Erratik. *Medium*. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 03 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: 2ed. N-1 Edições, 2017.

\_\_\_\_\_. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LETÍCIA MENEZES (FLOR DE LIZ)<sup>143</sup>  
PEDRO ABIB (ORIENTADOR)<sup>144</sup>

<sup>143</sup> Universidade Federal da Bahia - UFBA

Filha de Márcia e Wilson; Mestranda em Educação (PPGE/UFBA); Bacharela Interdisciplinar em Humanidades e Estudante de Pedagogia (UFBA). Aquilombada na Associação de Capoeira Angola Navio Negroiro (ACANNE). Integrante dos Grupos de pesquisa GRIÔ (FACED/UFBA) e GIRA (DANÇA/UFBA).

leticia.menezes979@gmail.com

<sup>144</sup> Universidade Federal da Bahia - UFBA

Pós-Doutor em Estudos Lusófonos pela Universidade Nanterre La Defense-Paris X (2014) e Pós-Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa (2009). Doutor em Ciências Sociais aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

pedrabib@gmail.com

## ESSE QUILOMBO É NOSSO: A MEMÓRIA ANCESTRAL NO CORPO DE MULHERES NEGRAS NA CAPOEIRA ANGOLA

### [RESUMO]

Esta é uma breve mandinga da dissertação em andamento que versa sobre a compreensão de processos educativos oriundos de corpos de mulheres negras angoleiras. Assim, integram a gíngua discursiva Abib (2005), Araújo (2015), Akotirene (2018), Bâ (1980), Freire (1987), Oliveira (2008), Nogueira (2014) e Sodré (2014). Através das narrativas da corporalidade de mulheres negras, objetiva-se investigar as reverberações das memórias ancestrais por meio da capoeira angola e de que forma tais saberes resultam em práticas educativas. A pesquisa-ação (MACEDO, 2009) foi selecionada, pois consideramos a pesquisa qualitativa participante como o melhor processo metodológico para este trabalho. Por meio da ação empírica, espera-se construir um estudo que demonstre que espaços produtores de educação – ainda que a não formal – fortalecem as identidades culturais dessas mulheres angoleiras negras e suas comunidades.

### [PALAVRAS-CHAVE]

mulher negra; capoeira angola; educação não formal.

### [BIBLIOGRAFIA]

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas: UNICAMP/CMU; Salvador: Edufba, 2005.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2018.

ARAÚJO, Rosângela Costa. *É preta, kalunga: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90*; Ilustração André Flauzino. – Rio de Janeiro: MC& – (Coleção Capoeira Viva.2), 2015.

B , Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: ISKANDER, Z. (Org.) *História Geral da África. Vol. 1*. São Paulo: Ática, Unesco, 1980. p. 181-218.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feministas, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, RS.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. *Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 75-126.

NOGUEIRA, Renato. *Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós- graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

WALKER, Alice. *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista*. Tradução de Stephanie Borges. 1ª.ed. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo. 2021.

ALINE VASCONCELOS  
BARRETO<sup>145</sup>

## O TEATRO DO OPRIMIDO E A PERFORMANCE COMO BASES PARA A DISCUSSÃO SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM SALA DE AULA: PROCESSOS CRIATIVOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE UMA ESCOLA MILITAR EM MANAUS/AM

<sup>145</sup> Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Mestranda em Ensino de Artes pelo Prof-Artes (UDESC/UFAM/UEA). Possui graduação em Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e atua como professora de Artes do Ensino Fundamental II e Médio na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC).

aline.barreto@seducam.pro.br

### [RESUMO]

Esta pesquisa aborda o Teatro do Oprimido e a Performance para trabalhar questões de combate à violência de gênero em sala de aula e, a partir disso, realizar processos criativos-reflexivos com estudantes de uma escola militar em Manaus. O ambiente em que a pesquisa se situa torna necessária a criação de estratégias para pensar a opressão, o gênero e a sexualidade sem confrontar o sistema opressor muitas vezes imposto pela própria escola impõe. Dessa forma, o intuito é desmecanizar corpos que são instruídos a serem iguais. A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa é a autoetnografia, e os instrumentos para coletas de dados constituem-se em cadernos de campo, diários de bordo, escritas criativas dos estudantes e da própria pesquisadora. No que tange o quadro teórico, destacam-se Augusto Boal, Guacira Lopes Louro, Michel Foucault e Debora Frota Chagas. Esta última também trabalha com Teatro numa escola militar no Ceará e, sendo assim, auxilia na percepção de que não estou sozinha e de que é possível ser presença transformadora em espaços opressores. Os resultados devem ser apresentados no *Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação*, a saber: os registros dos encontros realizados com os estudantes até o presente momento e os primeiros passos das criações artísticas que serão desenvolvidas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

teatro do oprimido; performance; gênero; processo criativo.

### [BIBLIOGRAFIA]

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido: reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CHAGAS, Debora Frota; LEITE, Raimundo Hélio. Arte educação em escolas de educação militar: poéticas de criação a partir da resistência e da desobediência. In: *Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil*. 26. 14-18 nov. 2016, Roraima (RR). Anais. Roraima (RR): UFFR, 2016. p. 195-205.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Imagens do espaço da arte na escola: um olhar feminino*. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 37-46, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RAUL FELIPE SILVA  
RODRIGUES<sup>146</sup>  
VALÉRIA APARECIDA  
BARI<sup>147</sup>

## ORIXÁS DO ORUM AO AYÊ: REPRESENTAÇÕES INTERSECCIONAIS NO QUADRINHO ESCOLAR

<sup>146</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Doutorando do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe - UFS.

rauldolago1@gmail.com

<sup>147</sup> Universidade Federal de Sergipe

Doutora em Ciência da Informação pela ECA/USP (2008); Mestre em Comunicação pela ECA/USP (2002); Docente do Magistério Superior Federal na UFS (2009); Líder do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa - GRUPO PLENA/UFS; Editora Científica da Revista Cajueiro do SEER/UFS.

valbari@gmail.com

### [RESUMO]

Adotada pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE (2013), Orixás: do Orum ao Ayê (MIR; MAJADO; VIÑOLE, 2011) compõe o inventário dos quadrinhos escolares (RODRIGUES, 2021). Trata-se de uma obra de arte sequencial gráfica (EISNER, 1995) que conta a história da criação do universo, da terra e das pessoas a partir das mitologias de matrizes africanas. Dito isto, o objetivo deste trabalho consiste em investigar como se dá a representação híbrida – texto e imagens – da mitologia de matriz africana nesse quadrinho escolar. Para tanto, a fundamentação teórico-metodológica adotada é inspirada nos Estudos Culturais (GIROUX, 1995). A fim de compreender as Histórias em Quadrinhos – HQs – não só como um recurso pedagógico, mas sim como um artefato cultural (DU GAY, 1997) que participa na construção de sujeitos. Nesse sentido, vale a pena destacar uma característica importante da HQ que a diferencia de muitas publicações quadrinísticas: todas as/os personagens são negras/os. Logo, temos na representação das corpas de Orixás, a emergência da interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). Visto que a forma de representação das personagens se assemelha a um certo tipo de publicações de histórias em quadrinhos *mainstream* norte-americanas. Onde há nos desenhos a hipertrofia muscular associada a masculinidade e a hipersexualização das curvas vinculada a feminilidade. Por fim, cabe ressaltar que a forma *mainstream* possui um forte impacto, especialmente, no público infanto-juvenil. Não é à toa que a própria HQ Orixás se tornou um título com várias publicações. Contudo, no caso institucional do quadrinho escolar deve-se destacar a importância da mediação desse artefato cultural amparada por outras leituras para a aproximação das temáticas, compreensão do tipo de publicação e celebração das mitologias de matrizes africanas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

quadrinhos escolares; orixás; corpas; interseccionalidade.

### [BIBLIOGRAFIA]

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Vol. 1989: Iss. 1, Article 8.

DU GAY, P. et al. *Doing Cultural Studies: The story of the Sony Walkman*. London, Sage, 1997.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MIR, Alex; MAJADO, Caio; VIÑOLE, Omar. *Orixás: do Orum ao Ayê*. São Paulo: Marco Zero, 2011.

GLÁUCIA GUSMÃO  
LUZ<sup>148</sup>

## (V)ENTRE: PRODUÇÃO ARTÍSTICA E EDUCACIONAL SOBRE CORPOS COM VULVAS

<sup>148</sup> Belas Artes

Especialista em História da Arte pela Belas Artes (2019), graduada em Design Gráfico pela UNIP (2010). Artista e ilustradora, tem como linha de pesquisa temas como imagem, corpos e meio ambiente.

gauluzilustra@gmail.com

### [RESUMO]

O objetivo deste trabalho é fazer uma breve análise do livro *(V)entre* (2021), no qual abordo questões de gênero e sexualidade por meio de uma linguagem artística & educacional, abrangendo múltiplas formas de interpretações. Sendo assim, a metodologia da análise será teórica e semiótica.

*(V)entre* é uma obra ilustrada desenvolvida a partir de três pilares: autoconhecimento, saúde e bem-estar. O nome surge a partir de uma brincadeira tipográfica, que convida a pensar sobre corpos com vulvas. Além do título, a capa contém as palavras Vag[*in*]a e Vulgarva. A primeira apresenta o termo *in* (dentro), mas também forma a palavra *vaga*, sugerindo um corpo disponível ao outro e, portanto, ressaltando a violência de gênero. A segunda palavra apaga o termo *vulgar* e apresenta o termo *vulva*, reivindicando o corpo através de autoconhecimento, autocuidado e modos antipatriarcais de autonomia. Embora a produção seja majoritariamente imagética e figurativa, os textos complementam as imagens, trazendo informações consideradas importantes, tais como nomes biológicos, hormonais, métodos contraceptivos, ciclos menstruais, dentre outros temas abordados na produção. Através da produção artística, sugere-se a interconexão em arte, saúde, educação e sexualidade. Nesse sentido, Laurentiis (2021) indica que a imagem potencializadora das mulheres e a confrontação de identidades sexualmente diferenciadas se desenvolvem a partir do momento em que os corpos percebem-se politicamente. Dessa forma, é possível identificar essas produções como modos feministas de cria e inferir que o corpo é um território passível de apropriação poética, educativa, feminista e política.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte e gênero; sexualidade; livro ilustrado; análise semiótica.

### [BIBLIOGRAFIA]

LAURENTIIS, Gabriela. **Louise Bourgeois e modos feministas de criar**. São Paulo: Sobinfluência edições, 2021.

LUZ, Gau. **(V)entre**. São Paulo: Publicação independente, 2021.

M. SC. WILLIAM  
ROSLINDO  
PARANHOS<sup>149</sup>  
DRA. CLÁUDIA  
MADRUGA CUNHA<sup>150</sup>

## “(IN)DEFINA-SE!”: UMA CORPA EM FUGA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

<sup>149</sup> Laboratório Afrodite (CNPq) / Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Pessoa em fluidez de gênero, subversiva e desconstrutora. Mestre em engenharia e gestão do conhecimento e especialista em estudos de gênero e diversidade na escola, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora dos grupos Afrodite e CoMovl (UFSC/CNPq).

williamrosлиндoparanhos@gmail.com

<sup>150</sup> Universidade Federal do Paraná - UFPR

Professora da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Artes, Comunicação e Design, mais especificamente do Curso Bacharelado em Produção Cultural e da Linha “Linguagem, Corpo e Estética”, do PPGE da UFPR. Coordena o Grupo Rizoma: Laboratório de Pesquisa em Filosofia da Diferença e Arte e Educação.

cmadrugacunha@gmail.com

### [RESUMO]

A mudança de perspectiva da questão “quem sou eu?” para o debate do “onde estou?” ou “o que me constitui como humano quando me percebo docente?” trata das percepções de mundo que nos atravessam e manifestam sentido, percepções que narram as experiências de uma corpa que ensina ousando um convite a fugir. O objetivo é escapar das representações culturalmente e socialmente impostas, ou seja, de tudo que não faz aliança com um lugar humano problematizador e potencializador dos modos múltiplos de existir, dos que não ignoram as armadilhas do gênero e de outros agenciamentos que participam da escolarização (BUTLER, 2018). Por meio de uma metodologia autoreferente (CUNHA, 2011), tratamos das armadilhas que nos rondam nos ambientes de ensino, espaços institucionalizados de controle do agir profissional, e nos diferentes aparelhos do estado, lugares nos quais a corpa se vê maquinada. Para não se cristalizar obediente às demandas, a corpa dissidente aborda a corpa em fuga, acolhida pelas epistemologias insurgentes e marginais (LOURO, 2004) e enfrenta as corpas pares que demandam um defina-se(!). Nesse movimento, a corpa dissidente rasga mundos nos limiares do “entre” (DELEUZE; GUATTARI, 1995) ao propor uma pedagogia às margens da representação, algo que faça do ensino um lugar de se reconhecer processos abertos de construção de si e de subjetividades trans corpos em fuga.

### [PALAVRAS-CHAVE]

corpa docente; fuga; autocartografia.

### [BIBLIOGRAFIA]

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CUNHA, Cláudia Madruga. **Filosofia-rizoma – metamorfoses do pensar**. Curitiba: CRV, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de A. Guerra Neto e C. P. Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

LOURO, Guacira Lopes. **A necessidade da subversão: a teoria queer na educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

DOLLY TRINDADE  
DE ARAÚJO <sup>151</sup>  
MADU MACHADO <sup>152</sup>  
RICARDO CARVALHO  
DE FIGUEIREDO <sup>153</sup>

## TEATRE: ESPAÇO DE CRIAÇÃO, (RE)EXISTÊNCIA E AFETO

<sup>151</sup> Universidade Federal  
de Minas Gerais - UFMG

Travesti e estudante  
do curso de Teatro da  
Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal de  
Minas Gerais. Foi bolsista  
de extensão do projeto  
TEATRE.

davidolly@ufmg.br

<sup>152</sup> Universidade Federal  
de Minas Gerais - UFMG

Travesti e estudante  
do curso de Teatro da  
Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal de  
Minas Gerais. Foi bolsista  
de extensão do projeto  
TEATRE.

madumachadotrampo@  
gmail.com

<sup>153</sup> Universidade Federal  
de Minas Gerais - UFMG

Professor do curso de  
graduação em Teatro e  
do Programa de Pós-  
Graduação em Artes  
da Escola de Belas  
Artes da Universidade  
Federal de Minas Gerais  
e coordenador do projeto  
TEATRE.

ricaredo.ufmg@gmail.com

### [RESUMO]

Esse trabalho é fruto do projeto de extensão *Teatre: processos criativos em Artes Cênicas*. Criamos um espaço formativo nas artes cênicas para que pessoas trans, cisgêneras e não-binárias interagissem entre si e pudessem conhecer os meandros do exercício teatral, criando uma cena autoral a partir de dados biográficos. Metodologicamente, o curso partiu de três eixos temáticos: (1) eu, (2) outre, (3) espaço. No Eixo 1 (eu), criou-se um espaço de confiança e segurança para que todes pudessem estar presentes em sua totalidade enquanto pessoa valorizada em suas singularidades e diferenças. Assim, desenvolvemos práticas corporais de (re)conhecimento do próprio corpo, cuidado de si e escrita sobre si. No Eixo 2 (outre) orientamos para a importância do trabalho coletivo com ênfase na criação em diálogo com o outre. No Eixo 3 (espaço) considerou-se o espaço público dos corpos trans e dissidentes na vida pública, intelectual, política e artística do país. Nesse último, a turma criou cenas teatrais que foram exibidas publicamente via YouTube e nas quais ressaltamos a diversidade de linguagens e temas das cenas. Com o intuito de ampliar o acesso da turma, artistas trans e travestis foram convidadas em cada eixo para que pudessem falar sobre os seus modos de criação, vida e (re)existência. Além de discutirmos política-social-culturalmente a invisibilidade de pessoas trans e travestis na produção acadêmica, a proposta tensionou o espaço da arte na academia ao romper com uma estética de traço colonial, cisgênero, heterossexual, machista e branco. Esperamos contribuir com a visibilidade da pessoa trans no meio acadêmico, artístico e profissional, além de aproximar ainda mais a universidade pública e gratuita de sujeitos trans.

### [PALAVRAS-CHAVE]

corpas; extensão; teatro; transgênero.

### [BIBLIOGRAFIA]

- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.
- BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 95-126, 2009.
- DIÉGUEZ, Ileana. Desmontagem cênica. **Rascunhos**. Uberlândia. V.1, n.1, jan-jun. 2014.

RODRIGO LOPES <sup>154</sup>

## REVELAR É UM MERGULHO RUMO À ESCURIDÃO DE PERFUME AVERMELHADO

<sup>154</sup> Universidade Estadual  
Paulista (UNESP)

Artista, arte/educador  
e designer. Álbuns de  
família, fotografias e  
outros fragmentos de  
tempo estão no coração  
do seu trabalho. Mestre  
em Artes e Educação  
(UNESP) na linha de  
pesquisa *Processos  
Artísticos, Experiências  
Educativas e Mediação  
Cultural* com bolsa  
CAPES-DS. Atualmente,  
coordena o LAC -  
Laboratório de Arte  
Contemporânea.

rodrigolopesco@gmail.com

### [RESUMO]

No Ocidente, a escrita foi historicamente privilegiada como local de memória, desconsiderando (ou ainda, contribuindo na deslegitimação de) outras formas de grafia e de inscrição de saberes, como a/o corpa/o (MARTINS, 2003). Nesse sentido, a racionalidade foi/tem sido um dos atributos mobilizados na legitimação de um certo tipo de conhecimento caracterizado pela busca de clareza, certeza, objetividade e verdade, empenho que reforça a separação entre mente e corpo, um dos pilares do projeto moderno-colonial. Questionar o domínio da escrita, a centralidade da visão e a linearização do tempo implica em experimentar formas de pesquisa que busquem romper com os pilares da modernidade, da colonialidade. Como mostrar objetos do cotidiano (como álbuns de fotos de família) de uma forma diferente da que estamos acostumados a olhar? Quando nos encontramos com as nossas memórias (nos álbuns) ainda faz sentido falar em “objetividade”? Como relacionar as práticas artísticas e educativas, seja na escrita ou em outras formas de grafia? Onde “começa” o(a/e) artista e “termina” o(a/e) pesquisador(a/e)? Ou onde “termina” o(a/e) arte/educador(a/e) e “começa” o(a/e) artista(a/e)? Ou ainda, é possível “ver”, com precisão, os limites que separam arte, pesquisa e ensino/aprendizagem? O que “fotografar” poderia nos dizer sobre “pesquisar”? “Revelar é um mergulho rumo à escuridão de perfume avermelhado” é um dos ensaios que compõe a pesquisa *Álbum de família na arte/educação: matéria de ficção* em desenvolvimento no Mestrado em Artes e Educação da UNESP. A partir de um conjunto de fotos mal reveladas, tento responder a essas perguntas elaborando uma cartografia da palavra “fixação”.

### [PALAVRAS-CHAVE]

álbum de família; fixação; arte/educação; pesquisa educacional baseada em arte; a/r/tografia.

### [BIBLIOGRAFIA]

- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- KOUTSOUKOS, Sandra. **Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX**. 2010. 1. ed. 2ª reimpressão: Campinas: Editoria da UNICAMP, 2021.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras (Santa Maria)**. Santa Maria, v. 25, p. 55-71, 2003.
- VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (Orgs.). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, p. 249-270, 2016.



**EIXO 05 -  
O “CHÃO DE ESCOLA” -  
PEDAGOGIAS NÃO LINEARES E  
GRAFIAS ANTIRRACISTAS**



MARCOS ROBERTO  
DA SILVA  
DO CARMO<sup>155</sup>

## ARTE E EDUCAÇÃO NAS NECRÓPOLES PAULISTANAS: HOJE A AULA É NO CEMITÉRIO

<sup>155</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Instituto de Artes - IA

Doutorando em Artes Visuais pela Unesp; Mestre em Ciência Humanas pela UNISA; Licenciatura em História e Pedagogia; Professor de história na Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo; Pesquisador da Arte Tumular nas necrópoles paulistana.

marcos.rs.carmo@unesp.br

### [RESUMO]

Esta comunicação indica os percursos iniciais de um doutorado que tem se desenvolvido no Instituto de Artes da UNESP. Por meio de aulas realizadas para além dos muros da escola, o objetivo é experienciar e articular os elementos artísticos, culturais e sociais presentes na Arte Tumular dos Cemitérios paulistanos. Tais vivências buscarão a reflexão e a problematização de objetos, imagens, discursos, textos, corpos, sons, gestos e tecnologias de comunicação, percebidos, analisados e entendidos como códigos culturais que precisam ser lidos, questionados e transformados. Nesse sentido, a metodologia envolve a pesquisa-ação associada ao modelo de análise pedagógica e simbólica, conforme elencado no referencial bibliográfico. A presente comunicação vislumbra apresentar que ao proporcionar a expansão da aula, a escola pública apresenta às alunas e aos alunos possibilidades reais de melhorias no processo de ensino e aprendizagem. Por fim, o objetivo da pesquisa abarca o percurso formativo do educador e dos educandos em um período de 3 anos (7<sup>a</sup> ao 9<sup>o</sup> ano) na EMEF. Mal. Mascarenhas de Moraes. Por meio das aulas estendidas aos cemitérios paulistanos, busca-se expressar que, atrelados à arte (onde quer que ela esteja), conhecimento e saber são atos de sabor e prazer, essências de uma educação emancipadora e autônoma.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte educação; arte tumular; arte na escola; pesquisa-ação.

### [BIBLIOGRAFIA]

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Lisboa: Difel e Bertrand Brasil, 1989.
- CARMO, Marcos Roberto da Silva do. **Cemitério da Consolação: interdisciplinaridade na arte tumular como expressão social dos grupos economicamente dominantes em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18a. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

RUBENS DOS  
SANTOS CELESTINO<sup>156</sup>

## TEXTO, JOGO E CENA: OS DESAFIOS E ENCRUZILHADAS DO ENSINO DE TEATRO NA FORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL DO EDUCANDO E DA EDUCANDA

<sup>156</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Formado em Pedagogia pela UEFS e Licenciatura em Teatro pela UFBA. Mestre em Artes (PROFARTES/UFBA). Doutorando em Artes na UNESP e mestrando em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas na UFRB.

rubensquilombola@gmail.com

### [RESUMO]

Essa pesquisa-ação surge a partir da minha prática artístico-pedagógica do fazer teatral no contexto escolar quilombola e visa analisar, discutir e problematizar as encruzilhadas e possibilidades do ensino de teatro na formação étnico-racial dos/as estudantes. Os fios condutores do processo criativo cênico foram fragmentos de textos de autores negros – Solano Trindade e Abdias do Nascimento – concebidos como pré-textos na área de representação, assim como a tradição oral, a memória e a ancestralidade na/própria comunidade, valorizando, assim, a riqueza cosmológica e vivencial desse território. Nesse sentido, o percurso investigativo foi desenvolvido no ano de 2019, em uma turma do 5<sup>o</sup> ano da Educação Básica, com estudantes na faixa etária entre 10 a 13 anos da Escola Municipal Duque de Caxias, situada na comunidade negra quilombola Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde/BA. Essa experiência possibilitou uma reflexão crítica acerca da invisibilidade do/a negro/a nos espaços de poder e evidenciou a importância da instituição escolar na promoção da equidade racial e no combate ao racismo. Dessa maneira, a prática docente assumiu plenamente o seu caráter ativista, decolonial e antirracista em prol da reeducação das relações étnico-raciais na escola e da reinvenção da sociedade em que vivemos.

### [PALAVRAS-CHAVE]

teatro; texto narrativo; formação identitária.

### [BIBLIOGRAFIA]

- LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2015.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Palavras em jogo: textos literários e teatro-Educação**. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP, 1997.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução: Ingrid D. Koudela; Eduardo José de A. Amos. 5<sup>a</sup> edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JANAÍNA FARIAS DE  
SOUZA FERREIRA<sup>157</sup>

## OLHARES NEGROS: REFERÊNCIAS PERIFÉRICAS NA ESCOLA PÚBLICA

<sup>157</sup> EMEIEF Osvaldo  
Quirino Simões/Osasco/  
SP / Universidade  
Estadual Paulista (UNESP)  
- Instituto de Artes - IA

Mãe, arte-educadora da  
rede pública de Osasco/  
SP e mestranda do  
PROFARTES pelo Instituto  
de Artes da Unesp.

janaina-farias.ferreira@  
unesp.br

### [RESUMO]

Esta pesquisa, ainda em andamento, realizada em uma escola de Educação Fundamental I, da periferia de Osasco, São Paulo, propõe possibilidades para um ensino de Arte decolonial, trazendo novos olhares a partir das narrativas e referências fotográficas de mulheres negras presentes na própria escola, onde seus corpos são vistos (ou não) ocupando diversas funções (secretária, inspetora, apoio, mãe de estudantes etc.). Utilizando o método da A/R/TOGRAFIA, construímos um banco de imagens na plataforma do Instagram (@olhares\_negros\_quirino), que foi trabalhado em sala de aula para deslocar o olhar, a fim de propor um diálogo que nos permita repensar nossas práticas e saberes, valorizando nossas heranças culturais e, conseqüentemente, nossos modos de estar-ser no mundo, fortalecendo nossa resistência histórica e a imagem da negritude. As histórias de vida das participantes do projeto trouxeram adubo para a contextualização dos trabalhos e reverberaram de muitas maneiras, dentro e fora da escola, oportunizando uma reflexão acerca do que está estabelecido como “verdade única” e, assim, “destronando” esses saberes por meio de quem acredita em uma educação transgressora, que caminhe pelas encruzilhadas. (RUFINO, 2019; HOOKS, 2017; FREIRE, 2021).

### [PALAVRAS-CHAVE]

referências fotográficas; ensino de arte; decolonialidade; educação transgressora.

### [BIBLIOGRAFIA]

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla - 2ª ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. - 1ª ed.- Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

THIAGO  
NASCIMENTO<sup>158</sup>

## CORPAS - COLETIVO DE RUPTURAS, POTENCIALIDADES E ACOLHIMENTO DAS SUBJETIVIDADES

<sup>158</sup> Universidade Estadual  
Paulista (UNESP) -  
Instituto de Artes - IA

Graduado em Artes  
Visuais (UNIMES/  
SANTOS), possui  
especialização em Arte  
Educação (Instituto  
Singularidades) e  
mestrando pelo  
Profartes/ Instituto  
de Artes - UNESP.  
Atualmente é arte  
educador nas redes  
pública e privada de  
ensino e atua como  
colaborador em projetos  
educacionais de gênero  
e sexualidade.

thiago\_arte\_educacao@  
hotmail.com

### [RESUMO]

As imagens e narrativas que se conectam, se arranjam e se reinventam nos corredores da EMEFM Derville Allegretti, localizada na Zona Norte da Cidade de São Paulo, criaram um movimento coletivo de alunes, dispostes a transbordarem o lugar-espaco de acolhimento e potencialização para a dissidência de gênero e sexualidade. A violência (muitas vezes não explícita) arranca de nós, de todes nós, performances de sobrevivência. É sobre, sob e através dessas performances que es alunes encontram uma maneira de existirem e exercitarem liberdade. Através das possibilidades da Abordagem Triangular, sobrevoamos visualidades por um intercruzamento de “padrões” estéticos e um discernimento de valores como princípio dialético (BARBOSA, 2014). Na pesquisa, a escolha não linear e nada cartesiana promove uma percepção das imagens e narrativas como fraturas, o que viabiliza um flutuar sobre fragmentos de subjetividades. Entretanto, interessa mais a experiência do atravessamento destas subjetividades pelos percursos e realidades provisórias do que uma análise engessada e que venha tentar ordenar o que nem deseja a ordem. Assim, a intenção é movimentar as corpas para a produção de dispositivos das linguagens artísticas contemporâneas, em uma espécie de sinapse relacional na escola. Assim, busca-se a ruptura através da percepção de que a existência dessas corpas acontece na quebra, ou seja, no estilhaço da imagem e nas releituras desses deslocamentos (MOMBAÇA, 2021).

### [PALAVRAS-CHAVE]

imagem; narrativas; dissidências; Arte Educação; arte contemporânea.

### [BIBLIOGRAFIA]

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes**. São Paulo: Cortez, 2010.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 19 (2), p. 549-559, mai./ago. de, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmzpZNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

MASCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. **Em Defesa da Escola - uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não Vão Nos Matar Agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O Diabo em Forma de Gente - reexistências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Salvador: Devires, 2020.

PILLAR, Analice Dutra. (org.). **A Educação para o Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

ANDRESA DE SOUZA  
UGAYA<sup>159</sup>

## EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROJETO “QUAL A MINHA HISTÓRIA?”

<sup>159</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Docente do curso de Educação Física da UNESP, campus Bauru, e do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Vice supervisora do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE). Presidenta do Comitê de Ação Cultural (CAC). Coordenadora do Laboratório de Corporeidade, Cultura e Arte (LACCA).

andresa.ugaya@unesp.br

### [RESUMO]

*Qual é minha história: Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil* é um projeto do Programa de Núcleo de Ensino, uma política da Pró-reitoria de graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) que visa fomentar estudos, pesquisas e produção de conhecimento entre a universidade e a educação básica. O trabalho é desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Bauru e uma escola de Educação Infantil desde o ano de 2021. Além da equipe da escola, o projeto conta com a colaboração de duas pessoas estudantes-bolsistas do curso de Educação Física da UNESP e de professoras voluntárias de diferentes áreas do conhecimento: Arte, Fonoaudiologia, História e Pedagogia. O objetivo geral do projeto é discutir e problematizar a proposta do Currículo Municipal da cidade de Bauru (BAURU, 2016) no que tange à perspectiva da Educação das Relações Étnico-raciais. Dentre os objetivos específicos estão a realização de um levantamento sobre a ancestralidade das crianças e do corpo docente; a construção coletiva de uma práxis pedagógica dialógica, fundamentada na perspectiva da Educação das Relações Étnico-raciais e nas leis 10.639 e 11.645; a ação de evidenciar as culturas negras e indígenas de Bauru e região e, por fim, a avaliação, juntamente com a comunidade escolar, da práxis pedagógica desenvolvida na escola. Entende-se que quando trazemos a perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais para o contexto escolar, estamos combatendo o racismo. Logo, para que tal mal seja mitigado, precisamos propor programas que visem combatê-lo, eliminando os preconceitos e corrigindo as desigualdades que perduram ainda nos dias de hoje em nosso país (CAVALLEIRO, 2001). Sendo assim, enfatiza-se, ainda, que as professoras busquem em seu cotidiano a ampliação dos conhecimentos afroreferenciados.

### [PALAVRAS-CHAVE]

étnico-racial; educação infantil; antirracismo; educação física; formação continuada.

### [BIBLIOGRAFIA]

BAURU. **Currículo Municipal**. Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016.  
CAVALLEIRO, Eliana. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliana. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo negro, 2001.

ANA PAULA DA SILVA  
PENA<sup>160</sup>  
PROFESSOR DR. JOSÉ  
ALFREDO OLIVEIRA  
DEBORTOLI  
(ORIENTADOR)<sup>161</sup>

## O PÃO QUE A GENTE COMPARTILHA: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS E ENCANTADAS NO TERRITÓRIO ESCOLAR

<sup>160</sup> Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Licenciada em Teatro (EBA/UFMG). Realiza trabalhos como atriz, palhaça, professora de artes, produtora cultural e cozinheira. Direciona o olhar para os sabores e saberes dos povos do Brasil.

paulavalentineteatro@gmail.com

<sup>161</sup> Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Professor dos Cursos de Graduação em Educação Física EEEFTO/UFMG; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer EEEFTO/UFMG. Participa da Coordenação do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social - NAPrática, onde desenvolve estudos relacionados com os temas: Infância, Cultura, Saberes Tradicionais e Educação.

dbortoli@eeffto.ufmg.br

### [RESUMO]

Com o intuito de poder compreender o território escolar como campo de experiências significativas de lazer, este trabalho apresenta uma investigação do impacto de atividades relevantes no território escolar e suas potências transformadoras. Além disso, pretende-se refletir sobre o engajamento dos jovens de uma escola pública do interior de Minas Gerais em relação às atividades estéticas e artísticas. Busca-se investigar as possíveis transformações no ambiente escolar a partir de experiências estéticas, culinárias e artísticas, juntamente com um grupo formado por professoras(es), estudantes e outros sujeitos educadores do cotidiano escolar, como as(os) merendeiras(os). Para alcançar os objetivos propostos, os processos metodológicos estão pautados na noção de pesquisa colaborativa da professora Maria Inês Goulart e no saber encantado dos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Vale mencionar que para que as mudanças ocorram no ambiente escolar, pressupõe-se a necessidade de uma ação colaborativa realizada por todos os sujeitos do território. Além disso, deve-se considerar que os saberes são mutáveis e estão em eterno fluxo de cruzamento, ou seja, não há um saber dominante. Por fim, os processos metodológicos convidam os(as) participantes às atividades outras dentro do território escolar, tais como: partilhar a experiência de produzir e comer um pão; partilhas de memórias individuais e coletivas relacionadas aos sentidos (sabores, aromas e texturas).

### [PALAVRAS-CHAVE]

atividades significativas; saberes encantados; pão; comunidade escolar.

### [BIBLIOGRAFIA]

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.  
GOULART, Maria Inês Mafra. **A exploração do mundo físico pela criança: participação e aprendizagem**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.  
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.  
SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SUZIMARA REGINA  
BATISTA RIZZO <sup>162</sup>  
MARÍLIA GABRIELA  
RUBIO <sup>163</sup>  
ELAINE CRISTINA  
SIQUEIRA <sup>164</sup>

## REVISTA DIGITAL: “RAÍZES LINGUÍSTICAS E HERANÇA CULTURAL”

<sup>162</sup> Etec Professor Armando José Farinazzo – CPS / Secretaria Municipal de Educação – Votuporanga

Graduada em Educação Artística (UNIJALES) e Pedagogia (UFSCAR), pós-graduada em Arte Educação, Processos de Ensino Aprendizagem no EJA, Neuropsicopedagogia Institucional e Educação Especial Inclusiva. Aluna do Mestrado Profissional na UNESP IA.

suzimara.batista@unesp.br

<sup>163</sup> Pesquisadora, Formadora em Estudos Linguísticos Independente

Graduada em Letras (UEM), Mestre em Letras (UEM), Especialista em Educação na área da Psicopedagogia e Doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP IBILCE.

rubiomarilia@gmail.com

<sup>164</sup> Etec Professor Armando José Farinazzo – CPS

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UNIMAR), Engenharia Ambiental (FEF), Mestre em Ciências Ambientais e Pedagogia.

elaine.siqueira01@etec.sp.gov.br

### [RESUMO]

Considerando o eixo temático “Eu no meu Mundo”, do Itinerário Formativo em Linguagens, Ciências Humanas e Sociais, o Projeto Revista Digital “Raízes Linguísticas e Herança Cultural” envolve o reconhecimento do aluno como indivíduo de uma família e de uma sociedade. Para que isso ocorra, é imprescindível conhecer as suas origens e raízes, visto que o “mundo” mais específico e particularizante do aluno é a sua própria história. Por meio de pesquisas e reflexões, o Projeto visa à descoberta de particularidades do núcleo familiar de cada aluno, as heranças herdadas e passadas a cada geração, um resgate e reconhecimento de suas ancestralidades, inclusive negras e indígenas. A revista é composta por saberes artísticos e linguísticos que são compreendidos em sala de aula e explorados fora da escola através da investigação da árvore genealógica, busca de patrimônios materiais e imateriais da família, revisitação de fotografias antigas e releituras das mesmas nos dias atuais, verificação da dialética utilizada na família e de objetos que são passados de mãe/pai para filho – como, por exemplo, a máquina de costura –, e busca de contos, músicas e tradições na família, que vão dos ritos religiosos ao tradicional macarrão de domingo. Além disso, o Projeto permite a esses alunos reconhecer e respeitar a identidade cultural e linguística de seu semelhante.

### [PALAVRAS-CHAVE]

identidade; herança cultural; raízes linguísticas.

### [BIBLIOGRAFIA]

JOVANELLI, Artur Clayton (et al.). **Roteiros pedagógicos: Ensaio de itinerários formativos para o primeiro ano do ensino médio: uma proposta para a parte diversificada da nova Base Nacional Comum Curricular**. ARAÚJO, A. M. (Org.). São Paulo: Centro Paula Souza, 2019.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MARCUS TURÍBIO <sup>165</sup>

## QUEM NOMEIA AS “ARTES BRASILEIRAS”? RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM UMA SALA DE AULA DE ARTES

<sup>164</sup> Universidade Federal de Goiás - UFG

Discente na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Participante do PIP-UFG 2021/2022. Bolsista CNPq (PIBIC). <http://lattes.cnpq.br/4126308941378703>

mviturbio@discente.ufg.br

### [RESUMO]

Este trabalho parte da experiência de estágio em uma sala de aula de Artes, na qual o silêncio do conteúdo não dialogava com o efervescer de ideias entre estudantes. Inspirada pelos “círculos de cultura” (FREIRE, 2021), foi realizada uma aula sobre artes brasileiras para o Ensino Médio, no Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista, em Anápolis, Goiás. A disposição das carteiras em formato circular, fora das padronizadas fileiras, proporcionou uma nova arquitetura possível dos saberes. A partir do momento em que cada estudante apresentou seu nome, a sala se deparou com uma estratégia nova de construção de conhecimento que envolve escutar as vozes e olhar nos olhos de quem fala (hooks, 2017). Assim, houve um reconhecimento de que também é de direito da turma o espaço de construção dos saberes. Uma crítica à *Semana de 22* foi o estímulo gerador do debate. O evento, que completou 100 anos em 2022, foi idealizado por um grupo de artistas elencados como “modernos” e que se reuniram para escrever, por meio da arte, a história do povo brasileiro. No entanto, as personagens que compõem este feito emergem de um recorte elitizado do Brasil. Dessa forma, em sua constituição, foi um evento que excluiu os brasis. A atividade fez reverberar em sala de aula a questão proposta pela artista e pesquisadora Elidayana Alexandrino, no projeto *Narrativas que se encontram*: “Quem é povo no Brasil?”. O reconhecer-se nesse povo permitiu concluir que, enquanto comunidade, é possível participar da construção e legitimação de novas histórias sobre as representações dos povos brasileiros. Verificou-se, por fim, que a paz silenciosa das distâncias entre a carteira e o quadro foi ocupada pelo confronto de sujeitos, culturas, visualidades e vozes diversas em sala de aula. Logo, abraçar as mudanças demanda escuta, tempo de trabalho, espera e esperança.

### [PALAVRAS-CHAVE]

pedagogia crítica; artes; estágio supervisionado; ensino básico; Semana de 22.

### [BIBLIOGRAFIA]

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 49 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NARRATIVAS QUE SE ENCONTRAM. [S. L.], 10 fev. 2022. Instagram: @narrativas\_que\_se\_encontram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZ0iEUSNE1b/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

AMANDA HARUMI  
FALCÃO<sup>166</sup>  
MANUELA MACHADO  
RIBEIRO VENANCIO<sup>167</sup>  
SILVANA COTRIM  
MOREIRA DA SILVA<sup>168</sup>

## DE ÁFRICA PRA CÁ: ARTE E MEMÓRIA COMO (RE)EXISTÊNCIA

<sup>166</sup> Museu de Arte  
Moderna de São Paulo

Artista visual, artesã e educadora no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Possui Bacharelado em Artes Visuais e Licenciatura em Artes pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

amanda\_falcao@mam.org.br

<sup>167</sup> Escola Terra Brasil - Atibaia

Graduada em Ciências Sociais. Mestra e Doutora em Antropologia. Estudante de Pedagogia.

manuela.venancio@equipeterrabrasil.com.br

<sup>168</sup> Associação Cultural  
Negra Visão - Atibaia

Fundadora e presidente da Associação Cultural Negra Visão. Formada em Gestão de Recursos Humanos.

quilombonegravisao@gmail.com

### [RESUMO]

No pandêmico ano de 2021, a Escola Terra Brasil (localizada em Atibaia) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo desenvolveram o projeto “De África pra cá: arte e memória como (re)existência”. O objetivo foi sensibilizar e despertar o olhar dos estudantes para a arte moderna e contemporânea produzida por artistas negros/as. Consequentemente, buscou-se possibilitar novos olhares e apreciações estéticas em meio ao caos. Além disso, ocorreram quatro encontros *on-line*, durante um mês, que possibilitaram experiências poéticas. No MAM Educativo, *experiências poéticas* são exercícios de criação artística como processo pedagógico e, dentre elas, estão as Carrancas. Para expor essa *experiência* e criar um diálogo com a sociedade civil a respeito da presença africana e afrodescendente nas artes e em outras formas de saberes, houve uma exposição no Quilombo Urbano Negra Visão, sede da Associação Cultural Negra Visão, em Atibaia. A exposição ficou aberta por cinco dias e recebeu pessoas diversas, que emitiram pareceres positivos sobre o que viram.

### [PALAVRAS-CHAVE]

educação antirracista; cultura afro-brasileira; artes visuais; exposição.

### [BIBLIOGRAFIA]

- ANDRADE, Deri. **Projeto Afro**. Disponível em: <https://projetoafro.com/>. Acesso em 18 abr., 2022.
- ARAÚJO, Emanuel (Org.). **A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica**. São Paulo: Tenenge, 1988. (catálogo de exposição)
- CONCEIÇÃO, Jonatas; SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **África ventre fértil do mundo**. Salvador: Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê-Aiyê, 2001. (Cadernos de educação, 9).
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo. **Experiência poética – MAM na cidade**. Youtube, 03 de dezembro de 2020. Disponível em: [https://youtu.be/\\_ZOHOVarOPk](https://youtu.be/_ZOHOVarOPk). Acesso em 18 de abril de 2022.
- SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros? **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 341-368, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>
- SOUZA, Marcelo de Salete. **A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araujo**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001816490>

LORENA OLIVEIRA  
DE SOUZA<sup>169</sup>

<sup>169</sup> Universidade de São  
Paulo - USP

Mestre em Psicanálise e Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP e especializada em psicopedagogia clínica e institucional pela Universidade de Santo Amaro. Psicanalista pelo Clin-a - São Paulo.

lorenasouza.psi@gmail.com

## O RAP ENCENA NA ESCOLA: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

### [RESUMO]

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado. Interroga como a prática do teatro de improvisação, constituindo-se como espaço de escuta do adolescente na escola, pode contribuir para mudança de posição subjetiva por parte dos estudantes. O recorte trazido neste trabalho, sustenta a hipótese de que a prática com o teatro de improvisação aliada a leitura crítica de letras de rap, colabora para a construção de pontos de virada que podem ajudar os jovens no processo de elaboração de novos conhecimentos a respeito das questões raciais. O objetivo geral do estudo é refletir a respeito de vivências realizadas em um grupo de teatro de improvisação, visando a apreender como a escola pode se constituir como um espaço em que os adolescentes reflitam a respeito de suas questões pessoais, em articulação com as questões sociais e culturais de seu tempo histórico. Nosso referencial teórico está orientado pela leitura lacaniana da psicanálise e ainda, por autores que buscam interseccionar as práticas educativas à potencialidade do rap. Na análise do *corpus*, composto por cenas inicialmente construídas pelos jovens sem que houvesse um texto disparador, salientou-se uma perspectiva estereotipada, na qual o jovem negro é visto como inferior frente a cultura branca. Por sua vez, ao inserirmos a leitura crítica de letras de rap como mobilizadoras da reflexão acerca do negro em nossa sociedade, pudemos ver elementos que nos indicam mudanças de posição subjetiva frente às questões raciais por parte dos estudantes. Concluímos que, no espaço escolar, a prática de teatro de improvisação aliada a leitura crítica de letras de rap, pode se configurar como um espaço privilegiado de escuta e elaboração do adolescente a respeito das questões raciais.

### [PALAVRAS-CHAVE]

adolescência; teatro improvisacional; psicanálise; racialidade; rap.

### [BIBLIOGRAFIA]

- AMARAL, Mônica. **O que o rap diz e a escola contradiz**. São Paulo: Alameda editorial, 2016.
- DIAS, Cristiane. **A pedagogia hip-hop: consciência, resistência e saberes em luta**. São Paulo: Appris Editora, 2019.
- HILL, Marc Lamont. **Batidas, rimas e vida escolar: pedagogia hip-hop e as políticas de identidade**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. São Paulo: Zahar, 1986.

GILVÂNIA SANTOS  
SILVA<sup>170</sup>

## A POTÊNCIA EM SER VISTA/O: ENSAIOS FOTOGRÁFICOS DA REVISTA EMPODERAR

<sup>170</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Mestranda em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp. É professora na Rede Pública Estadual de São Paulo, mãe e artista da dança.

gilvania.santos@unesp.br

### [RESUMO]

Este trabalho propõe apresentar ações da *Revista Empoderar*, organizada pela comunidade da E.E. Professor Newton Espírito Santo Ayres, em Osasco, e desenvolvida para atender a demanda da lei 10.639/03. Cada edição conta com um ensaio fotográfico protagonizado por estudantes e possui como ponto de partida uma pauta a ser discutida na escola que envolve acolhimento e respeito à diversidade. Na primeira edição da *Empoderar*, o ensaio abordou o tema da moda africana. A segunda edição retratou as estéticas dos cabelos, com registros feitos dentro da escola, e a terceira edição discutiu a diversidade religiosa na escola pública, trazendo a reflexão sobre a intolerância e a importância do estado laico. Por fim, a quarta edição deverá trazer mulheres que inspiram, com o intuito de refletir sobre o protagonismo feminino. Neste trabalho, pretende-se dialogar com as contribuições de HOOKS (2019) e GOMES (2008), considerando a potência em ser vista/o em uma revista.

### [PALAVRAS-CHAVE]

educação antirracista; práticas pedagógicas; escola pública; imagem.

### [BIBLIOGRAFIA]

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)

GOMES, Nilma Lino. Educação, Raça e Gênero: Relações Imersas na Alteridade. **XX Reunião Brasileira de Antropologia & I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe**. GT “Gênero e Raça”. Abr., 1996.

\_\_\_\_\_. Diversidade Étnico-Racial: Por um projeto educativo emancipatório. In: **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como Prática de Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MARIA LUIZA  
MIRANDA PAULINO  
DA SILVA<sup>171</sup>  
ANDRESA SOUZA  
UGAYA<sup>172</sup>

## JONGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANCESTRALIDADE E CULTURA NEGRA

<sup>171</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Graduanda do curso de Educação Física da Unesp, campus Bauru. Bolsista do projeto de núcleo de ensino “Qual a minha história? Relações Étnico-raciais na Educação Infantil” (2022), coordenado pela profa. Dra. Andresa Ugaya.

luiza.miranda@unesp.br

<sup>172</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Docente do curso de Educação Física da UNESP, campus Bauru, e do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Vice-supervisora do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE). Presidenta do Comitê de Ação Cultural (CAC). Coordenadora do Laboratório de Corporeidade, Cultura e Arte (LACCA).

andresa.ugaya@unesp.br

### [RESUMO]

O Jongo é uma expressão afro-brasileira do sudeste brasileiro que tem significativa importância na história e memória de elementos da cultura banto trazida por parte da população negra escravizada no período colonial. Para Ribeiro (2021), o Jongo é cultura de resistência e de articulação contra à escravidão e aos maus-tratos sofridos pelos senhores, também, é uma forma de expressar as saudades de mãe África. O ensino do Jongo dentro do projeto Qual a minha história? Relações Étnico-raciais na Educação Infantil, pautado na perspectiva da educação antirracista e das relações étnico-raciais, visa a valorização da cultura negra, bem como da população detentora desse conhecimento. Este projeto acontece desde o ano de 2021 numa escola municipal de Educação Infantil da cidade de Bauru em uma parceria entre o curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e a Secretaria Municipal de Educação. Partimos da compreensão que as crianças, desde muito pequenas, precisam acessar uma diversidade cultural que amplie sua visão de mundo e esse papel compete, principalmente, às instituições escolares. A educação antirracista deve ser um compromisso ético de toda a comunidade escolar para a superação do eurocentrismo ainda tão arraigado na nossa constituição como sujeitos. E para que esta educação se efetive é necessário que haja estudos, discussões, oficinas e cursos de formação continuada para a equipe gestora/pedagógica quanto para a equipe extensiva, visto que, ainda existe muito estereótipos, preconceitos e discriminação racial nos ambientes escolares (CAVALLEIRO, 2001). O Jongo na escola é possibilidade de mergulhar na ancestralidade africana. É cantar, dançar, tocar, criar. É sorrir, se alegrar. Para Silva (2020) o Jongo nos concede a experimentação, o brincar, o estar atento, o improvisar, o conhecer e reconhecer a caminhada de jongueiros/as que pisaram em muitos chãos. O Jongo carrega uma história que conta diferentes histórias. “E quando você dança Jongo, pisa na tradição” (RIBEIRO, 2021). Cachuêra!

### [PALAVRAS-CHAVE]

Jongo; educação infantil; antirracismo; étnico-racial.

### [BIBLIOGRAFIA]

CAVALLEIRO, Eliane. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CRUZ, Leocardia Cristina Reginaldo. **Educação das relações étnico-raciais: histórias, culturas afro-brasileiras e africana**. 1ed. – Veranópolis: Diálogo Freirianiano, 2020.

RIBEIRO, Alessandra. **Jongo e ancestralidade: salvaguarda e preservação sob o olhar dos detentores**. Campinas, SP: Associação do Jongo Dito Ribeiro, 2021.

MATHEUS HENRIQUE  
DE FREITAS<sup>173</sup>  
ANDRESA SOUZA  
UGAYA<sup>174</sup>

## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, BRANQUITUDE E EDUCAÇÃO INFANTIL

<sup>173</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Graduando do curso de Educação Física da Unesp, campus Bauru. Bolsista do projeto de núcleo de ensino “Qual a minha história? Relações Étnico-raciais na Educação Infantil” (2022), coordenado pela profa. Dra. Andresa Ugaya.

matheus.h.freitas @unesp.br

<sup>174</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Docente do curso de Educação Física da UNESP, campus Bauru, e do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Vice-supervisora do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE). Presidenta do Comitê de Ação Cultural (CAC). Coordenadora do Laboratório de Corporeidade, Cultura e Arte (LACCA).

andresa.ugaya@unesp.br

### [RESUMO]

A construção de uma sociedade antirracista requer um processo inverso ao que o racismo estrutural consolidou. Nesse sentido, Cardoso e Dias (2021) explicam que o estudo do branco e da branquitude é necessário porque permite uma percepção dos privilegiados. A partir deste entendimento, pode-se caracterizar a desigualdade racial como um problema de pessoas brancas, para além das reflexões sobre como o racismo afeta a vida de pessoas negras, pois a pessoa branca integra um grupo que colabora para a manutenção da opressão que permeia os espaços de convívio, incluindo a escola e a educação infantil. No Brasil, as leis 10.639 (BRASIL, 2003) e 11.645 (BRASIL, 2008) tornaram obrigatório o ensino da história e culturas africanas, afro-brasileiras e dos povos indígenas nas escolas. No entanto, há questões que envolvem o não cumprimento de tais leis, e uma delas diz respeito à falta de conhecimento e segurança do corpo docente para abordar temáticas da história e cultura negras. Buscando minimizar esta lacuna, o projeto “Qual a minha história? Relações Étnico-raciais na Educação Infantil”, desenvolvido em uma escola pública, tem possibilitado um trabalho por uma educação que se afaste do eurocentrismo, promovendo a aproximação de crianças negras e indígenas de sua ancestralidade. Assim, o projeto tem contribuído para a criação de uma geração de pessoas conscientes de seu passado e da necessidade de agir por uma sociedade mais digna para se viver. Simultaneamente, ressalta o papel dos(as) educadores(as), no que diz respeito à relevância de se conhecer e valorizar as culturas africanas e afro-brasileiras em suas práxis pedagógicas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

educação infantil; educação antirracista; branquitude.

### [BIBLIOGRAFIA]

BRASIL. **Leis e Decretos**. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 30 de abr. 2021.

BRASIL. **Leis e Decretos**. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 20 abr. 2022.

CARDOSO, Cintia.; DIAS, Lucimar Rosa. (2021). A branquitude como entrave a implementação da Lei Federal 10.639/03 na educação infantil. **Educação**, 46(1), e47/ 1–28. <https://doi.org/10.5902/1984644444389>.

DÉBORA MEDEIROS  
DE ANDRADE<sup>175</sup>

## FORMAÇÃO DOCENTE E RELAÇÕES RACIAIS: ESCREVIVÊNCIAS DE PROFESSORAS NEGRAS DO ENSINO MÉDIO DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

<sup>175</sup> Universidade de São Paulo - USP/PPGHDL

Mulher cis. Preta. Corpo cantante, dançante e escritora. Escutadora. Educadora. Formada em Psicologia e Mestranda pelo DIVERSITAS/USP. ORCID: 0000-0002-2034-1254.

dehmedeiros2@usp.br

### [RESUMO]

A intenção do presente trabalho é dissertar sobre a escuta das narrativas de docentes negras do Ensino Médio em seus trajetos e trajetórias na educação. Aborda-se, especialmente, de que forma constituíram fundamentos e valores para enfrentar o racismo, como a docência se produziu enquanto território de afirmação de sua condição de mulheres, negras e trabalhadoras, e como é seu processo de construção de práticas pedagógicas antirracistas. Trata-se de um trabalho de acesso a memórias registradas em corpos-documentos (NASCIMENTO, 1989) com suporte da Psicologia Social, que ajuda a investigar a subalternização intelectual da mulher negra, e considera que, num campo de intersubjetividades, a interpretação da ideologia dominante sobre acontecimentos políticos afeta memórias individuais (KILOMBA, 2019; GONÇALVES, 1998; BOSI, 2003). Numa “democracia racial”, a escola é instituição de guarda e transmissão da memória coletiva, ao mesmo tempo em que perpetua desigualdades e é espaço de criação de estratégias coletivas para a superação da colonialidade. O caminho estético-metodológico da pesquisa é a escriturização Evaristiana (SOARES; MACHADO, 2017) que se vale de recursos literários na escrita e soma a experiência da autora às narrativas das entrevistadas para contar histórias que dizem respeito à experiência coletiva. Assim, escrever permite a nós, intelectuais negras (hooks, 1995), realizar uma virada epistêmica engajada em contraposição ao epistemicídio racista genderizado que perpassa modos de fazer ciência. Nesse sentido, pretendo produzir textos literários a partir das experiências escutadas e pensar em conjunto sobre perspectivas para a educação antirracista no Ensino Médio.

### [PALAVRAS-CHAVE]

ERER - Educação das relações étnico-raciais; escriturização; formação docente; psicologia social; memória.

### [BIBLIOGRAFIA]

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

GONÇALVES, José Moura. Humilhação social - um problema político em psicologia. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, 1998.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos feministas**. nº2. vol.3. 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. **Ôrí**. Documentário. 1989.

SOARES, Lissandra Vieira.; MACHADO, Paula Sandrine. “Escriturização” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**. vol.17. nº39. 2017.

FELIPE AUGUSTO  
MICHELINI  
DA SILVA<sup>176</sup>

## O JARDIM DAS LAGARTAS: ESPAÇOS DE VIDA E CONEXÃO NA PRÁTICA DOCENTE

<sup>176</sup> Universidade Estadual Paulista - UNESP

Mestrando em Artes no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. É ator, arte-educador e palhaço. É professor de Artes da rede pública municipal de São Paulo, professor supervisor do Programa PIBID IA-UNESP e ator na Cia de Achadouros.

felipe.michelini@unesp.br

### [RESUMO]

Este é o compartilhamento de uma história que integra a pesquisa de mestrado intitulada *Palhaçaria e Educação: as aventuras de um professor-palhaço na escola pública*, atualmente em andamento no Instituto de Artes da UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Luiza Christov. Nesta pesquisa investigo possibilidades para narrar histórias vividas com estudantes de escolas públicas paulistanas e reflito sobre momentos em que meus caminhos como palhaço enveredaram-se à minha prática como professor. Dentre algumas narrativas abordadas no trabalho, escolho discorrer sobre uma experiência vivida com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental I em uma Escola Estadual da zona norte da cidade de São Paulo. Trata-se de um dia em que eu e quatro estudantes vivemos um momento de encantamento coletivo ao encontrar uma lagarta no jardim da escola. Nesta vivência, podemos dizer que, juntos, passamos pela transformação da lagarta. Assim, este pequeno bicho transformou não somente nossa relação com o espaço escolar, como nossa relação interpessoal. Ao compartilhar essa história, reflito sobre conceitos como conexão, encantamento, relação e comunhão na prática docente, em uma aproximação dos pensamentos de hooks (2017), Simas e Rufino (2020), Freire (2020), Barros (2008) e Alli (2016). Após o encontro com a lagarta, a aula de artes passou a ser considerada um espaço para o exercício da vida, almejando uma escola que promova experiências ao invés de cópia de conhecimentos. Desse modo esta pesquisa-vida busca inventar uma escola apropriada de sentidos para quem a habita, partindo da escuta das propostas de cada estudante e valorizando os instantes de conexão.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte/educação; conexão; narrativas autobiográficas; encantamento; comunhão.

### [BIBLIOGRAFIA]

ALLI, Lira. *Nós por nós*. Vaidapé, São Paulo, ed. 06, p. 17, 2016.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

MIRIANY MARIA  
DA SILVA<sup>177</sup>

## TECENDO EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS COM ESTUDANTES DE HIDROLÂNDIA - GO

<sup>177</sup> Instituto Federal de Goiás - IFG

Miriany Maria da Silva, mestranda PROFARTES - Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia. Licenciada em Artes Visuais pela FAV - UFG. Professora de Artes Visuais do Ensino Fundamental e Médio da rede Estadual, na cidade de Hidrolândia - GO.

mirianyaria@gmail.com

### [RESUMO]

As reflexões do presente trabalho se fundamentam na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (1998), em Richter (2008) e Dewey (2010). De cunho qualitativo, trata-se de uma pesquisa-ação com abordagens de uma pesquisa narrativa. Na minha infância, na casa da minha avó materna em Hidrolândia - GO, tínhamos o hábito de nos reunir à noite, na casinha do tear, onde havia alguns instrumentos de trabalho. Ficávamos ao redor do fogão à lenha e, enquanto os mais velhos conversavam, as crianças faziam a limpeza do algodão. Essas lembranças da mais tenra infância permeiam minha memória e trazem à tona um encantamento que envolve tanto o fazer, quanto as narrações dos mais velhos. De acordo com Dewey (2010), a experiência estética é a forma mais elaborada de apreender conhecimento, pois unifica e potencializa processos de inteligência. Assim, a escolha pela abordagem da Tecelagem Artesanal deve-se à grande possibilidade plástica que esta técnica proporciona. Por fim, o trabalho também visa ao resgate cultural e preservação desta prática.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte-educação; estética do cotidiano; mulheres fiandeiras tecelãs; tecelagem.

### [BIBLIOGRAFIA]

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de arte*. São Paulo, Perspectiva; Porto Alegre, Fundação Iochpe, 1991.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ERICK HENRIQUE  
SANTOS SOUZA<sup>178</sup>

## OUTRAS INTRODUÇÕES AO ENSINO DE ARTE: A CULTURA POPULAR DO EDUCANDO COMO ABORDAGEM DECOLONIAL EM SALA DE AULA

<sup>178</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)Professor de Arte.  
Graduado em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).  
Mestrando no PROF-ARTES do Instituto de Artes da UNESP.

erickart45@gmail.com

### [RESUMO]

O presente relato almeja compartilhar as experiências vivenciadas durante o ano de 2022 na disciplina de Arte no 1º ano do Ensino Médio das turmas da ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar, localizada no município de Franco da Rocha. O texto visa apresentar a reflexão sobre a organização da aula introdutória da disciplina de Arte, na qual buscou-se possibilitar um ambiente favorável a reflexões artísticas e estéticas a partir de um diálogo decolonial e étnico-racial. A motivação da proposta perpassou pela problematização da minha prática educativa com o Ensino Médio, que tradicionalmente inicia seus preceitos e análises a partir de perspectivas europeias sobre a produção e desenvolvimento da Arte na sociedade. Para atingir tal objetivo, diferente de outros anos, as reflexões sobre Arte perpassaram, inicialmente, pelo estilo artístico considerado próximo do convívio dos educandos. Assim, o ponto de partida foram os movimentos artísticos do Rap, samba, funk brasileiro, Grafite e Slam. Nessa primeira aproximação, fundamentada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2014), intencionou-se contribuir com a contextualização, reflexão e prática dos estudantes sobre os respectivos temas. Para atingir tais preceitos foram propostas discussões sobre a forma através da qual esses eixos artísticos foram abordados na história do Brasil e, posteriormente, as influências que tais elementos tiveram em movimentos sociais populares na periferia – tal como a cultura Hip Hop no Brasil – e em movimentos “consagrados”, considerados distantes das massas, tal como a semana de 1922. A partir disso, as discussões englobaram diferentes figuras da cultura popular brasileira, como Pepeo, Pixinguinha, Abdias do Nascimento, ambas apresentadas para os alunos a partir do documentário *Amarelo*, de 2020, e o documentário *Marco zero do Hip-Hop de São Paulo*. Julga-se o resultado dessa proposta satisfatório e possibilitador de perspectivas decoloniais, contribuindo com diferentes abordagens acerca de como o Ensino de Arte pode ser apresentado em sala de aula.

### [PALAVRAS-CHAVE]

ensino de arte; decolonialidade; cultura popular periférica.

### [BIBLIOGRAFIA]

*Amarelo é tudo para ontem*. Direção: Fred Ouro Preto. Brasil: Laboratório Fantasma, 2020.  
BARBOSA, Ana Mae. *Ensino de Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2014.  
*Marco Zero da Cultura Hip Hop*. Direção: Pedro Gomes. Produção: Erica Rocha. Brasil: MCI Fest, 2014.

MARIANE DEL  
CARMEN DA COSTA  
DIAZ<sup>179</sup>

## COMPARTILHANDO NARRATIVAS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NEGRAS COMO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE

<sup>179</sup> Universidade Federal Fluminense – UFF

Aprendente das Infâncias, escutadora de casos e contadora de histórias negras. De formação é Pedagoga e Mestre em Educação (UFRRJ), cursando a especialização em Literatura Infantojuvenil (UFF). É idealizadora da @olubayoeducacao, negócio de impacto social na área da educação.

diaz.marri@gmail.com

### [RESUMO]

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar algumas experiências sobre a contação de histórias negras em espaços escolares na cidade do Rio de Janeiro destacando a importância da narrativa de autoria e com protagonismo negro para crianças e jovens e como o ato de contar histórias negras se torna um importante percurso formativo docente na perspectiva de uma educação antirracista. É preciso destacar que esse percurso formativo dialoga com a minha prática enquanto professora em que, observando a urgência de povoar o imaginário das crianças com outras referências, pude “escavar” histórias e buscar por narrativas que reverberam a potencialidade da negritude, como nos ensina Conceição Evaristo, venho “escrever” meu fazer docente e dialogar com teóricos que contribuem nesse – constante – processo formativo. Para o assentamento teórico busco diálogos com alguns/algumas intelectuais que contribuem nas discussões e reflexões sobre educação, negritude, oralidade, currículo e infâncias como Azoilda Loretto Trindade, Nilma Lino Gomes, Renato Nogueira, Cuti, bell hooks, Kiusam de Oliveira e Hampaté Bâ.

### [PALAVRAS-CHAVE]

contação de histórias negras; prática docente; educação antirracista.

### [BIBLIOGRAFIA]

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.  
GOMES, Nilma Lino. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, 2012, p. 98-109.  
HAMPATÉ B , Amadou. Tradição viva. In: *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167.  
HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. de Stephanie Borges, São Paulo: Editora Elefante, 2019.  
NOGUEIRA, Renato; ALVES, Luciana. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência da Infância (ZEI). *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. V. 17, n. 48, p. 533 – 554, 2020.  
OLIVEIRA, Kiusam. Literatura infantil e representatividade negra. In: JESUS, A. C. S.; GHELEWAR, Whellder. (org.) *Terça afro: territórios de afetos*. 1ª ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2016.  
TRINDADE, Azoilda Loretto. *Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil*. Revista Valores afro-brasileiros na educação. s/ano.

MONIQUE PRISCILA  
DE ABREU REIS<sup>180</sup>

## PEDAGOGIAS AFRODIASPÓRICAS: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ARTE/EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

<sup>180</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP

Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); bacharela em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); licenciada em Arte (Claretiano). Membro NEABI/IFSP do Comitê Lélia Gonzalez (IFSP/PEP) e do grupo de pesquisa GEPPES - IFSP: Política, Educação e Sociedade.

reis.monique@ifsp.edu.br

### [RESUMO]

Este trabalho apresenta estudos sobre pedagogias afrodiaspóricas no ensino de Artes para estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFSP, Campus Presidente Epitácio. As abordagens compreendem a arte como potência de vida, denúncia, enunciação e espaço para a transformação por meio do reconhecimento e valorização das diferenças. Nesse sentido, Nilma Gomes (2017) fala sobre os saberes estéticos-corpóreos produzidos pela comunidade negra, que celebram e reverenciam a ancestralidade, constroem uma identificação positiva com a origem negra e promovem o empoderamento, ao mesmo tempo em que confrontam, combatem e resistem ao racismo. Petronilha Silva (2010), por outro lado, discute a visão de mundo na perspectiva africana segundo a qual a construção da própria vida está atrelada não somente à questão individual, mas ao desenvolvimento de toda a comunidade. Dessa forma, por meio desta dimensão do educar-se entre afrodescendentes e africanos no contexto da sala de aula, tem-se buscado ressignificar a construção de conhecimentos e de promoção da vida, partindo da construção das nossas próprias vidas na coletividade, cada pessoa com sua contribuição, considerando as subjetividades e a interseccionalidade, visando ainda ao fortalecimento da comunidade. Dentre as ações desenvolvidas, busca-se resgatar e valorizar a arte afro-brasileira e afrodiaspórica, a ancestralidade, as corporalidades, o trabalho com artistas e cientistas negros/as/es, e o reconhecimento da pluralidade de saberes e de corpos. Assim, também são valorizados os saberes estético-corpóreos afrodiaspóricos por meio da exploração de suas potencialidades estéticas, criadoras, pedagógicas e transformadoras.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arte/educação; educação antirracista; história; cultura afro-brasileira.

### [BIBLIOGRAFIA]

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida. Dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. Lúcia Maria de Assunção Barbosa et al (Orgs). São Carlos: EdUFSCar, 2010. pp. 181-198.

LIA  
FRANCO BRAGA<sup>181</sup>

## NA GIRA DOS ORIXÁS COM CRIANÇAS: METODOLOGIA AFRO-BRINCANTE, EPISTEMOLOGIAS LÚDICAS E NEGRAS

<sup>181</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Multiartista, educadora, pesquisadora. Doutoranda em Artes/UNESP. Pesquisa corpos brincantes e africanidades com orixás, para crianças, com metodologia afro-brincante (afronarração de histórias e jogos/brincadeiras corporais), teatro, dança e música. Instagram/YouTube: @liaeoseres/Lia e os Erês.

liafraga@yahoo.com.br

### [RESUMO]

Neste trabalho, a autora apresenta recortes da sua dissertação de mestrado em Artes Cênicas/UFRN (BRAGA, 2019) sobre performances de corpos brincantes de crianças na Educação Infantil a partir do universo de orixás da nação Yorubá. A pesquisa foi desenvolvida no NEI/Cap/UFRN e envolveu um grupo de 12 crianças, entre cinco e seis anos. Cruzamentos entre referências teóricas (LIMA E HERNADEZ, 2010; MACHADO, 2010a; OLIVEIRA, 2009, 2010) e entre os caminhos práticos contribuíram para evidenciar uma metodologia afro-brincante que, pautada nos valores civilizatórios afro-brasileiros (BRANDÃO E TRINDADE, 2010), se propõe como uma ação cultural, educacional, antirracista e decolonial. Esta metodologia aborda a afronarração de histórias e jogos/brincadeiras corporais a partir da hibridização artística da dança, do teatro e da música. Por fim, este trabalho procura evidenciar epistemologias com foco nas narrativas lúdicas, artísticas, afrorreferenciadas, corporais e performáticas das crianças brincantes.

### [PALAVRAS-CHAVE]

metodologia afrobrincante; orixás; crianças; educação infantil.

### [BIBLIOGRAFIA]

BRAGA, Lia Franco. **Performances de corpos brincantes: cultura africana e artes cênicas na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. 214f.

BRANDÃO, Ana.; TRINDADE, Azoilda. (Orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

LIMA, Heloisa Pires; HERNADEZ, Leila Leite. **Toques de Griô: memórias sobre contadores de histórias africanos**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. A Criança é Perfomer. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 115-137, 2010a. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11444>>. Acesso em: mar., 2022.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Omo-oba: Histórias de princesas**. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

\_\_\_\_\_. Religiosidade de Matriz Africana: Desconstruindo Preconceitos. In: BRANDÃO, Ana; TRINDADE, Azoilda. (Orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.



# EIXO 06 - ORALIDADE: VOZES DE ENCANTAMENTO



JOSILÉIA DOS SANTOS DO NASCIMENTO<sup>182</sup>  
 GILDA DOS SANTOS DO NASCIMENTO<sup>183</sup>

## RAÍZES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE: ASSENTANDO A IDENTIDADE ANCESTRAL NO QUILOMBO SÃO CRISTÓVÃO E SERRARIA (SÃO MATEUS – ES)

<sup>182</sup> Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Josiléia dos Santos do Nascimento, quilombola da comunidade de São Cristóvão, agricultora, jongueira, compõe o conselho municipal de cultura. Graduada em Educação do Campo e pós-graduada em cultura afro-brasileira, atualmente estou cursando Mestrado Ensino e Relações étnico raciais na UFSB.

leiadossantosdo nascimento@gmail.com

<sup>183</sup> Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Gilda dos Santos do Nascimento, quilombola de São Cristóvão, agricultora, mãe, jongueira do grupo de Santo Antônio, possui graduação em Educação do campo, atualmente estou estudando uma pós em Educação Física, sou parte da diretoria da associação da comunidade e atuo nos saberes culinários.

gildanascimento dossantos@gmail.com

### [RESUMO]

O presente trabalho foca na importância da identidade étnica quilombola das comunidades pretas rurais no norte do Espírito Santo, assentando a preservação das práticas ancestrais como fonte de resistência guardada na memória vivenciada no coletivo, em que se faz presente a afirmação da identidade e ancestralidade. Suscitamos algumas considerações a respeito das práticas alimentares dos remanescentes quilombolas, fonte de identidade étnica das comunidades, construindo uma análise sobre como se apropriam dos saberes existentes no território, a partir das contribuições teóricas e das entrevistas realizadas com membros do Quilombo. Este estudo localiza-se às margens do rio Cricaré, no município de São Mateus, no norte do Espírito Santo. Lá, comunidades unidas por laços de parentesco e compadrio formam um território em que os terrenos são divididos em sítios familiares. O estudo realizado é fruto da nossa vivência nesse espaço e das pesquisas realizadas no trabalho de conclusão do curso de graduação em Educação do Campo, o qual denominamos *Culinária Quilombola: afirmação e preservação da identidade e ancestralidade no Quilombo São Cristóvão e Serraria (São Mateus – ES)*. Este trabalho foi desenvolvido em cinco momentos: 1) elaboração do tema e dos objetivos; 2) pesquisa bibliográfica; 3) entrevistas realizadas com as pessoas mais antigas da comunidade; 4) grupo focal com jovens; 5) oficina de transmissão de saberes culinários. Conclui-se que na memória e a prática da vivência quilombola, os saberes ancestrais dispõem de grande destaque, em que as produções e reproduções do conhecimentos no Sapê do Norte é entendidos como fonte de pertencimento a identidade negra construída nos quilombos da região Norte do Espírito Santo.

### [PALAVRAS-CHAVE]

-

### [BIBLIOGRAFIA]

FERREIRA, Simone. Quilombolas do Sapê do Norte-ES: a territorialidade revivida pela memória. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES**. V1, n.1,2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1479/10704>.

MARCOS ALBERTO SIMPLICIO<sup>184</sup>

## TIRIRICA: O QUE É O QUE É?

<sup>184</sup> Centro Cultural Crispim Menino Levado

Mestre da Capoeira Angola. Mestre da Tiririca. Mestre Griô da Cultura Popular. Pedagogo. Pós-graduado em Arte Educação e em Educação Africana.

marcoslcampinas@yahoo.com.br

### [RESUMO]

“Eu peço minha licença para a história eu começar. Abençoe todos os presentes, o nosso Pai Oxalá! Eu sou o mestre Marquinhos, natural aqui de Campinas. Fazer Samba, Tiririca, Capoeira é minha sina”. Sou um mestre Griô, filho de Aparecida Machado Simplicio e Moacir Simplicio. Nascido em 23 de outubro de 1958, no bairro da Vila Marieta. Desde pequeno acompanhava meu irmão Moacir Roberto Simplicio nas idas para o centro da cidade. Meu pai ensinou a gente a se defender através das pernadas, também conhecida como Tiririca. Ele dizia: vocês têm que aprender a se defender e, assim, fui aprendendo a Tiririca ao ver meus irmãos jogando. Para a minha idade, tudo era uma brincadeira. “Com minha lata de graxa, a minha escova de dente, eu chego com a Tiririca, quem está triste, fica contente. Bom dia, minha gente, boa tarde, pessoal. Quem vier engraxar agora ganha um desconto especial”. Não é que meu pai tinha razão? Certo dia, lá no Largo do Rosário, passou um homem e falou: ei moleque, toma cuidado aí, viu? Tem um rapaz roubando os engraxates! Um dia o safado apareceu, mas meu irmão e outros garotos o botaram para correr. Então, eu fiz esse samba: “Ei moleque, ei moleque com a caixa de engraxar, toma cuidado, menino, que ele quer-te roubar. Você trabalhou o dia inteiro andando para lá e pra cá, agora vem esse malandro e seu dinheiro quer roubar. Obrigado seu moço, obrigado pela dica, mas meu pai me ensinou a Capoeira Tiririca”. Só sei que o malandro sumiu e nunca mais apareceu. Percebi o quanto foi importante meu irmão saber a arte das pernadas que, quando praticada entre amigos, é brincadeira, mas, em determinada situação, se transformava em elemento de defesa. Era no Largo da Banana, em São Paulo, que acontecia a roda de Tiririca com pessoas fazendo batuque em lata de lixo, caixa de banana, de fósforos, em tambor ou na palma da mão. Hoje eu sou referência e venho transmitindo essa nossa cultura, mantendo viva a Tiririca.

### [PALAVRAS-CHAVE]

Tiririca; história; ancestralidade; oralidade; Campinas.

### [BIBLIOGRAFIA]

SIMPLICIO, Marcos Alberto. **Eu peço minha licença para a história eu começar**. Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Com minha lata de graxa**. Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ei moleque, ei moleque**. Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Largo da banana**. Campinas, 2010.

## GRITOS POÉTICOS: CORPAS PRETAS NA ENCRUZILHADA ENTRE POESIA E RESISTÊNCIA

<sup>185</sup> Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades - USP

Poeta, arteira, pesquisadora, iyawo de Odé, nerd-maloqueira, mestrade ocupada com a poesia e resistência. ORCID: 0000-0002-8055-2942. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

carla.jesus@usp.br

### [RESUMO]

Nossa prosa é sobre a poesia nas relações das corpas pretas e os cruzos entre resistência e poesia. Entender corpas afro-ameríndias que confluem em territórios afetivos de poesia evoca resgate às histórias que o etnocídio tentou calar. A poesia se manifesta enquanto terreiro de potencialidade da sacralização da existência marginalizada, pois a palavra torna-a sagrada. Essas poéticas trazem na escrita e performance a presença da existência que rompe o silenciamento que sistematicamente recai sobre si. É vital entender que essas corpas-vozes evocam epistemologias ancestrais enquanto produzem suas escrituras nas encruzilhadas diaspóricas dos multimeios. É a palavra-ofá que por meio da poesia-abebé encontra no fluxo da encruzilhada da roda de slam/sarau espaço para resistir e recriar possibilidades. Dessa forma, por nascer da margem para a margem essa produção artística-epistemológica é contra-colonial. Recriando antigas rotas de fuga na oralidade, de maneira a resgatar novas oportunidades afro-pindorâmicas de cosmo percepções outras de viver. A poesia torna-se veículo imprescindível para a esses novos caminhos pois por meio de palavras que a demanda revolucionária vem a luz e aparece no grito daquelas que não foram silenciadas.

### [PALAVRAS-CHAVE]

poesia; resistência; corpo-voz.

### [BIBLIOGRAFIA]

EVARISTO, Conceição. A escriturabilidade e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima (org.); NUNES, Isabela Rosado. **Escriturabilidade: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

## DENÚNCIA E CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA DE CAPOEIRA

<sup>186</sup> Universidade Federal do ABC - UFABC/PPGCHS

Filho de D.<sup>a</sup> Maria Maciel, costureira, e do Sr.<sup>o</sup> Francisco Vicente, vaqueiro. Sujeito Preto, baiano, capoeirista. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais na área de Cultura, Comunicação e Relações de Poder.

kennedy.maciel@ufabc.edu.br

### [RESUMO]

A palavra é a principal forma de compartilhamento do conhecimento na capoeira. Sua oralidade se pronuncia por diferentes ambientes e períodos históricos até os dias de hoje e segue verbalizada nas rodas de capoeira, carregada de histórias e memórias. O objetivo deste artigo é compreender os significados contemporâneos do improviso de uma ladainha de capoeira cantada por Mestre Nenê (Valdenir Alves dos Santos), na roda de capoeira realizada na Praça da República/SP. O método empregado consiste na análise bibliográfica referente ao tema proposto e na análise musical da Ladainha Brasil. As expectativas relacionadas aos resultados estão ancoradas principalmente nas teorias sociais de pretuguês (GONZALEZ, 1988b), violência linguística (HOOKS, 2013) e no método de análise de oralidade do africanista Jan Vansina (2010). Será observada a capacidade comunicativa de músicas de capoeira sobre um determinado período histórico ou político-social que possuem, especificamente, elementos constituintes da memória dos eventos de 1964 em relação ao golpe civil-militar, em uma comparação com o atual período do governo antidemocrático brasileiro estabelecido entre 2018 e 2022.

### [PALAVRAS-CHAVE]

capoeira; crítica social; oralidade; palavra do fundamento; política.

### [BIBLIOGRAFIA]

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro - RJ, nº 92-93 (jan./jun.), p. 69-82, 1988b.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ERA EU! ERA MEU MANO. **Mestre Nenê! Ladainha Brasil**. Youtube. 27 fev. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=6lnBVGh\\_U88](https://www.youtube.com/watch?v=6lnBVGh_U88)>. Acesso em: 24 abr. 2022.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: BRASIL. JOSEPH KI-ZERBO. **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 138-166.



**EIXO 07 -  
OS SABERES DE TERREIROS DE  
CANDOMBLÉ PRESENTE NAS  
ESCOLAS E NOS PROCESSOS  
ARTÍSTICOS**



MEL TAYNNÁ BRITO  
ARAÚJO ANDRADE<sup>187</sup>

## OJJI, MEMÓRIA E ÁRVORE ANCESTRAL: CURADORIA FOTOGRÁFICA DOS ARQUIVOS DA FAMÍLIA DE ASÈ

<sup>187</sup> Ilè Ibá Asè Kpósú Aziri

Artista visual, pesquisadora em arte e professora. Ekedji de Obaluayê no Ilè Ibá Asè Kpósú Aziri. Mestra em Artes pela UFC [2021] e licenciada em Artes Visuais pelo IFCE [2018]. Docente de Fotografia e Audiovisual da UniNassau. Integra o Laboratório de Investigação em Cultura, Corpo e Arte [LICCA - UFC].

melandrade90@gmail.com

### [RESUMO]

Na cultura Yorubá, o ser humano é formado por alguns elementos: *ori*, nossa cabeça; *ori inu*, nossa consciência; *ara*, nosso corpo; *emi*, o sopro da vida, a alma; e *ojji*, o único elemento que não desaparece, aquilo que resta de nós na memória dos que viveram conosco, as impressões e lembranças que as pessoas ainda têm de nós. A ancestralidade para a comunidade candomblecista é a sustentação para que nossas práticas e saberes tradicionais continuem existindo, principalmente por meio das pessoas que fazem a *egbé* e de seus conhecimentos, guardados na memória e repassados na oralidade. Este relato de experiência abrange a pesquisa memorial e de arquivo sobre a árvore genealógica dos filhos e irmãos de santo do Ilè Ibá Asè Kpósú Aziri, casa de Candomblé mais antiga do Ceará, fundada em 1975, em Fortaleza. O projeto *Ojji, Memória e Árvore Ancestral* foi selecionado pelos Territórios de Criação (2021) e objetivou identificar todos os filhos iniciados desde 1978, a partir dos documentos de arquivo, resultando na criação de um trabalho artístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental, com acesso a fotografias antigas, cadernos com anotações, fitas-cassete com áudios de cantigas e arquivos em vídeo etc. Interessava-me, especialmente, os retratos fotográficos dos filhos iniciados e, ao todo, foram recuperadas 66 imagens para formar uma exposição fotográfica dentro do próprio barracão do terreiro. Desenvolvi a curadoria fotográfica, organizando as imagens em conjuntos de “barcos” – nome dado ao grupo que se inicia junto – e levando em consideração a hierarquia do ilè. Enquanto *ekedji* da casa, acredito que o melhor resultado desta ação foi ter sido realizada por e para pessoas da *egbé*, pois essas fotografias importam e são compreensíveis a quem vive e é parte dessa genealogia, sobretudo ao reconhecer seus irmãos, filhos, pais e mães de santo, mantendo-as reservadas ao universo ancestral.

### [PALAVRAS-CHAVE]

arquivo; candomblé; fotografia; memória.

### [BIBLIOGRAFIA]

ANDRADE, Mel. *Exposição Ojji, Memória e Árvore Ancestral*. Fortaleza: Ilè Ibá Asè Kpósú Aziri, 2021.

PÂMELA DOS  
SANTOS PORTO<sup>188</sup>  
EDUARDO OLIVEIRA  
MIRANDA<sup>189</sup>

## POTENCIALIDADE DAS NARRATIVAS ORAIS PRESENTES NO TERREIRO: PENSAR O CORPO-TERRITÓRIO DOCENTE COM A CULTURA AFRICANA

<sup>188</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e Decolonialidade. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

pamelaaporto@hotmail.com

<sup>189</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Coordenador do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e Decolonialidade.

eduardomiranda48@gmail.com

### [RESUMO]

Debruçando-nos sobre as memórias e histórias de mestres da tradição de terreiros do Portal do Sertão, situados no município de Feira de Santana, concebemos a preservação do conhecimento ancestral, destacando valiosos fundamentos enraizados nas narrativas tradicionais. Nesta circunstância, enfatizamos as histórias de vida da Mestra Mãe Maria Pequena de Ogum. Além do realce às memórias, pretende-se discutir métodos que possibilitem o intercâmbio de saberes entre o terreiro e a universidade. Assim, a intenção é pensar de que forma a contação de histórias de matrizes africanas pode contribuir para o Corpo-Território docente e como esses saberes nos atravessam enquanto pesquisadores. A pesquisa possui cunho qualitativo e apoia-se na metodologia autobiográfica, com as narrações da Mestra. O subsídio teórico-metodológico se ampara, principalmente, nas concepções de Hampaté Bâ (2010) sobre a tradição oral em comunidades africanas; e nas de Miranda (2020) no que diz respeito ao Corpo-Território Decolonial no espaço escolar/acadêmico. Para esse fim, foram utilizadas Entrevistas Narrativas semiestruturadas, comuns entre os pesquisadores envolvidos, tornando-se possível realçar a valia presente na contação de histórias. A partir delas, verificou-se a constituição de novos olhares para individualidades e para a docência, além do resguardo de uma herança. Por fim, notou-se, principalmente, a contribuição para o fomento de espaços formativos com a cultura de matriz africana.

### [PALAVRAS-CHAVE]

terreiros; mestres; tradição oral.

### [BIBLIOGRAFIA]

B , Amadou Hampaté. A tradição viva. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8, p. 167-212.

MIRANDA, Eduardo. O. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

INIA BERNADETE  
PANTOJA COSTA<sup>190</sup>

## MEMÓRIAS SAGRADAS: A INVISIBILIZAÇÃO DA UMBANDA NOS ESPAÇOS OFICIALIZADOS PELA PERSPECTIVA MUSEOLÓGICA E PATRIMONIAL

<sup>190</sup> Universidade Federal do Pará - UFPA

Bacharela em Museologia pela Universidade Federal do Pará. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências do Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Pará.

iniacosta@outlook.com

### [RESUMO]

Este trabalho estuda a Tenda de Umbanda Luz do Oriente (TULO), localizada na cidade de Ananindeua, no estado do Pará, e tem por objetivo problematizar o apagamento de memórias negras Umbandistas nos museus de Belém. Assim, intenciona-se apontar as causas desta invisibilização e o processo de construção destas memórias nestes espaços, sob a perspectiva museológica e patrimonial. Enfatiza-se a oralidade como forma de transmissão de conhecimento e sua importância para a permanência destas memórias na contemporaneidade por meio da escuta da voz de Matenta, mãe de Santo da TULO. Além disso, as trocas entre Umbanda e Museologia promovem a quebra da lógica tradicional acadêmica e invertem os papéis enquanto, simultaneamente, fornece protagonismo às práticas realizadas no terreiro. Para a realização deste estudo foram realizados 1) uma entrevista com um questionário semiestruturado; 2) pesquisa bibliográfica e 3) registros fotográficos.

### [PALAVRAS-CHAVE]

memória; Umbanda; museologia; oralidade; patrimônio.

### [BIBLIOGRAFIA]

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.L.], v. 19, n. 19, 2009.

CUNHA, Marcelo. **Teatro de memórias, palco de esquecimentos: culturas africanas e da diáspora negra em exposições**. Tese de doutorado em história – PUC-SP, 2006, p. 68-88. \_\_\_\_\_. *Museus, Memórias e culturas afro-brasileiras*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação. nº 5. 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GONZALEZ, Léila. Por um feminismo Afro-latino-Americano. *Revista Isis Internacional*. Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: Palestra-Performance de Grada Kilomba**. 2016. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 2019.

FELÍNIO DE SOUSA  
FREITAS<sup>191</sup>

## DIZER A PALAVRA NA MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DOS SABERES DE TERREIROS DE CANDOMBLÉS

<sup>191</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP)

É mediador de leitura e mestrando (bolsista CAPES) pelo IA – UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli. Pesquisa as poéticas e relações entre Exu e mediadores de leitura, além do espaço de mediação interpretado a partir dos saberes de terreiros de candomblés.

felinio.freitas@unesp.br

### [RESUMO]

A pesquisa de mestrado relacionada a este trabalho, entre um dos seus percursos de investigação, analisa o espaço de mediação de leitura interpretado a partir dos saberes e da pedagogia dos terreiros de candomblés. Ao longo da história brasileira, os terreiros foram locais contra-coloniais e também criaram uma nova reconfiguração para o sensível, para o pertencimento e para a sobrevivência de corpos e saberes. A relação construída entre os espaços de mediação de leitura e os terreiros de candomblés ocorre por meio da potência inventiva de ambos os locais e pela possibilidade de desconstrução por meio do conhecimento e das provocações para pensar, questionar e rasurar as verdades postas pela/na sociedade. Fazer uma relação entre as poéticas dos espaços de mediação e os terreiros é avaliar como a palavra tem sido falada na mediação de leitura. Esta análise busca, portanto, entender os deslocamentos, as conexões e as polifonias emergentes do trabalho com mediação de leitura e, para tanto, utilizará conceitos como encruzilhada, Exu e assentamento de orixá. Além disso, para “bordar o pensamento”, ou seja, o gesto de pesquisar, traremos algumas pensadoras e pensadores, tais como Silva (2015), Santos (2012), Bordelois (2003), dentre outras/os.

### [PALAVRAS-CHAVE]

mediação de leitura; terreiros de Candomblé; orixá Exu.

### [BIBLIOGRAFIA]

BORDELOIS, Ivonne. **A palavra ameaçada**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: o guardião da casa do futuro**. Pallas Editora, 2015.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Ègun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.



**PARTE TRÊS:**  
**A GIRA - O ARRANJO DO**  
**SEMINÁRIO**  
**[PROGRAMAÇÃO]**





## SOBRE O SEMINÁRIO

O Seminário *Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação* foi uma iniciativa do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação* (GPIHMAE) e do *Grupo de Estudos Egungun*, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) da Unesp, realizado em conjunto com o SESC São Paulo, CAPES PROAP/AUXPE, ProfArtes-IA e PPGArtes-IA.

O objetivo do Seminário foi criar espaços de diálogo entre acadêmicos e não acadêmicos que têm em suas práticas pessoais, pedagógicas e de pesquisa, vivências encantadas de estar no mundo que abraçaram um ou mais de um de nossos pilares de investigação: *Corpas, Saberes e Territórios*.

Devido à pandemia mundial de Covid-19, o evento aconteceu de modo remoto, com inscrições gratuitas e abertas a todas as pessoas interessadas em apresentar suas pesquisas, projetos e práticas, assim como aos demais participantes/ouvintes.













**EIXO 07****OS SABERES DE  
TERREIROS DE  
CANDOMBLÉ  
PRESENTE NAS  
ESCOLAS E NOS  
PROCESSOS  
ARTÍSTICOS**

Os terreiros das religiões de matriz afro-brasileira são espaços educativos. Ao longo da história brasileira, esses locais tiveram uma importante atuação contra-colonial e, portanto, foram meios para uma nova reconfiguração de outras possibilidades de pensar e viver o mundo, visando o sensível, o pertencimento e a sobrevivência de corpos e saberes. Esta Roda de Conversa acolherá estudos que tenham como metodologia, inspiração e interpretação de mundo os saberes pedagógicos desses locais como forma de abordar e construir os seus processos artísticos e educativos.





